

Alice A. Bailey

**MORTE:
A GRANDE AVENTURA**





Dos Escritos de

Alice A. Bailey e

Do Mestre Tibetano, Djwhal Khull

MORTE: A GRANDE AVENTURA

COMPILADO POR DOIS ESTUDANTES

Tradução Dr. J. Treiger

Editado para
ASSOCIATION LUCIS TRUST
GENEBRA

EXTRATO DE UMA DECLARAÇÃO DO TIBETANO

Publicada em agosto de 1934

É suficiente dizer que sou um discípulo tibetano de certo grau, e isto diz muito pouco, pois todos são discípulos, desde o mais humilde aspirante até o Próprio Cristo, e mesmo além Dele. Vivo num corpo físico como outros homens, no Tibet, e às vezes (sob o ponto de vista exotérico) presido um grande grupo de lamas do Tibet, quando meus outros deveres o permitem. É este fato que fez com que fosse divulgado que eu seria um abade deste particular monastério. Os que estão associados comigo no trabalho da Hierarquia (e todos os verdadeiros discípulos estão associados neste trabalho) conhecem-me ainda por outro nome e função. A.A.B. sabe quem Eu sou e me identifica por dois de meus nomes.

Sou um irmão vosso que caminhou um pouco mais adiante no caminho do que o estudante comum, e, assim, incorreu em maiores responsabilidades. Sou um que combateu e lutou para abrir caminho para uma maior quantidade de luz do que o aspirante que lerá este artigo e devo, por isso, agir como um transmissor da luz, pouco importa o que isto custe. Não sou um velho, no sentido que a idade conta entre os instrutores; no entanto, não sou nem jovem nem inexperiente. Meu trabalho é ensinar e difundir o conhecimento da Sabedoria Eterna onde quer que encontre uma resposta, e tenho feito isto por muitos anos. Procuro também auxiliar o Mestre M. e o Mestre K.H. sempre que a oportunidade se oferece, pois desde há muito tenho estado ligado a Eles e ao Seu trabalho. Em tudo o acima, disse-lhes muito; entretanto, ao mesmo tempo, nada disse que vos levasse a me oferecerdes aquela obediência cega e toda devoção que o aspirante emocional oferece ao Guru e ao Mestre com quem ele ainda não consiga entrar em contato. Nem ele conseguirá fazer aquele desejado contato enquanto não transmute a devoção emocional em serviço altruísta à humanidade - não ao Mestre.

Os livros que escrevi são divulgados sem qualquer exigência de aceitação. Podem ser, ou não, corretos, verdadeiros e úteis. Depende de cada um de vós afirmar sua verdade pela prática correta e pejo exercício da intuição. Nem eu nem A.A.B. estamos absolutamente interessados em tê-los aclamados como escrita inspirada, nem que alguém fale deles (com respiração opressa) como sendo o trabalho de um dos Mestres. Se apresentarem a verdade de tal maneira que ela siga sequencialmente aquela já oferecida nos ensinamentos mundiais, se a informação dada elevar a aspiração e a vontade de servir, do plano das emoções para o da mente (o plano onde os Mestres podem ser encontrados), então terão servido ao seu propósito. Se o ensinamento transmitido provocar uma resposta da mente iluminada do cooperador do mundo e trazer um brilho de sua intuição, então, que o ensinamento seja feito. Mas não de outra maneira. Se as declarações depararem com uma corroboração final, ou forem consideradas segundo o teste da Lei das Correspondências, então tudo estará bem e bom. A não ser assim, que o estudante não aceite o que ficar dito.

Agosto 1934

ÍNDICE DE REFERÊNCIA

LIVROS DO TIBETA O (DJWHAL KHUL) através de ALICE A. BAILEY

	Livro Título	Edição	Referência	Página
1.	Iniciação Humana e Solar	1922	17ª ed.	22S
2.	Cartas de Meditação Ocultista	1922	16ª ed.	360
3.	Tratado do Fogo Cósmico	1925	14ª ed.	1.283
4.	Tratado de Magia Branca	1934	18ª ed.	640
5.	Discipulado da Nova Era I	1944	13ª ed.	790
6.	Discipulado da Nova Era II	1955	8ª ed.	768
7.	O Destino das Nações	1949	8ª ed.	152
8.	Problemas da Humanidade	1947	5ª ed.	181
9.	Miragem: Um Problema Mundial	1950	9ª ed.	272
10.	Telepatia e o Veículo Etérico	1950	12ª ed.	197
11.	Exteriorização da Hierarquia	1957	9ª ed.	701
12.	Educação da Nova Era	1954	4ª ed.	153
13.	Reaparecimento do Cristo	1948	11ª ed.	189
	Tratado dos Sete Raios			
14.	Psicologia Esotérica I	1936	13ª ed.	430
15.	Psicologia Esotérica II	1942	12ª ed.	751
16.	Astrologia Esotérica	1951	15ª ed.	695
17.	Cura Esotérica	1953	14ª ed.	715
18.	Os Raios e as Iniciações	1960	9ª ed.	769
	LIVROS DE ALICE BAILEY			
19.	A Consciência do Átomo	1922	9ª Ed.	159
20.	A Alma e seu Mecanismo	1930	7ª Ed.	153
21.	Do Intelecto à Intuição	1932	10ª Ed.	267
22.	De Belém ao Calvário	1937	4ª Ed.	284
23.	A LUZ da Alma	1927	9ª Ed.	428
24.	A Autobiografia Inacabada	1951	4ª Ed.	304

NOTA

Exemplo de Referência: Um número de referência, tal como, por exemplo, (12-135/6) ao fim de uma citação, deverá referir-se à citação tomada de "Educação na Nova Era" (12) começando na página 135 e continuada na página 136.

A GRANDE INVOCAÇÃO

Do ponto de Luz na Mente de Deus,
Flua Luz às mentes humanas;
Que a Luz desça à Terra

Do ponto de Amor no Coração de Deus,
Flua Amor aos corações humanos;
Que Aquele Que Vem volte à Terra.

Do Centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
Guie o propósito as pequenas vontades dos homens;
O Propósito que os Mestres conhecem e a que servem.

Do centro a que chamamos a raça humana,
Cumpra-se o Plano de Amor e Luz
E que ele vede a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder
Restabeleçam o Plano na Terra!

“A Invocação ou Oração acima não pertence a nenhuma pessoa ou grupo, mas a toda a Humanidade. A beleza e a força desta Invocação repousam em sua simplicidade e em sua expressão de certas verdades centrais que todos os homens inata e normalmente aceitam - a verdade da existência de uma inteligência básica a Quem nós vagamente damos o nome de Deus, a verdade que por trás de toda a aparência exterior, o poder motivador do universo é o Amor; a verdade que uma grande individualidade veio à Terra, chamada pelos cristãos o Cristo, e encarnou aquele amor de modo que o pudéssemos compreender; a verdade que tanto o amor como a inteligência são efeitos do que é chamada a Vontade de Deus; finalmente, a verdade autoevidente que somente através da própria humanidade pode o Plano Divino realizar-se.”

Alice A. Bailey

ÍNDICE

Prólogo	7
Parte I	9
Parte II	15
Parte III	19
Parte IV	22
Parte V	26
Parte VI	31
Parte VII	37
Parte VIII	39
Parte IX	42
Parte X	46
Parte XI	57
Parte XII	66
Parte XIII	77
Parte XIV	89
Glossário	94

Lembraí-vos, Oh Chela, que dentro das esferas conhecidas nada é senão luz respondendo à PALAVRA. Sabei que aquela luz desce e se concentra; sabeí que, do ponto escolhido para seu foco, ela ilumina a sua própria esfera; sabeí ainda que aquela luz ascende e deixa em escuridão o que ela - no tempo e espaço - iluminara. A esta descida e ascensão os homens chamam vida, existência e morte; a isto Nós Que palmilhamos o Caminho Iluminado chamamos morte, experiência e vida.

CURA ESOTÉRICA, (Volume IV)
(UM TRATADO SOBRE OS SETE RAIOS)
pág. 468

PRÓLOGO

I. Este nosso atual ciclo é o fim de uma era, e os próximos duzentos anos verão a abolição da morte, tal como nós atualmente entendemos essa grande transição, e o estabelecimento do fato da existência da alma. (14-96)

II. Nossas ideias sobre a morte têm sido errôneas; nós a temos considerado como o grande e derradeiro terror, enquanto que na realidade ela é a grande libertação, a passagem para uma dimensão de atividade muito mais plena, e a liberação da vida de um veículo cristalizado e de uma forma inadequada. (19-64/5)

III. Por que não dar as boas-vindas à Transição? Aprendei a regozijar-vos na experiência, a qual é o prêmio da sábia velhice, e a aguardar com alegria a Grande Aventura que vos espera. Vós bem sabeis - em vossos mais elevados momentos - que Transição significa conscientização sem nenhuma das limitações do plano físico. (6- 696)

IV. Doença e morte são, essencialmente, condições inerentes à substância; enquanto o homem se identificar com o aspecto forma, ele estará condicionado à Lei da Dissolução. Esta é uma lei natural e fundamental que governa a vida da forma em todos os reinos da natureza. (17-501)

V. Há uma técnica para morrer assim como há uma para viver... (4- 302)

VI. ... (As pessoas) esquecem de relacionar morte e sono. A morte, afinal, é apenas um intervalo mais longo na vida em atividade no plano físico; o homem apenas terá feito uma "viagem ao exterior" por um período mais longo. (4-495)

VII. ...a morte será melhor vista como experiência que nos liberta da ilusão da forma ... (22-243)

VIII. ...a morte é apenas um interlúdio numa vida de experiência constantemente acumulada... ela marca uma transição definida de um estado de consciência para outro. (22-242)

IX. A morte chega a cada indivíduo, no sentido comum do termo quando o desejo de viver num corpo físico desaparece e dá lugar ao desejo do abstrato. A isto chamamos morte. (18-164/5)

x. À proporção que a humanidade se tornar consciente da alma... a morte será vista como um processo "encomendado", executado em plena consciência e com compreensão do propósito cíclico. (17- 435/6)

XI. ...A Obra de Restituição... A Arte de Eliminação... Os Processos de Integração... Estes três processos são a morte. (17-394/5)

XII. A morte é um ato da intuição, transmitido pela alma à personalidade e depois executado em conformidade à vontade divina pela vontade individual. (16-599)

XIII. E então soa uma Palavra. O radiante ponto de luz, que descera, ascende, em resposta ao chamado do som fracamente ouvido, atraído de volta à fonte de sua emanção. A isto o homem chama morte e a isto a alma chama vida. (17-469)

XIV. A ressurreição é a nota-chave da natureza; a morte não é. A morte é apenas a antecâmara da ressurreição. (13-469)

PARTE I

Este nosso atual ciclo é o fim de uma era, e os próximos duzentos anos verão a abolição da morte, tal como nós atualmente entendemos essa grande transição, e o estabelecimento do fato da existência da alma. (14-96)

1) A Alma será conhecida como uma entidade, como o impulso motivador e o centro espiritual por trás de todas as coisas manifestadas. As próximas décadas verão certas grandes convicções confirmadas. O trabalho do Cristo e Sua principal missão há dois mil anos, foi demonstrar as possibilidades e poderes divinos latentes em cada ser humano. A proclamação que Ele fez no sentido de que somos todos filhos de Deus e possuímos um Pai universal, será olhada, no futuro, não apenas como uma bela, simbólica e mística afirmação, mas considerada como uma bela simbólica e mística afirmação, mas considerada como um pronunciamento científico. Nossa fraternidade universal e nossa essencial imortalidade serão demonstradas e compreendidas como fatos da natureza. (14-96).

2) Requer-se coragem para encarar o fato da morte, e para formular com clara precisão nossas próprias crenças sobre o assunto ...

A morte é o único acontecimento que podemos predizer com absoluta certeza e, contudo, é o acontecimento sobre o qual a maioria dos seres humanos, obstinadamente, se recusa a pensar, até serem confrontados com o iminente e pessoal problema. As pessoas encaram a morte de muitas maneiras diferentes; algumas trazem para a aventura um sentimento de autopiedade, e estão tão ocupadas com o que elas têm que deixar para trás, o que está a ponto de acabar para elas, e a renúncia a tudo que acumularam em vida, que o verdadeiro significado do inevitável futuro deixa de lhes prender a atenção. Outras encaram-na com coragem, tirando o melhor partido daquilo que não pode ser evitado, e olham para a face da morte com um gesto elegante porque nada mais há que possam fazer. Seu orgulho ajuda-as a enfrentar o acontecimento. Outras ainda recusam-se definitivamente a considerar a possibilidade; hipnotizam-se de modo tal que o pensamento da morte não encontra abrigo em suas consciências e elas não considerarão sequer essa possibilidade, de modo que quando ela chega, encontram-se desprevenidas; estão indefesas e nada mais podem fazer a não ser morrer, simplesmente. A atitude cristã, de modo geral, é definitivamente mais uma aceitação da vontade de Deus, com a resolução de considerar o acontecimento como sendo, por isso, o melhor dos acontecimentos, mesmo que ele assim não pareça quando olhado do ponto de vista ambiental e circunstancial. Uma firme crença em Deus e no Seu propósito predestinado para o indivíduo carrega-os triunfantemente através do portão da morte, porém, se lhes dissermos que isso é simplesmente outra forma de fatalismo do pensador oriental, e uma crença arraigada num destino inalterável, eles não acreditariam. Eles se escondem por trás do nome de Deus.

A morte pode, contudo, ser mais que estas coisas, e pode ser apresentada de um

modo diferente. Podemos levá-la a ocupar um lugar definido na vida e no pensamento, e podemos-nos preparar para ela como algo que não pode ser evitado, mas que simplesmente é o Portador de Mudanças. Assim nós tornamos o processo da morte uma parte planejada da totalidade do propósito inteiro de nossa vida. Nós podemos *viver* com a consciência da imortalidade, e isso dará um colorido e beleza a mais à vida; nós podemos promover a tomada de consciência de nossa futura transição, e viver com a expectativa de sua maravilha. A morte assim encarada, e vista como um prelúdio de uma adicional experiência de vida, toma um significado diferente. Torna-se uma experiência mística, uma forma de iniciação, que encontra o seu ponto culminante na Crucificação. Todas as renúncias menores precedentes nos preparam para a grande renúncia; todas as mortes anteriores nada mais são do que um prelúdio para o estupendo episódio de morrer. A morte lhes traz alívio - temporário talvez, embora afinal permanente - da natureza corpórea, da existência no plano físico e sua experiência visível. É uma libertação da limitação; e quer se acredite (como o fazem milhões de pessoas) que a morte seja somente um interlúdio numa vida de contínua e acumulativa experiência, ou que seja o fim de tal experiência (como o sustentam outros milhões), não há como negar o fato que ela marca uma transição definida de um *estado de consciência para outro*. (22-240/2)

3) Os estudantes da religião estudarão o lado da manifestação a que nós chamamos "lado da vida" tal como os cientistas estudam a chamada "matéria", e ambos chegarão à compreensão da estreita relação entre as duas, e assim o velho hiato e a antiga guerra entre ciência e religião ficarão temporariamente em suspenso. Métodos definidos de demonstração do fato de que a vida persiste após a morte do corpo físico seguir-se-ão, e a teia etérica será reconhecida como um fator no caso. (3-429)

4) O primeiro passo para a consubstanciação da realidade da alma é confirmar o fato de sua sobrevivência, embora isto não prove necessariamente a ocorrência da imortalidade. Ele pode, não obstante, ser considerado um passo na direção certa. Que alguma coisa sobreviva ao processo da morte, e que alguma coisa persista depois da desintegração do corpo físico, está sendo firmemente provado. Se assim não fosse, então seríamos vítimas de uma alucinação coletiva, e os cérebros e mentes de milhões de pessoas seriam falsos e enganadores, estariam enfermos e distorcidos. Tal gigantesca insanidade coletiva é mais difícil de se aceitar do que a alternativa de uma expansão de consciência. Contudo, este desenvolvimento segundo uma linha psíquica não prova a existência da alma, serve apenas para derrubar a posição materialista. (14-98/9)

5) O problema da morte, desnecessário dizer, fundamenta-se no amor à vida, que é o mais enraizado instinto da natureza humana. A determinação de que sob a lei divina nada se perde é reconhecida pela ciência; a permanência eterna sob esta ou aquela forma é outra verdade universalmente sustentada. Do entrechoque das diversas teorias, três principais soluções foram apresentadas, as quais são bem conhecidas pelas pessoas que pensam sobre este assunto:

1. *A solução estritamente materialista*, que postula a experiência e a expressão da vida consciente enquanto a forma física tangível existe e persiste, mas ensina também que, após

a morte e a subsequente desintegração do corpo, não mais existe em funcionamento qualquer tipo de individualidade consciente. O sentido do "Eu", a consciência de uma personalidade distinta em contraposição a todas as demais personalidades, desvanece-se com o desaparecimento da forma; a personalidade é vista apenas como a soma total da consciência das células do corpo. Esta teoria relega o homem à mesma categoria de quaisquer outras formas nos três outros reinos da natureza; baseia-se na incapacidade do ser humano comum de sentir a vida quando desligado de um veículo tangível; ignora toda evidência que aponta o contrário, e diz que porque não podemos ver (visualmente) e provar (tangivelmente) a persistência do "Eu" ou da entidade imortal após a morte, a alma não existe. Esta teoria já não tem um número tão grande de adeptos como em anos anteriores, particularmente durante a materialista era Vitoriana.

2. *Teoria da imortalidade condicional.* Esta teoria é ainda sustentada por certas escolas de pensamento, fundamentalista e teologicamente bitoladas, bem como por uns tantos membros da *inteligência*, primordialmente os de tendência egoísta. Ela postula que somente aqueles que alcançam um determinado grau de conhecimento espiritual, ou aqueles que aceitam um conjunto peculiar de pronunciamentos teológicos, podem receber o prêmio da imortalidade pessoal. Aqueles de elevada intelectualidade também argumentam, às vezes, que o dom supremo da humanidade é o de uma mente culta e desenvolvida, e que aqueles que possuem este dom são igualmente dotados de eterna permanência. Uma escola alija aqueles que ela considera espiritualmente recalcitrantes ou negativos à imposição de suas particulares certezas teológicas, seja pela completa aniquilação, como na solução materialista, seja por um processo de punição eterna, assim afirmando, ao mesmo tempo, uma forma de imortalidade. Graças à inata bondade do coração humano, pouquíssimas pessoas são vingativas ou irrefletidas o bastante para considerar aceitável esta apresentação e, naturalmente, entre elas incluímos as pessoas não-pensantes que fogem de suas responsabilidades mentais e se refugiam, numa crença cega, em pronunciamentos teológicos. A interpretação cristã oferecida pelas escolas ortodoxa e fundamentalista revela-se insustentável quando submetida ao raciocínio lógico; entre os argumentos que invalidam sua exatidão, reside o fato de que o cristianismo postula um longo futuro, porém nenhum passado; além disso, este futuro é inteiramente dependente das atividades desta presente vida episódica, e de modo algum leva em consideração as características e diferenças que distinguem a humanidade. Sustenta-se apenas na teoria de uma Deidade antropomórfica cuja vontade - ao ser exercida na prática - oferece um presente que não possui passado mas somente futuro; a injustiça desta situação é amplamente reconhecida, porém a inescrutável vontade de Deus não pode ser questionada. Milhões ainda acreditam nisto, porém não tanto quanto há cem anos.

3. *A teoria da reencarnação*, tão familiar aos meus leitores, torna-se cada vez mais popular no Ocidente; foi sempre aceita (embora com muitas adições e interpretações tolas) no Oriente. Este ensinamento tem sido muito distorcido, tal como têm sido distorcidos os ensinamentos do Cristo, de Buda, ou de Shri Krishna, por teólogos de mente estreita e limitada. Os fatos básicos - de uma origem espiritual, de uma descida à matéria, de uma ascensão por meio de constantes encarnações na forma, até que essas formas sejam expressões perfeitas da consciência espiritual que as habita, e de uma série de iniciações ao se aproximar o fim do ciclo de encarnação - estão sendo agora mais prontamente aceitos e

reconhecidos do que jamais o foram antes.

Estas são as grandes soluções dos problemas da imortalidade e da permanência da alma humana; elas visam a responder ao eterno questionamento do coração humano quanto a: De onde vim? Por quê? Até quando? Para onde vou? (17-400/2)

6) Dentro dos próximos poucos anos, o fato da permanência e da eternidade da existência terá ultrapassado o campo do questionamento e entrado no campo da certeza... Não haverá, na mente de qualquer pessoa, dúvida de que o descartar-se do corpo físico deixará o homem ainda como uma entidade viva e consciente. Saber-se-á que ele tem sua existência perpetuada, num reino que está por trás do físico. Saber-se-á que ele ainda está vivo, desperto e ciente disso. Isto será conseguido porque:

a. O desenvolvimento de uma faculdade no interior do olho físico do ser humano... revelará o corpo etérico... ver-se-á o homem ocupando esse corpo.

b. O crescimento do número de pessoas que têm o poder de usar o "terceiro olho redespertado" demonstrará a imortalidade, pois que elas verão, com facilidade, o homem que já deixou o corpo etérico bem assim o corpo físico.

c. Uma descoberta no campo da fotografia provará a sobrevivência.

d. Através do uso do rádio por aqueles que já tenham partido, a comunicação será finalmente estabelecida e reduzida a uma verdadeira ciência.

e. O homem, finalmente, estará sintonizado com uma percepção e um contato que lhe facultarão o *ver através de*, e isso lhe revelará a natureza da quarta dimensão; fundir-se-ão os mundos subjetivo e objetivo e disto resultará um novo mundo. A ideia da morte perderá seus terrores e esse especial terror chegará ao seu fim. (17-412/3)

7) É obvio que, quando a humanidade lograr esta perspectiva a respeito do fato da morte ou da arte de morrer, toda a atitude da humanidade sofrerá benéfica mudança. Isto será paralelamente acompanhado, no transcurso do tempo, por uma relação, entre os homens, a nível telepático; a inteligência do homem aumentará constantemente e a humanidade estará, progressivamente, focalizada em níveis mentais. Esta relação telepática será um fenômeno comum e corriqueiro, do qual o moderno espiritualismo é a garantia, embora a distorção (e distorção muito grave) se baseie em larga escala em criações mentais humanas voltadas para o desejo, com muito pouco de genuína telepatia. A telepatia que *existe* hoje entre o médium (quer ele esteja em transe ou não) e o amigo ou parente enlutados *não* é entre aquele que experimentou o alívio da morte e aquele que ainda está na forma. É preciso ter isto sempre em mente. No ínterim, onde a mente não é normalmente telepática, pode haver (embora isso ocorra muito raramente) a interposição de uma mediunidade baseada em clarividência e clariaudiência, porém não com transe. Isto ainda necessitará de contato através de um terceiro elemento, e será inteiramente astral; estará, por esse motivo, cheio de miragem e erro. Será, todavia, um passo adiante das atuais atividades mediúnicas que simplesmente ignoram o homem que está morto e dão ao consulente apenas o que o médium lê na aura deste - a recordação que tem da aparência pessoal do morto, lembranças significativas armazenadas na memória do consulente, e criações ilusórias a respeito de conselhos que se pedem porque o consulente acredita que por que um homem está morto, tem que ser mais sábio do que até então. Quando às vezes

o médium consegue estabelecer genuína comunicação, é porque o consulente e o morto são tipos mentais e há portanto uma afinidade telepática entre ambos, que o médium intercepta.

A humanidade está progredindo, desenvolvendo-se e tornando-se progressivamente mental. A relação entre mortos e vivos deverá, e será, feita em níveis mentais, antecedente aos processos de integração; o verdadeiro desligamento da comunicação ocorrerá quando a alma humana for reabsorvida pela superalma, antes de reencarnar novamente. O fato da comunicação, até essa ocasião, contudo, destruirá completamente o temor da morte. No caso de discípulos trabalhando no Ashram de um Mestre, até este processo de integração deixará de constituir uma barreira.

8) Assim, encontramos gradualmente emergindo, no mundo, um vasto grupo de sensitivos treinados cujos poderes são compreendidos e que atuam no plano astral com a mesma inteligência com que atuam no plano físico e que se estão preparando para expressar os poderes psíquicos mais elevados - a percepção e a telepatia espirituais. Essas pessoas constituirão, finalmente, um corpo de almas que se unem, servindo de mediadores entre aqueles que não podem ver ou ouvir no plano astral porque são prisioneiros do corpo físico, e aqueles que são igualmente prisioneiros do plano astral, por lhes faltar o equipamento físico de resposta.

A grande necessidade, portanto, não é que deixemos de consultar nossos sensitivos e médiuns, mas sim que os treinemos corretamente, os protejamos inteligentemente, e assim liguemos, através de seus instrumentos, os dois mundos, físico e astral. (13-15)

9) Com o correr do tempo e antes do final do próximo século, a morte será finalmente vista como não-existente, no sentido em que é agora entendida. A continuidade de consciência será tão amplamente desenvolvida e um tão grande número de homens dos mais elevados tipos atuarão simultaneamente nos dois mundos, que o velho temor desaparecerá e o intercâmbio entre os planos astral e físico estará tão firmemente estabelecido, e a tal ponto cientificamente controlado, que o trabalho dos médiuns em transe chegará, justificada e misericordiosamente, ao fim. (4-301)

10) Gostaria também de destacar que a chamada mediunidade em estado de transe será, inevitavelmente, suplantada pela mediunidade que é oferecida pelo homem ou mulher claridentes ou clariaudientes no plano astral, e que, por conseguinte, em plena consciência vigil e com o cérebro físico alerta e ativo podem oferecer-se como intermediários entre os homens em corpos do plano físico (e portanto cegos e surdos nos níveis mais sutis) e aqueles que, tendo deixado seus corpos, estão excluídos da comunicação física. Este tipo de sensitivo pode comunicar-se com ambos os grupos e seu valor e utilidade como médiuns será incalculável se forem pessoas sinceras, desprendidas, puras e devotadas ao serviço. Mas no treinamento a que se submeterem, terão que evitar os atuais métodos negativos, e ao invés de se "sentarem para se desenvolverem" num silêncio vazio e expectante, deveriam esforçar-se para trabalhar positivamente como almas, mantendo-se na inteligente e consciente posse do mecanismo inferior de seus corpos; terão que saber qual centro no corpo estão usando enquanto trabalham psiquicamente e

terão que aprender a olhar, *como almas*, para o mundo de ilusão no qual estão se incumbindo de trabalhar; de sua elevada e pura posição, que eles vejam claramente, ouçam com fidelidade e transmitam corretamente, para assim servir à sua era e geração e tornar o plano astral um lugar de atividade familiar e bem conhecido, acostumando a humanidade a um estado de existência onde são encontrados seus semelhantes, adquirindo experiência, vivendo e seguindo o Caminho. (13-12/3) Na vindoura Era de Aquário, veremos a humanidade produzir uma cultura sensível aos mais sutis e elevados valores espirituais; uma civilização que estará liberta da miragem e de grande parte da ilusão que hoje colore os povos arianos, e uma vida racial que será corporificada em formas que servirão de ponte para transpor a lacuna que atualmente existe; estará liberta do que conhecemos como doenças da pior espécie, embora a morte e certas formas de colapso corporal que podem, finalmente, levar à morte, prevaleçam ainda. A superação da morte não depende de eliminação dos males físicos, mas do estabelecimento daquela continuidade de consciência que se estende do plano da vida física até a existência subjetiva interna. Deste estado de ser, grupos, como este terceiro grupo, podem ser os guardiães e seu problema é portanto:

(...) Desenvolver aquela continuidade de consciência que lhes "abrirá as portas da vida e dissipará o medo do conhecido e daquilo que desaparece". (13-44/5)

PARTE II

Nossas ideias sobre a morte têm sido errôneas; nós a temos considerado como se ela fosse o grande e derradeiro terror, enquanto que, na realidade, ela é a grande libertação, a passagem para uma dimensão de atividade muito mais plena, e a liberação da vida de um veículo cristalizado e de uma forma inadequada. (19-64/5)

1) *NOSSO ASSUNTO* agora é a salvação da natureza corpórea através do processo da morte...

Definamos primeiramente este misterioso processo ao qual todas as formas estão sujeitas e que é, frequentemente, apenas o temido fim - temido por não ser entendido. A mente humana está tão pouco desenvolvida que o medo do desconhecido, o terror do que não lhe é familiar, e mais o apego à forma, criaram uma situação em que uma das mais benéficas ocorrências no ciclo de vida de um Filho de Deus em encarnação é olhada como algo a ser evitado e adiado tanto quanto possível.

A morte - se ao menos pudéssemos entender isto - é uma das atividades que mais exercemos. Nós temos morrido muitas vezes e morreremos outras tantas. A morte é, essencialmente, uma questão de consciência. Nós estamos conscientes, por um momento, no plano físico, e um momento depois, retiramo-nos para outro plano e ficamos ativamente conscientes nele. Enquanto nossas consciências estiverem identificadas apenas com o aspecto forma, a morte nos terá presas do seu velho terror. Por outro lado, assim que nos conhecermos como almas e descobriremos que somos capazes de focalizar nossa consciência, ou sentido de percepção, em qualquer forma ou em qualquer plano, à nossa escolha, ou em qualquer direção, dentro da forma de Deus, não mais conheceremos a morte.

A morte, para o comum dos homens, é um fim cataclísmico, que envolve o término de todas as relações humanas, o cessar de toda a atividade física, o rompimento de todos os laços de amor e de afeição, e a passagem (relutante e sob protesto) para o desconhecido e o temido. É análogo ao abandonarmos um quarto iluminado e aquecido, aconchegante e familiar, onde estão reunidos nossos entes queridos, para entrarmos numa noite fria e escura, sozinhos e aterrorizados, esperando pelo melhor mas sem certeza de coisa alguma.

Mas as pessoas são propensas a esquecer que todas as noites, durante as horas de sono, morremos para o plano físico, e estamos vivos e atuantes em algum outro lugar. Elas se esquecem de que já têm facilidade para abandonar o corpo físico; porque não podem ainda trazer de volta para a consciência do cérebro físico a lembrança dessa passagem, e o subsequente intervalo de vida ativa, deixam de relacionar morte e sono. A morte, afinal, é apenas um intervalo mais longo na vida que funciona no plano físico; nós apenas "saímos de viagem" por um período maior. Mas o processo do sono diário e o processo ocasional de morrer são idênticos, com a única diferença de que, no sono, o fio magnético ou corrente de energia ao longo do qual corre a força da vida, é preservado intacto, e constitui o caminho de retorno ao corpo. Na morte, este fio da vida é partido ou interrompido. Quando isto acontece, a entidade consciente não pode retornar ao corpo físico denso, e

esse corpo, faltando-lhe o princípio de coesão, então se desintegra. (4-493/5)

2) 1. O *Medo da Morte* está baseado em:

- a. Um temor aos processos de submissão final no ato da morte propriamente dita.
- b. Horror do desconhecido e do indefinível.
- c. Dúvidas sobre a imortalidade final.
- d. Tristeza ao deixar para trás os entes queridos ou ser por eles deixado.
- e. Antigas reações a mortes violentas passadas, que jazem no fundo do subconsciente.
- f. Apego à vida na forma, uma vez que esta é primordialmente identificada com a consciência.
- g. Velhos e errôneos ensinamentos sobre o Céu e Inferno, ambos igualmente desagradáveis na perspectiva de certos tipos.

Falo sobre a Morte como alguém que conhece a matéria tanto da experiência do mundo exterior quanto da expressão da vida interior:

- Não existe morte. Há, como sabemos, a entrada em uma vida mais plena. Há libertação dos embaraços do veículo corpóreo. O tão temido processo de sujeição não existe, exceto nos casos de morte súbita e violenta, e mesmo aí, as únicas e reais molestações são um instantâneo e avassalador sentido de perigo iminente e destruição, e algo muito parecido a um choque elétrico. Nada mais. Para os não evoluídos, a morte é, literalmente, um sono e um esquecimento, pois a mente não está suficientemente desperta para reagir, e o armazém da memória está ainda praticamente vazio. Para a média dos bons cidadãos, a morte é a continuação do processo da vida em sua consciência, e um prolongamento dos interesses e tendências da vida. Sua consciência e seu sentido de percepção permanecem os mesmos e inalterados. Ele não sente muita diferença, é bem cuidado, e frequentemente não tem noção de ter passado pelo episódio da morte. Para os corrompidos e cruelmente egoístas, para os criminosos e para aqueles poucos que vivem apenas para o lado material, resulta aquela condição a que chamamos "presos à terra". As cadeias que eles forjaram com a terra, e as tendências terrenas de seus desejos, forçam-nos a permanecer junto à terra e ao último cenário de seu ambiente terreno. Eles procuram desesperadamente, e por todos os meios possíveis, fazer novamente contato com ele e para ele voltar. Em alguns raros casos, um grande amor pelos que ficaram para trás, ou o não-cumprimento de um reconhecido e premente dever, mantém os bons e belos numa condição até certo ponto similar. Para o aspirante, a morte é a imediata passagem para uma esfera de serviço e expressão à qual ele está bem acostumado e que ele reconhece, imediatamente, como familiar. Nas suas horas de sono ele desenvolveu um campo de serviço ativo e de aprendizagem. Ele agora simplesmente atua nele durante as vinte e quatro horas (falando em termos de tempo no plano físico) e não apenas nas suas poucas horas de sono terreno. (4-300/1)

3) Outro temor que induz o homem a considerar a morte uma calamidade é aquele que foi inculcado pela religião teológica, particularmente pelos fundamentalistas protestantes e a Igreja Católica Romana! (1) - o temor do inferno, a imposição de penalidades, geralmente desproporcionais aos erros de uma vida, e os terrores impostos

por um Deus zangado. Diz-se ao homem que ele tem que se submeter a estas coisas e que não há como delas escapar, exceto por meio da expiação reparadora. Não existe, como bem sabemos, um Deus zangado, ou inferno, ou reconciliação vicariante. Existe apenas um grande princípio de amor que anima o universo inteiro; existe a presença de Cristo indicando à humanidade a realidade da alma, e de que somos salvos pela vivência dessa alma, e que o único inferno é a própria terra, onde aprendemos a trabalhar pela nossa própria salvação, impulsionados pelo princípio de amor e luz, e incitados a isso pelo exemplo de Cristo e o estímulo interno de nossas próprias almas. Este ensinamento acerca do inferno é o resultado da tendência sádica dada ao pensamento da Igreja Cristã na Idade Média, e dos ensinamentos errôneos que se encontram no Velho Testamento a respeito de Jeová, o Deus tribal dos judeus. Jeová *não* é Deus, o Logos Planetário, o Coração de Eterno Amor Que o Cristo revelou. À proporção que estas ideias errôneas forem desaparecendo, o conceito de inferno desvanecer-se-á da memória do homem, e seu lugar será ocupado pela compreensão da lei que faz cada homem trabalhar, no plano físico, pela sua própria salvação, que o leva a corrigir os erros que possa ter cometido em suas vidas terrenas, o que lhe permite, eventualmente, "limpar a própria ficha".

1. hoje amplamente corrigido - N. do T.

Não procuro aqui provocar uma discussão teológica. Procuro, somente, mostrar que o atual medo da morte deve dar lugar a uma compreensão inteligente da realidade e à substituição de um conceito de continuidade que anulará a perturbação e enfatizará a ideia de uma vida e uma Entidade consciente em muitas experiências corpóreas. (17-393/4)

3) No século vindouro, ver-se-á que a morte e a vontade terão, inevitavelmente, novos significados para a humanidade, e muitas das velhas ideias desaparecerão. A morte, para o homem pensante comum, é um ponto de crise catastrófica. É a cessação e o fim de tudo que ele amou, de tudo que é familiar e que ele desejou; é uma convulsão de entrada no desconhecido, na incerteza, e um fim abrupto de todos os planos e projetos. Não importa quanto a verdadeira fé nos valores espirituais possa estar presente, não importa quão lúcida a mente possa ser ao racionalizar a respeito da imortalidade, não importa quão convincente a evidência da permanência e eternidade, ainda assim permanece uma dúvida, um reconhecimento da possibilidade de completa terminação e negação e um fim de toda a atividade, ou de todas as reações do coração, de todo o pensamento, emoção, desejo, aspiração, e dos propósitos que se focalizam no núcleo central do ser humano. A ânsia e a determinação para permanecer e o sentido de continuidade ainda repousam, mesmo no caso do crente mais determinado, sobre a probabilidade, sobre uma fundamentação insegura, e sobre o testemunho de outros - os quais realmente jamais voltaram para contar a verdade. A ênfase de todo o pensamento sobre este assunto diz respeito ao "Eu" central ou à integridade de Deus. (18-101/2)

4)

5) O *instinto de autopreservação* tem sua raiz em um inato temor da morte; impelido pela presença deste medo, o homem tem lutado para atingir o atual ponto de longevidade e resistência. As ciências que se ocupam com a preservação da vida, o conhecimento médico atual, e as conquistas do conforto civilizado, tudo se desenvolveu a partir deste medo básico. Tudo se volta para a persistência do indivíduo e para a condição preservada do ser.

A humanidade continua, como raça e como reino da natureza, como resultado desta tendência a sentir medo, esta reação instintiva da unidade humana para a autoperpetuação. (4-626)

6)

6) Anseio que vocês possam compreender o ensinamento que lhes dei antes de prosseguirmos para aquilo que é explanatório ou novo. Estudem-no cuidadosamente para que o tema da morte possa, mais segura e sensatamente, tomar forma em suas mentes. Procurem alcançar o assunto por um novo ângulo e ver a lei, o propósito e a beleza de intento naquilo que, até agora, tem sido um terror e o medo maior.

Mais tarde empenhar-me-ei em dar-lhes um vislumbre de como a alma registra o processo da morte quando empreende o ato de restituição. Para vocês, o que digo pode parecer especulativo ou hipotético; de qualquer forma, será uma afirmativa cuja exatidão poucos estarão em condições de provar. Mas, por certo, irmão meu, ela será mais razoável, mais salutar, mais correta e bela, do que a atual escuridão e esperança doentia, e da infeliz especulação e frequente desespero que se abate, hoje, sobre cada leito de morte. (17-436/7)

PARTE III

Por que não acolher com alegria a Transição?

Aprendam a exultar com a experiência, que é o prêmio da velhice sábia, e aguardar com alegria a Grande Aventura que os espera. Vocês bem sabem que - nos instantes de maior elevação - Transição significa realização sem qualquer das limitações do plano físico. (6-696)

1) AS RAZÕES pela quais um discípulo deve, pelo menos, empenhar-se em não descansar indevidamente, mas, pelo contrário, prosseguir apesar da fadiga (a fadiga dos anos vividos), apesar dos recentes "estalos" do aparelho humano, e da inevitável tendência que advém do serviço constante e do constante contato com os demais, podem ser assim enumerados:

1. Ele deve esforçar-se para levar consigo o ritmo de serviço e vida útil quando - liberto do corpo físico - se encontrar do outro lado do véu. Não deve haver interrupção nesse serviço.

2. Ele deve esforçar-se ao máximo para preservar a continuidade de sua consciência como um discípulo *trabalhando*, e não permitir que surja interrupção entre o seu atual ponto de tensão e aquele ponto de tensão que sobrevém após a experiência da morte.

3. Ele deve esforçar-se para encerrar o episódio da experiência desta vida de tal modo que fique claro que ele é membro de um Ashram; ele não pode permitir ruptura alguma na relação estabelecida, ou qualquer interrupção do fluxo da vida ashramica através dele para o mundo dos homens. Esta atividade - devido à natural e normal deterioração do veículo físico à proporção que este envelhece - não é uma tarefa fácil; ela requer uma definida concentração de esforços, e isto faz crescer a tensão em que um discípulo vive sempre...

Os discípulos no meu Ashram têm uma responsabilidade dual de se manterem constantes numa *preservação de conscientização* - se e que posso usar tal expressão. Esta firmeza não pode ser relaxada de modo algum pela proximidade da velhice, e não pode permitir que ela desapareça na transição da morte. É pelo inquebrantável pensamento consciente de um consolidado grupo de discípulos que o Mestre de um Ashram trabalha. Não é tanto o serviço ativo externo de um grupo de discípulos que tem maior importância (embora este tenha necessariamente um propósito vital) mas sim o pensamento do grupo coeso e integrado que é tão potente em realizar mudanças na consciência humana. O problema peculiar da presente crise mundial e os tremendos reajustamentos na consciência humana - inerentes ao surgimento de uma nova cultura, civilização e religião mundiais - autorizam-me a apresentar aos membros do meu Ashram (e até grupos filiados, como o de vocês) a oportunidade de preservar intacto e livre de qualquer deterioração seu "estado mental" pelos anos que lhes restarem de vida, pelo processo de dissolução, e daí para a liberdade do outro lado do véu. Esta preservação da integridade da consciência não é tarefa fácil: requer compreensão e deliberado esforço. (6-502/4)

2) Quando, a verdadeira natureza do Serviço for compreendida, descobrir-se-á que este é um aspecto daquela energia divina que trabalha sempre sob o aspecto destruidor, uma vez que destrói as formas com o propósito de libertar. O serviço é uma manifestação do Princípio de Liberação e, deste princípio, a morte e o serviço constituem dois aspectos. O serviço salva, libera e redime, em vários níveis, a consciência aprisionada. O mesmo se pode dizer a respeito da morte. (4-537)

3) Notem que estou aqui tratando do tema da morte quando esta faz sentir sua presença através da doença ou da velhice. Não me estou referindo à morte que vem pela guerra ou acidente, por assassinio ou suicídio. Estas, e outras causas de morte, pertencem a processos diretivos totalmente diferentes; elas podem sequer envolver o carma de um homem ou seu destino individual, como no caso da guerra. Então, grande numero de pessoas são mortas. Isto nada tem a ver com a Lei de Causa e Efeito como um fator na carreira da alma de qualquer indivíduo. Não é um ato de restituição, planejado por uma alma em particular ao desenvolver seu destino individual. A morte através dos processos destrutivos da guerra está sob a direção e atenção cíclica do Logos Planetário, que opera através da Câmara do Conselho em Shambala. Os Seres Que lá dirigem os processos mundiais sabem que chegou um momento em que a relação entre o mal planetário e as Forças de Luz ou do Bem alcançaram um ponto de "antagonismo explosivo" (como é chamado). A isto deve ser dada rédea solta, para que o propósito divino possa desenvolver-se sem peias. Portanto, a explosão é permitida; não obstante, um fator de controle está sempre presente ainda que o homem não o perceba. Uma vez que estes Seres (Que executam a vontade de Deus) não estão de modo algum identificados com a vida da forma, eles têm, por isso mesmo, uma justa apreciação da relativa importância da vida na forma; a destruição das formas é, para Eles, não morte, no sentido em que a entendemos, mas simples e unicamente um processo de libertação. É a limitada visão das pessoas identificadas com a forma que tem tão consistentemente alimentado o terror da morte. O ciclo em que estamos agora vivendo presenciou a maior destruição de formas humanas em toda história do nosso planeta. *Não houve destruição de seres humanos.* Gostaria que prestassem atenção a esta afirmativa. Devido a esta destruição em massa, a humanidade alcançou muito rapidamente uma atitude mais serena em relação a morte. Isto ainda não é aparente, porém - dentro de alguns anos - a nova atitude se fará notar, e o terror da morte começará a desvanecer-se no mundo. Isto será também largamente devido à crescente sensibilidade de resposta do aparelho humano, levando a um retomo ao interior ou a uma nova orientação da mente humana, com resultados imprevisíveis.

A base de todas as guerras é, fundamentalmente, o sentido de separatividade. Este individualismo fundamental ou o satisfeito o conhecimento de isolacionismo leva a todas as causas secundárias da guerra: avidez, produzindo desastre econômico; ódio, gerando atrito nacional e internacional; crueldade, trazendo dor e morte. As raízes da morte estão, portanto, profundamente arraigadas; é a destruição do ciclo de separatividade individual no plano físico que nós chamamos morte, na sua acepção comum; consequentemente, a morte é um processo de unificação. Se pudessem ver o assunto com um pouco mais de profundidade, saberiam que a morte liberta o indivíduo para uma existência menos restrita e confinada e, finalmente - quando o processo da morte tenha sido aplicado a

todos os três veículos nos três mundos - para uma vida de universalidade. Este é um ponto de inexprimível graça. (17-431/3)

4) A respeito do alongamento da expectativa do tempo de vida durante o último século de conquistas científicas, eu diria que técnicas verdadeiras e as possibilidades de atividade organizada da alma são sempre parodiadas e falsamente demonstradas, no plano físico, pelas anteriores atividades científicas, corretas na motivação, mas que são apenas um símbolo, na esfera exterior da vida, de vindoura e usualmente futura atividade da alma. A duração da vida será, por fim, diminuída ou prolongada, à vontade, pelas almas que servem conscientemente, e usam o mecanismo do corpo como o instrumento por meio do qual o Plano é cumprido. Com frequência, hoje, vidas são preservadas na forma - na velhice como na infância - que melhor seria fossem libertadas. Elas não servem a propósito útil algum e ocasionam muita dor e sofrimento às formas que a natureza (se deixada sem interferência) não mais usaria e extinguiria. Notem essa palavra. Devido à demasiada ênfase sobre o valor da vida da forma, e devido ao universal medo da morte - essa grande transição que todos temos que enfrentar - e devido à nossa incerteza sobre a realidade da imortalidade, e também devido ao nosso profundo apego à forma, nós detemos os processos naturais e conservamos a vida, que está lutando para se libertar, confinada a corpos absolutamente inadequados para os propósitos da alma. Não me interpretem mal. Não é meu desejo dizer coisa alguma que pareça premiar o suicídio. Mas digo, e faço-o enfaticamente, que a Lei do Carma é frequentemente posta de lado quando se preservam, em expressão coerente, formas que deviam ser abandonadas, pois que não mais servem a um propósito útil. Esta preservação, na maioria dos casos, é imposta pelo grupo a que o indivíduo pertence e não por ele próprio - frequentemente um inválido inconsciente, uma pessoa idosa cujo aparelho de contato e resposta é imperfeito, ou um bebê que não é normal. Estes casos constituem claros exemplos de um distanciamento da Lei do Carma. (17-350/1)

PARTE IV

Doença e morte são, essencialmente, condições inerentes à substância; enquanto o homem se identificar com o aspecto forma, ele estará condicionado pela Lei da Dissolução. Esta é uma lei natural e fundamental que governa a vida da forma em todos os reinos da natureza. (17-501)

1) A LIBERAÇÃO de uma alma por meio da doença e da morte não é, necessariamente, uma ocorrência infeliz. Uma melhor e nova atitude diante do fenômeno da morte é essencial, é possível e está próxima. Sobre isto, não preciso aqui alongar-me mais. Mas procuro apresentar um novo ponto de vista sobre o tópico da doença e da morte. (17-350)

2) Segundo, a doença é, às vezes, inerente ao processo de retirada da alma de sua habitação, e parte dele. A isto chamamos morte, e esta pode sobrevir rápida e inesperadamente quando a alma se retira, de súbito, do seu corpo. Ou a morte pode estender-se por um longo período de tempo, e a alma pode levar vários meses ou anos, em lenta e gradual emergência do corpo, enquanto este morre paulatinamente. (17-41)

3) A doença pode ser um processo de morte lenta e gradual, e assim ir liberando a alma. Nesse caso a cura não será possível, porém medidas paliativas e melhoradoras são necessárias e devem, sem dúvida, ser usadas. A duração da vida pode ser prolongada, porém a cura final e permanente está fora de questão. Isto o curador mental falha em reconhecer. Fazem da morte um horror, enquanto que a morte é um amigo benéfico.

A morte pode ser o súbito e final chamado para que o corpo renuncie à alma e a deixe livre para outro serviço.

Em todos estes casos, tudo o que for possível deve ser feito do ponto de vista da moderna ciência médica e cirúrgica e das ciências afins, das quais há hoje um tão grande número. Muito também, pode ser feito sob o ângulo da cura mental e espiritual, com a ajuda da ciência da psicologia. Algum dia deverá surgir uma cooperação entre estes vários campos e uma síntese de seus esforços. (17-42)

4) Será evidente, para o pensador fortuito, que muitas doenças e muitas causas de morte são devidas a condições ambientais pelas quais ele não é, de forma alguma, responsável. Estas variam, de ocorrências puramente externas a predisposições hereditárias. Podemos enumerá-las assim:

1. *Acidentes*, que podem ser provocados por negligência pessoal, acontecimentos grupais, descuido de outras pessoas e resultado de lutas, como greves trabalhistas ou guerra. Podem ser também resultado de ataques do mundo animal, por cobras, envenenamentos acidentais, e muitas outras causas.

2. *Infecções* que chegam ao homem do exterior e não como resultado de uma condição peculiar de seu próprio sangue. Tais infecções são as várias doenças chamadas infecto-

contagiosas e epidemias predominantes. Elas podem acometer um homem pela razão de seu dever, pelos contatos diários, ou pelas condições do meio que favoreçam a disseminação da doença.

3. *Doenças provocadas por desnutrição*, particularmente no caso de jovens. Este estado de desnutrição predispõe o corpo à doença, diminui a resistência e a vitalidade e desequilibra os "poderes de luta" do homem, levando à morte prematura.

4. *Hereditariedade*. Há, como bem sabemos, certas formas de fraquezas hereditárias, que, ou predispõem uma pessoa a certas doenças e consequente morte, ou provocam nela condições que levam a um paulatino enfraquecimento da vontade de viver; há também, aquelas tendências que constituem uma forma de perigoso apetite, que conduzem a hábitos indesejáveis, a uma frouxidão de moral, e são perigosas para a vontade do homem, tornando-o impotente para lutar contra essas inclinações. Ele sucumbe a elas e paga o preço de tais hábitos, que é doença e morte. (17-18/9)

5) Há uma ou duas coisas que gostaria de deixar claras e que devem por sua vez, ser esclarecidas ao paciente.

1. Não há garantia de cura. Os pacientes devem compreender que a continuação da vida no corpo físico não é o mais elevado objetivo possível. Pode ser esse caso se o serviço a ser prestado é de real significado, se restam ainda obrigações a ser cumpridas, e se outras lições precisam ainda ser aprendidas. A existência corpórea não é, contudo, o summum bonum da existência. A libertação das limitações do corpo físico é de real benefício. Os pacientes devem aprender a reconhecer e aceitar a Lei do Carma.

2. É inútil ter medo. Um dos primeiros objetivos do agente curador deve ser o de ajudar o paciente a alcançar uma atitude de expectativa alegre e saudável sobre o futuro - não importa o que esse futuro possa trazer. (17-387)

6) Portanto, aquele que cura tem a obrigação de um desempenho eficaz, e segundo o que ele é, assim será o efeito sobre o paciente. Quando o curador trabalha magneticamente e irradia a força de sua alma para o paciente, este consegue, mais facilmente, alcançar o fim desejado - que pode ser a cura total, ou pode ser o estabelecimento de um estado mental que permita ao paciente conviver consigo mesmo e com sua enfermidade, desembaraçado das limitações cármicas do corpo. Ou pode ser permitido ao paciente, alcançar (com alegria e facilidade) a correta liberação do corpo e, através do portal da morte, passar para a saúde perfeita. (17-8)

7) Vários devotos e curadores geralmente assumem a posição de que é da maior importância que o veículo físico seja liberto da doença e arrebatado aos processos da morte. Poderia, contudo, ser desejável (e geralmente é) permitir à doença fazer seu trabalho, e que a morte abrisse a porta para a alma escapar da prisão. Chega, inevitavelmente, a todos os seres encarnados, o momento em que a alma exige liberação do corpo e da vida da forma e a natureza possui seus próprios e sábios meios para fazer isso. Doença e morte devem ser reconhecidas como fatores de liberação quando chegam como resultado da correta escolha da alma. Os estudantes precisam compreender que a forma física é um agregado de átomos, reunidos em organismos e finalmente num corpo

coeso, e que este corpo é mantido, como um todo, pela vontade da alma. Retira-se essa vontade para o seu próprio plano ou (segundo a expressão ocultista) "deixai que o olho da alma se volte para outra direção" e, no presente ciclo, a doença e a morte, inevitavelmente, sobrevirão. Isto não é um erro da mente, ou falha em reconhecer a divindade, ou sucumbir ao mal. É, na realidade, a resolução da natureza da forma em suas partes componentes e essência básica. A doença é, essencialmente, um aspecto da morte. É o processo pelo qual a natureza material e a forma substancial se preparam para se separarem da alma. (17-111)

8) Ninguém jamais é trazido de volta dos "portões da morte" quando seu carma indica que sua hora tenha chegado; o ciclo de vida no plano físico, pois, termina, a menos que se trate de um trabalhador de um Ashram, um discípulo de certa envergadura cujo trabalho e presença são ainda necessários na terra para completar a tarefa que lhe foi dada. Então o Mestre do Ashram pode reunir Seu conhecimento e energia à do curador ou à do paciente, e produzir um adiamento da partida. Com isto não podem contar, nem o curador nem o paciente, pois não conhecem as completas e justificáveis circunstâncias. (17-704)

9) Quando a morte é definitivamente indicada e os "sinais da morte" são notados pelo médico e pelo curador, este não precisa interromper o seu trabalho. Ao continuá-lo, o curador pode fazer recrudescer a condição maléfica, porém, estará, não obstante, ajudando o paciente a acelerar normalmente o ato de morrer. O velho provérbio que diz "enquanto há vida há esperança" não é basicamente verdadeiro em todos os casos. A vida pode ser, e frequentemente é, prolongada depois que a vontade da alma se volta para a sua retirada da vida; a vida dos átomos dos senhores lunares pode ser alimentada por muito tempo, e isto perturba grandemente o homem espiritual que é conhecedor do processo do propósito de sua alma. O que está sendo mantido vivo é o corpo físico, mas o interesse do verdadeiro homem não mais está ali focalizado.

Inevitavelmente chega um ponto, por exemplo no caso de doenças malignas, em que o médico sabe que é, simplesmente, uma questão de tempo, e o curador espiritual pode aprender a reconhecer os mesmos sinais. Então, em vez do atual silêncio do médico e do curador, no que diz respeito ao paciente, este tempo que resta será empregado (se as faculdades do paciente o permitirem) em apropriada preparação para a "benéfica e feliz retirada" da alma; amigos e parentes compartilharão destes preparativos. Nas etapas iniciais da nova religião mundial, esta atitude em relação à morte será incutida. Um conceito inteiramente novo sobre a morte, com ênfase sobre a retirada consciente, será ensinado, e a cerimônia fúnebre, ou melhor, a cremação, será um acontecimento festivo, porque sua ênfase será sobre a libertação e o retorno. (17-652/3)

10) Se me pedissem para dizer qual a principal tarefa de todos os grupos curadores, tais como a Hierarquia espera ver em funcionamento no futuro, diria que é preparar os seres humanos para aquilo que deveríamos considerar como o aspecto restaurador da morte, e assim dar um novo e mais alegre significado a isto que, até agora, é o temido inimigo da humanidade. Verão que se trabalharem segundo as linhas de pensamento, aqui indicadas, todo o tema da morte será constantemente repetido, e que isto trará como resultado novas atitudes em relação à morte, e a inculcação de uma feliz expectativa onde

aquele inevitável e familiaríssimo acontecimento ocorra. Grupos curadores devem preparar-se para lidar com esta condição básica de todo o ser vivo, e a parte principal de seu trabalho será a elucidação do princípio da morte. A alma, assim nos ensinam, deve voltar para aquele que a deu. Até esta data, essa tem sido uma restituição forçada e temida, que provoca pavor e leva homens e mulheres, em toda a parte, a clamar pela cura do corpo físico, enfatizando ao máximo sua importância e levando-os a considerar o prolongamento da existência terrena como o fator mais importante de suas vidas. Durante o próximo ciclo, estas atitudes errôneas tem que chegar ao fim; a morte tornar-se-á um processo normal e compreendido - um processo tão normal quanto o do nascimento - embora evocando menos dor e medo. Este meu comentário é feito como uma profecia, e assim deverá ser considerado. (17-389/90)

PARTE V

Há uma técnica para morrer, assim como há uma para viver... (4-302)

Há uma grande diferença atualmente entre o método científico de trazer os seres à encarnação, e o modo absolutamente cego, e por vezes atemorizante, e certamente ignorante, como os conduzimos ao desencarnar. Procuro hoje abrir a porta, no ocidente, para um método mais novo e mais científico de lidar com o processo da morte, e nisso quero ser perfeitamente claro. O que tenho a dizer de forma alguma anula a moderna ciência médica com seus paliativos e sua competência. Tudo que advogo é uma abordagem lúcida para a morte; tudo que procuro fazer é uma sugestão para que, quando a dor se tenha esgotado e a fraqueza sobrevenha, se permita ao moribundo, mesmo que aparentemente inconsciente, preparar-se para a grande transição. Não esqueçam de que é preciso força e uma forte sustentação do equipamento nervoso para produzir dor. Será impossível conceber uma época quando o ato de morrer será um triunfante final da vida? Será impossível visualizar a época quando as horas passadas no leito de morte serão apenas um glorioso prelúdio de uma saída consciente? Quando o fato de que o homem deva desfazer-se do transtorno do envoltório físico possa representar para ele e para os que o rodeiam a longamente esperada e jubilosa consumação? Não poderão vocês visualizar a época quando, em lugar de lágrimas e medo, e da recusa em reconhecer o inevitável, o moribundo e seus amigos concordem com a hora chegada e que nada senão a felicidade caracterizará a passagem? Que na mente dos que ficam, o pensamento de dor não entrará, e os leitos de morte serão vistos como momentos mais felizes do que nascimentos e casamentos? Asseguro-lhes que não está longe o tempo quando isto será assim profundamente sentido pela humanidade inteligente, e pouco a pouco, por todos os homens.

Dirão que, por ora, há apenas crenças a respeito da imortalidade, porém não evidências concretas. No acúmulo de testemunhos, na íntima convicção do coração humano na realidade da crença na permanência eterna como uma ideia na mente dos homens, nisso reside indicação segura. Mas a indicação dará lugar à convicção e ao conhecimento antes que outros cem anos se passem, pois terá lugar um acontecimento, e será feita uma revelação à humanidade, que transformará a esperança em certeza, e a crença, em conhecimento. Nesse ínterim, cultivemos uma nova atitude a respeito da morte e inauguremos uma nova ciência da morte. Que ela deixe de ser uma coisa que não podemos controlar e que, inevitavelmente, nos derrota, e comecemos a controlar nossa passagem para o outro lado e a compreender algo sobre a técnica da transição. (4-499/500)

2) Estamos, pois, tecendo considerações, nesta segunda parte, sobre o problema da morte ou da arte de morrer. Isto é algo que todas as pessoas gravemente enfermas têm que, inevitavelmente, enfrentar, e para o quê as que gozam de boa saúde devem preparar-se através de uma forma de pensar correta e sensata antecipação. A atitude mórbida que a

maioria dos homens têm diante do assunto da morte, e a recusa em considerá-la enquanto gozam saúde, é algo que precisa ser alterado e deliberadamente mudado. Cristo demonstrou a Seus discípulos a correta atitude quando se referiu à Sua futura e imediata morte nas mãos de Seus inimigos; Ele censurou-os quando eles demonstraram tristeza, lembrando-lhes que Ele ia para a casa de Seu Pai. Sendo um iniciado de elevado grau, Ele quis dizer que Ele estava, falando em linguagem ocultista, "fazendo uma restituição à Mônada"; as pessoas comuns e aquelas abaixo do grau de um iniciado de terceiro grau fazem "uma restituição à alma". (17-391/2)

3) O reino do temor à morte está quase terminado e, em breve, entraremos num período de conhecimento e certeza que removerá as, causas de nossos temores. Para lidar com o medo da morte pouco há a fazer, exceto elevar todo o assunto a um nível mais científico e - nesse sentido científico - ensinar as pessoas a morrer. Existe uma técnica para morrer, tal como há uma para viver, porém esta técnica foi largamente perdida no Ocidente e está quase perdida - à exceção de alguns centros de Conhecedores - no Oriente. (4-302).

4) O segundo ponto a ser entendido é que pode haver uma técnica para morrer e um treinamento dado durante a vida que levará à utilização dessa técnica.

Quanto ao treinamento a que o homem pode submeter-se darei algumas indicações que servirão para emprestar um novo significado a muito do trabalho que atualmente vem sendo feito por todos os aspirantes. Os Irmãos Mais Velhos, que têm guiado a humanidade através de longos séculos, estão agora preparando as pessoas para o próximo grande passo a ser dado. Este passo produzirá uma continuidade de consciência que acabará com todo o medo da morte e unirá os planos físico e astral numa tão estreita relação que eles, em realidade, constituirão um só plano. Assim como uma unificação tem que ser realizada entre os vários aspectos do homem, também uma unificação similar tem que acontecer em relação aos vários aspectos da vida planetária. Os planos têm que ser unificados assim como a alma e corpo. Isto já foi grandemente conseguido entre o plano etérico e o plano físico o denso. Agora está, rapidamente, sendo levado avante entre o físico e o astral.

No trabalho sendo feito pelos buscadores em todos os departamentos do pensamento e da vida humanos, esta unificação está prosseguindo, e, no treinamento agora sugerido aos aspirantes sérios e sinceros, há outros objetivos além do de produzir a unificação de corpo e alma. Contudo, a eles não se dará ênfase, devido à habilidade do homem de enfatizar, indevidamente, objetivos errôneos. Perguntar-se-á se é possível dar algumas regras simples que pudessem agora ser seguidas por todos aqueles que procuram estabelecer um ritmo tal, de modo que a vida seja não só organizada e construtiva, mas que, quando chegue o momento de descartar o envoltório exterior, não haja problema nem dificuldade. Darei, portanto, quatro regras simples que se encadeiam com muito do que todos os estudantes estão agora fazendo:

1. Aprender a manter-se focalizado na cabeça pela visualização e meditação pela prática constante da concentração; desenvolver a capacidade de viver, cada vez mais, como o rei sentado no trono entre as sobranceiras. Esta é uma regra que pode ser aplicada em todas as atividades da vida diária.

2. Aprender a prestar serviço cordial e não insistir numa atividade emocional dirigida a interferir nos assuntos de terceiros. Isto implica, antes de tal atividade, responder a duas perguntas:

- Estou prestando este serviço cordial a um indivíduo como indivíduo ou como membro de um grupo ao grupo? A minha motivação é um impulso egóico, ou estou sendo movido pela emoção, desejo de brilhar, de ser amado ou admirado? Estas duas atividades resultarão na focalização das energias da vida acima do diafragma e assim na anulação do poder atrativo do plexo solar. Então, este centro tornar-se-á progressivamente inativo, e não haverá tanto perigo de romper a teia naquele local.

3. Aprender a levar a consciência para a cabeça, antes de adormecer à noite. Isto deve ser praticado como um exercício explícito ao adormecer. Não se deve permitir ser-se levado pelo sono, mas sim esforçar-se para manter a consciência intacta até que, conscientemente, se passe para o plano astral. O relaxamento, a atenção firme e o constante encaminhamento para o centro da cabeça devem ser tentados, pois, a menos que o aspirante aprenda a tornar-se, progressivamente, consciente do processo de adormecer e mantenha, ao mesmo tempo, sua positividade, há perigo neste trabalho.

Os primeiros passos devem ser dados com inteligência e seguidos durante muitos anos até que seja alcançada facilidade no trabalho da abstração.

4. Anotar e observar todos os fenômenos relacionados com o processo de retirada, quer sejam os seguidos no trabalho de meditação, ou ao adormecer. Verificar-se-á, por exemplo, que muitas pessoas, mal acabam de adormecer, acordam brusca e quase dolorosamente. Isto deve-se ao fato da consciência atravessar uma teia ainda não adequadamente desobstruída, e por um orifício que está parcialmente fechado. Outras pessoas poderão ouvir um estalido de alta intensidade na região da cabeça. Isto é causado pelos ares vitais na cabeça, dos quais usualmente não nos apercebemos, e é produzido por uma sensibilidade interna da aura que registra a percepção de sons sempre presentes, porém não comumente percebidos. Outras pessoas verão luz ao adormecer, ou nuvens coloridas ou bandeiras e radiações de cor violeta, todos os quais são fenômenos etéricos. Estes fenômenos, que não têm grande importância, estão todos relacionados com o corpo vital, com emanações prânicas, e com a teia de luz.

O levar avante esta prática e seguir estas quatro regras por alguns anos, muito facilitará a técnica do leito de morte, pois o homem que aprendeu a manipular o seu corpo ao adormecer, tem uma vantagem sobre o homem que jamais deu atenção ao processo.

Quanto à técnica *de* morrer, por enquanto só me é possível fazer uma ou duas sugestões. Não trato aqui da atitude daqueles que cuidam de quem está morrendo; trato apenas daqueles que tornarão mais fácil a passagem da alma em transição.

Primeiro, que haja silêncio no quarto. Isto normalmente acontece, é claro. Devemos nos lembrar que geralmente o moribundo pode estar inconsciente. Esta inconsciência é aparente, mas não real. De novecentos casos em mil há percepção cerebral, com total consciência dos acontecimentos, mas existe uma total paralisia da vontade para expressar-se, e completa incapacidade para gerar a energia que indicaria atividade. Quando existem silêncio e compreensão no quarto do doente, a alma que está de partida pode manter a posse de seu instrumento com lucidez até o último momento, e fazer a necessária preparação.

Mais tarde, quando se souber mais a respeito da cor, somente luzes de cor laranja serão permitidas no quarto de um moribundo, e estas serão instaladas com cerimônia apropriada quando houver certeza da impossibilidade de recuperação. A cor laranja ajuda a focalizarmos a cabeça, assim como o vermelho estimula o plexo solar, e o verde tem um efeito definido sobre o coração e as correntes de vida.

Certos tipos de música serão usados quando houver maior compreensão a respeito do som, porém não existe, ainda, música que possa facilitar o trabalho da alma em abstrair-se do corpo, embora certas notas de órgão sejam eficientes. No momento exato da morte, se a nota da própria pessoa for soada, ela coordenará as duas correntes de energia e finalmente romperá o fio da vida, mas o conhecimento a respeito disto é perigoso demais para ser transmitido já, e só mais tarde poderá ser dado. Indicarei apenas o futuro e as linhas que o futuro estudo ocultista seguirá.

Verificar-se-á também que a pressão sobre certos centros nervosos e sobre certas artérias facilitará o trabalho. (Esta ciência para morrer é mantida sob custódia, como o sabem muitos estudantes, no Tibete). A pressão sobre a veia jugular e sobre certos grandes nervos na região da cabeça e sobre um determinado ponto no bulbo será útil e eficaz. Uma definida ciência da morte será, inevitavelmente, mais tarde elaborada, mas somente quando a realidade da alma for reconhecida e sua relação com o corpo for cientificamente demonstrada.

Mantras também serão empregados e determinadamente impregnados na consciência do moribundo pelas pessoas que o acompanham, ou deliberada e mentalmente usados por ele próprio. O Cristo demonstrou esse uso quando disse alto, "Pai, em Tuas mãos entrego meu espírito". E temos outros exemplos nas palavras, "Senhor, agora permiti que Teu servo parta em paz". O uso contínuo da Palavra Sagrada cantada em voz baixa ou sobre uma nota (que saberemos estar em harmonia com o moribundo) pode, mais tarde, constituir também uma parte do ritual de transição, acompanhado pela unção com óleo, tal como está preservado pela Igreja Católica. A extrema-unção tem uma base ocultista e científica. O alto da cabeça do moribundo deve estar também simbolicamente voltado para o Leste, e os pés e mãos devem estar cruzados. Somente sândalo deverá ser queimado no quarto e nenhum outro tipo de incenso deverá ser permitido, pois o sândalo é o incenso do primeiro raio ou raio destruidor, e a alma está no processo de destruir sua morada.

Isto é tudo que, por enquanto, posso dizer sobre o tema da morte para conhecimento do público em geral. Incito-vos, porém, a prosseguir no estudo da morte e em sua técnica até onde for possível, e a desenvolver a investigação ocultista sobre o assunto. (4-502/7) 5) Para sintetizar o autoaprendizado, caso estejam interessados em desenvolver a capacidade das três atividades - contato, impressão, relação - podem seguir um exercício simples, à noite antes de dormir.

Depois de acomodados o mais confortavelmente possível, tentem assumir, internamente, uma atitude tranquila e planejada de desligamento do corpo físico, mantendo a concepção toda no plano mental, porém compreendendo ser ela uma simples atividade do cérebro. O coração, de modo algum, deve ser envolvido. O objetivo é manter a consciência ao retirá-la do cérebro e passá-la para níveis mais sutis de consciência. O corpo físico *não* está sendo alijado permanentemente, por isso o fio da vida ancorado no coração

não pode ser envolvido. O objetivo é, por algumas horas, e enquanto revestido dos veículo astral e mental - permanecer *conscientemente* alerta em algum outro lugar. Com determinação, cada um de vocês se tornará um ponto de consciência, interessado e focalizado decidido a emergir do casulo do corpo físico. Esse ponto se conserva através da recusa em olhar para o veículo físico que ficou para trás, ou para preocupações, interesses ou circunstâncias da vida diária, esperando fixamente pelo momento em que sua atitude negativa quanto ao plano físico e a atitude positiva quanto ao plano interno produzam um momento de liberação - talvez um lampejo de luz - a percepção de uma abertura de evasão, ou o reconhecimento daquilo que o rodeia, mais a eliminação de qualquer surpresa ou expectativa de fenômenos de qualquer espécie.

Vocês estarão (ao praticar este exercício de retirada) apenas passando por um processo normal e cotidiano. Se, ao fazer este exercício, conseguir-se certa facilidade, a hora da morte encontrará o indivíduo automática e facilmente - porque o corpo físico, em vez de ti oferecer resistência, permanece quiescente e negativo – capaz de realizar a Grande Transição sem inquietação ou medo do desconhecido. Este é um exercício que gostaria de ver realizado por todos do grupo. Ele requer apenas a contínua preservação de uma atitude, uma fixa determinação em manter o ponto de consciência que é o Eu permanente, além de uma viva expectativa. Escolhi estas palavras cuidadosamente e peço que as estudem com idêntico cuidado. (6-488/9)

PARTE VI

...(As pessoas) esquecem de relacionar morte e sono. A morte afinal, é apenas um intervalo mais longo na vida em atividade no plano físico; o homem apenas terá feito uma "viagem ao exterior" por um período mais longo. (4-495)

1) PARA o indivíduo não evoluído, a morte é, literalmente, um sono e um esquecimento, pois a mente não está suficientemente desperta para reagir, e o armazém da memória está, ainda, praticamente vazio. (4-300)

2) Para os bons cidadãos comuns, a morte é uma continuação do processo de vida em sua consciência e um prosseguimento dos Interesses e tendências da vida. Sua consciência e seu sentido de percepção são os mesmos e inalterados. (4-300)

3) Deve-se sempre ter em mente que a consciência permanece a mesma, quer em encarnação física, quer fora dela, e que o desenvolvimento pode continuar até com mais facilidade do que quando limitado e condicionado pela consciência do cérebro. (5- 81)

4) Para a maioria da humanidade comum - com todas as atividades e pensamentos focalizados no plano físico - o período após a morte é de semiconsciência, de incapacidade para reconhecer onde estão, e de atordoamento emocional e mental. Com discípulos, há ainda contato com pessoas (geralmente pessoas a quem estiverem ligados) durante as horas de sono; também recebem impressões do local onde estão e das pessoas que encontram, como também há o reconhecimento da relação (como na Terra) como o assumir responsabilidades. (6-487/8)

5) Portanto, no caso do homem comum, quais são suas primeiras reações e atividades após a restituição do corpo físico ao reservatório universal da substância? Enumeremos algumas destas reações:

1. Ele torna-se consciente de si mesmo. Isto implica uma clareza de percepção desconhecida para o homem comum quando em encarnação física.

2. O tempo (sendo uma sucessão de acontecimentos que o cérebro físico registra) deixa de existir como nós o entendemos, e - à proporção que o homem volta a sua atenção para o seu ser emocional mais claramente delineado-segue-se *invariavelmente* um momento de contato direto com a alma. Deve-se isto ao fato que, mesmo tratando-se do homem totalmente ignorante e não-evoluído, o momento de completa restituição não passa despercebido à alma. Este momento tem um efeito decisivo sobre a alma, algo como puxar longa e fortemente a corda de um sino, se é que posso usar uma analogia tão simples. Por um breve segundo a alma responde, e a natureza da resposta é de tal sorte que o homem, parado no seu corpo astral, ou melhor, no seu veículo kama-manásico, vê a experiência da encarnação passada desdobrar-se diante dele como um mapa. Ele registra uma sensação da intemporalidade.

3. Como resultado da identificação destas experiências, o homem separa três daquelas que foram os três maiores fatores de condicionamento na vida que passou e que também contém as chaves de sua futura encarnação que ele iniciará a seguir. Tudo o mais é

esquecido, e todas as experiências menores se apagam de sua memória, nada deixando na sua consciência senão o que esotericamente é chamado "as três sementes ou germes do futuro". Estas três sementes estão, de modo peculiar, relacionadas aos átomos permanentes físico e astral, e assim produzem a força quádrupla que criará as formas que aparecerão mais tarde. Podemos dizer que:

a) A *Semente Um* determina mais tarde a natureza do ambiente físico no qual o homem que volta encontrará o seu lugar. Esta Semente está relacionada à qualidade daquele ambiente futuro e assim condiciona o necessário campo ou área de contato.

b) A *Semente Dois* determina a qualidade do corpo etérico como um veículo através do qual as forças do raio poderão fazer contato com o corpo físico denso. Ela delimita a estrutura etérica ou teia vital por onde as energias entrantes Circularão, e está particularmente relacionada a um centro em especial dos sete centros, que será o mais ativo e vivo durante a encarnação vindoura.

c) A *Semente Três* fornece a chave para o veículo astral no qual o homem estará polarizado na próxima encarnação. Não nos esqueçamos de que estou falando aqui do homem comum e não do ser humano avançado, discípulo ou iniciado. É esta semente que - através das forças que atrai - traz o homem de volta a relacionar-se com aqueles que anteriormente amou ou com quem teve estreito contato. Pode-se aceitar como um fato que a ideia grupal governa subjetivamente todas as encarnações e que o homem reencarnado é trazido à encarnação não apenas pelo seu próprio desejo de experiência no plano físico, mas também sob o impulso grupal e de acordo com o carma grupal, além do seu próprio. Este é um ponto que deveria merecer maior ênfase. Uma vez que isto fosse devidamente compreendido, muito do medo gerado pelo pensamento da morte desapareceria. Os parentes e as pessoas queridas permanecerão ainda parentes e amigos, porque o estreito relacionamento tem sido estabelecido através de muitas encarnações e - como diz o *Antigo Comentário*:

"Estas sementes que determinam o reconhecimento não são únicas para mim ou para vós, mas também para o grupo; dentro do grupo elas se inter-relacionam no tempo e espaço. Somente nos três inferiores que são assim relacionados encontram sua verdadeira existência. Quando a alma conhecer a alma e no ponto de encontro ao alcance do chamado do Mestre, estas sementes desaparecerão." Torna-se claro, pois, o quanto é importante treinar as crianças para reconhecerem e lucrarem pela experiência, pois isto, uma vez aprendido, facilitará grandemente esta terceira atividade no plano astral após a morte.

4. Tendo completado esta "experiência de isolamento", o homem então, automaticamente, procurará encontrar aqueles que a influência da terceira semente indica possuírem uma parte constante da experiência do grupo do qual ele é um elemento, consciente ou inconscientemente. A relação tendo sido novamente estabelecida (caso aqueles que ele procura não tenham ainda eliminado o corpo físico), o homem age como o faria na Terra na companhia de seus íntimos e de acordo com seu temperamento e ponto de evolução. Se aqueles que lhe são mais chegados ou aqueles que ele mais ama ou odeia estiverem ainda em encarnação física, ele também os procurará e - assim como o fazia na Terra - permanecerá próximo a eles, ciente de suas atividades, embora estes (a menos que sejam altamente evoluídos) não se apercebam de sua presença. Não posso dar detalhes sobre esse recíproco dar e receber ou sobre modos e métodos de contato. Cada pessoa é

diferente; cada temperamento é único. Procuro apenas esclarecer certas linhas básicas de comportamento que são seguidas pelo homem anteriormente ao ato ou atos de eliminação.

Estas quatro atividades cobrem variáveis períodos de tempo - do ponto de vista "daqueles que vivem cá embaixo", embora não exista tempo como tal, para o homem no plano astral. Gradualmente a atração e miragem (de ordem inferior ou superior) se desvanecem, e o homem penetra um estágio em que *ele sabe* - porque a mente está agora mais incisiva e dominante - que ele está pronto para a segunda morte e para a total eliminação do corpo kâmico ou veículo kama-manásico. (17-491/4)

6) Imediatamente após a morte, e particularmente no caso de cremação, o homem, no seu corpo kama-manásico, permanece tão agudamente consciente do ambiente que o cerca como o era no plano físico quando vivo. Esta maneira de expressar-me admite uma certa latitude quanto à extensão de percepção e observação, pois uma latitude semelhante deve ser permitida àqueles que estão no plano físico. As pessoas não estão de modo algum igualmente despertas ou igualmente conscientes das circunstâncias ou experiências imediatas. Contudo, como as pessoas, em sua maioria, são mais conscientes emocionalmente do que o são fisicamente, e vivem em grande parte focalizadas nos seus veículos astrais, o homem está familiarizado com o estado de consciência em que se encontra. Não nos esqueçamos que um plano é, essencialmente, um estado de consciência e *não* uma localidade, como tantos esoteristas parecem pensar. Este estado é reconhecido pela reação focalizada da pessoa autoconsciente que - constante e distintamente ciente de si mesma - é sensível ao tema do seu ambiente e da expansão de seus desejos, ou (no caso de pessoas mais adiantadas, que atuam nos níveis mais elevados do plano astral) sensíveis à expansão de amor e aspiração; o homem fica absorvido naquilo que monopoliza sua atenção e envolvido no princípio kâmico durante sua experiência enquanto encarnado. Quero novamente lembrar que não existe atualmente um cérebro físico capaz de responder aos impactos gerados pelo homem interno, e que também o sexo, como se o compreende fisicamente, não existe. Os espiritualistas deveriam lembrar-se disto e assim compreender a tolice, e também a impossibilidade, de certos casamentos espirituais que algumas escolas deste movimento pregam e praticam. O homem, no seu corpo astral, está atualmente livre dos impulsos estritamente animais, os quais, no plano físico, são perfeitamente normais e corretos, mas que não têm significado para ele no seu corpo kâmico. (17-490/1)

7) Ao considerar a consciência da alma que está de partida (anotem a frase) ao empreender o ato de restituição, chamo novamente a atenção que estou tratando de um assunto para o qual não existe prova física tangível. Ocasionalmente os homens são trazidos de volta ao plano físico da existência quando no exato ponto da completa restituição física. Isto pode ser feito somente enquanto a entidade consciente está ainda ocupando o veículo etérico, embora, para todos os efeitos e propósitos, o desligamento do corpo físico denso se tenha completado. Embora o corpo etérico interpenetre totalmente o corpo físico, aquele é muito maior do que este corpo, e o corpo astral e a natureza mental podem ainda permanecer etericamente polarizados mesmo que a morte do corpo físico - o cessar de toda atividade cardíaca e a concentração do foco etérico básico na região da cabeça, ou do coração, ou do plexo solar - seja efetiva, e a retirada já se esteja

processando. (17-460)

8) Do momento da separação completa dos corpos físicos e etérico, e à proporção que este processo tem lugar, o homem toma *ciência do passado e do presente*; quando a eliminação se completa e chega a hora do contato com a alma e o veículo manásico está em processo de destruição, o homem torna-se, imediatamente, *ciente do futuro*, pois predizer é uma das faculdades da consciência da alma e, temporariamente, partilhada pelo homem. Portanto, passado, presente e futuro são vistos como um todo; o reconhecimento do Eterno Agora é gradualmente desenvolvido de encarnação a encarnação e durante o contínuo processo de renascimento. Este constitui um estado de consciência (característica do estado normal do homem adiantado) que pode ser chamado devacânico. (17-496/7) 9) Para o aspirante, a morte é uma entrada imediata numa esfera de serviço e de expressão com a qual ele está bem acostumado e que ele, imediatamente, reconhece como familiar. (4-301)

10) Não é minha intenção estender-me sobre a técnica do processo eliminativo. A humanidade encontra-se em tantos e diferentes estágios - intermediários entre os três já delineados - que seria impossível ser preciso ou sucinto. O atrito é relativamente fácil de entender; o corpo kâmico desaparece porque, não havendo solicitação da substância física evocando o desejo, não há nada com que alimentar este veículo. O corpo astral nasce pela ação recíproca entre o plano físico, que não é um princípio, e o princípio do desejo; no processo de renascimento, este princípio é utilizado com dinâmica intenção pela alma, no veículo mental para reverter o processo, e a matéria, então, responde ao chamado do homem reencarnante. O homem kâmico, após um longo processo de desgaste, é deixado livre dentro de um veículo mental embrionário, e este período de vida semi-mental é extremamente breve, e é terminado pela alma que, subitamente, "dirige seu olho para aquele que espera" e, pelo poder dessa potência direcionada instantaneamente, reorienta o homem kâmico para a descida do renascimento. O homem kama-manásico pratica um processo de retirada e responde ao "chamado" de um corpo mental que rapidamente se desenvolve. Esta retirada torna-se cada vez mais rápida e dinâmica até alcançar um estado onde o discípulo probacionário - firmemente sob crescente contato com a alma - destrói o corpo kama-manásico, como um todo, por um ato de força mental, implementada pela alma. Notarão que a experiência "devacânica" será, necessariamente, mais breve em relação a esta maioria do que em relação à minoria kâmica, porque a técnica devacânica de revisão e reconhecimento das implicações de experiência está lentamente controlando o homem no plano físico, de modo que ele traz o entendimento do significado, e constantemente aprende pela experiência enquanto encarna. Assim, compreenderão também, que a continuidade da consciência está sendo, por sua vez, vagarosamente desenvolvida, e que a percepção do homem interno começa a demonstrar-se no plano físico, primeiramente por meio do cérebro físico, e depois independentemente dessa estrutura material. Acabei, aqui, de fazer uma clara alusão a um assunto que será alvo de grande atenção nos próximos duzentos anos.

O homem manásico, a personalidade integrada, trabalha, como vimos, de dois modos que dependem necessariamente da integração conquistada. Esta integração será de dois tipos:

1. Aquela da personalidade integrada focalizada na mente e que alcança constante e

crescente harmonia com a alma.

2. A do discípulo, cuja personalidade integrada está agora sendo rapidamente integrada à alma e por ela absorvida.

Neste estágio de desenvolvimento da mente e de constante controle mental (baseado no fato de que a consciência do homem está agora definitivamente focalizada e permanentemente centrada no veículo mental) os processos anteriores de destruição do corpo astral pelo atrito e pela "negação dinâmica" continuam durante a encarnação física. O homem encarnado recusa-se a ser governado pelo desejo; o que resta do ilusório corpo astral é dominado agora pela mente, e os impulsos para a satisfação do desejo são recusados com plena e consciente determinação, seja devido às ambições egoístas e intenções mentais da personalidade integrada, seja sob a inspiração da intenção da alma que subordina a mente aos seus propósitos. Quando este ponto na evolução é atingido, o homem pode então dissolver os últimos vestígios de todo o desejo por meio da *iluminação*. Nos primeiros estágios de vida puramente manásica ou mental, isto é feito pela iluminação que o conhecimento traz e envolve, principalmente a luz intrínseca da substância mental. Mais tarde, quando alma e mente estabelecem estreita relação, a luz da alma apressa e suplementa o processo. O discípulo agora usa métodos mais ocultos, porém, sobre estes não posso aqui estender-me. A destruição do corpo mental não é mais produzida pela força destrutiva da própria luz, mas é acelerada por meio de certos sons emanados do plano da vontade espiritual; estes são reconhecidos pelo discípulo, e a permissão para usá-los em suas formas verbais apropriadas lhe é dada por um iniciado mais antigo do Ashram ou pelo próprio Mestre, quando se aproxima o fim do ciclo de encarnação (17-497/9)

11) Chegamos agora ao enunciado de uma nova lei que é um substituto para a Lei da Morte e que se refere apenas aos que estão nas últimas etapas do Caminho do Discipulado e nas etapas do caminho da Iniciação.

LEI X

Ouve, Oh Chela, o chamado que vem do Filho para a Mãe, e depois obedece. A Palavra anuncia que a forma serviu ao seu propósito. O princípio da mente (o 5º princípio. A.A.B.) então se organiza, e a seguir repete a Palavra. A forma, que está à espera, responde e deixa-se cair. A alma ergue-se, liberta.

Responde, ó Ascendente Ser, ao chamado que vem da esfera da obrigação; reconhece o chamado que emerge do Ashram ou da Câmara do Conselho onde espera o Próprio Senhor da Vida. O Som ressoa. Juntas - alma e forma - devem renunciar ao princípio da vida e assim permitir que a Mônada fique em liberdade. A alma responde. A forma então destrói a conexão. A vida está agora liberada, graças à qualidade do conhecimento consciente e ao fruto de toda a experiência. Estas são as dádivas de alma e forma combinadas.

Tenho desejado tornar claro em vossas mentes a distinção entre doenças e morte, como as experimentam o homem comum, e certos processos correspondentes de dissolução consciente que são praticados pelo discípulo adiantado ou iniciado. Estes processos citados por último, envolvem uma técnica de desenvolvimento vagaroso no qual (nos primeiros estágios) o discípulo é ainda uma vítima de doenças provocadas pelas

tendências da forma, como as de todas as formas da natureza. Esta tendência produz a subsequente morte, através dos estágios de doença modificada e consequente e tranquila morte, até a etapa em que a morte é provocada por um ato da vontade - sendo a hora e o modo determinados pela alma e conscientemente registrados pelo cérebro. A dor mostra-se em ambos os casos, porém no Caminho da Iniciação a dor é grandemente anulada, não porque o iniciado se empenhe em evitar a dor, mas porque a sensibilidade da forma a contatos indesejáveis desaparece, e com ela, também a dor desaparece. A dor é o guardião da forma e a protetora da substância; ela previne do perigo; ela indica determinados estágios no processo evolutivo; ela está relacionada ao princípio pelo qual a alma se identifica com a substância. Quando a identificação cessa, a dor, a doença, e também a morte, perdem seu poder sobre o discípulo; a alma deixa de estar sujeita às suas exigências, e o homem está livre, porque doença e morte são qualidades inerentes à forma, e sujeitas às vicissitudes da vida da forma. (17-501/2)

PARTE VII

...a morte será melhor vista como uma experiência que nos liberta da ilusão da forma... (22-243)

1) OS TIBETANOS falam do processo da morte como “a penetração na clara luz fria”. É possível que a morte possa melhor ser considerada como a experiência que nos liberta da ilusão da forma; e isto traz com clareza, às nossas mentes, a compreensão de que, quando falamos de morte, estamos nos referindo a um processo que diz respeito à natureza material, ao corpo, com suas faculdades psíquicas e seus processos mentais. (22-243)

2) O erro (do homem) neste momento consiste em... sua atitude para com a morte, e o sentimento de que o desaparecimento da vida à sua percepção visual, por meio da forma, e a consequente desintegração dessa forma, indica desastre. (17-13)

3) A destruição da forma na batalha (que a tantos de vocês provoca tal terror) é de pouca importância para aqueles que *sabem* que a reencarnação é a lei básica da natureza e que *não existe morte*. As forças da morte estão à solta atualmente, mas é a morte da liberdade, a morte da palavra livre, a morte da liberdade de ação do homem, a morte da verdade e dos valores espirituais mais elevados. *Estes* são os fatores vitais na vida da humanidade; a morte da vida física é um fator irrelevante em relação a estes, e o homem facilmente se corrige através dos processos de renascimento e de nova oportunidade. (13-232)

4) Estudantes são propensos a pensar que a morte termina com as coisas, enquanto que, do ponto de vista da *terminação*, estamos tratando de valores que são permanentes, com os quais não há nem pode haver qualquer interferência, e que guardam em si mesmos as sementes da imortalidade. Gostaria que ponderassem sobre isto e soubessem que todos os valores verdadeiramente espirituais são duradouros, imutáveis, imorredouros e eternos. Somente morre aquilo que é destituído de valor e, do ponto de vista da humanidade, isto é representado pelos fatores que enfatizam e dão importância à forma. Mas os valores que se baseiam no princípio, e não no detalhe da aparência, têm em si aquele imorredouro princípio que conduz o homem “ dos portões da natividade, através dos portões da percepção, aos portões do propósito” - segundo está expresso no *Velho Comentário*. (17-684)

5) Morte e limitação são sinônimos. Quando a consciência está focalizada na forma e inteiramente identificada com o princípio da limitação, ela vê a libertação da vida da forma como morte; porém, ao evoluir, a consciência, progressivamente, transfere-se para a conscientização daquilo que *não* é forma, para o reino do que é transcendental ou para o mundo do abstrato, isto é, para tudo que é abstraído da forma e focalizado em si mesmo. Isto, por sinal, é uma definição de meditação, vista sob o ângulo do objetivo e da conquista espiritual. O homem pode verdadeiramente meditar quando ele começa a usar a mente, o reflexo do aspecto vontade, e o emprega nos seus três aspectos: o do início de sua entrada no mundo das almas, o de condicionamento de sua vida de personalidade, e o da imposição

e, finalmente, o da consecução da plena expressão do propósito da alma. Isto resulta na total conquista sobre a morte. (16- 615/6)

6) A própria morte é uma parte da grande ilusão e somente existe por causa dos véus com que nos envolvemos a nós mesmos. (5-463)

7) O medo da morte e a depressão constituem para o homem o Morador do Umbral nesta era e ciclo. Ambos indicam reações sensíveis a fatores psicológicos e não podem ser tratados com o uso de outro fator, como a coragem. Eles têm que ser confrontados pela onisciência da alma, trabalhando através da mente - e não pela sua onipotência. Eis aqui uma sugestão ocultista. (17-443)

8) A preparação para este reino é a tarefa do discipulado e constitui a árdua disciplina do quádruplo caminho da iniciação. O trabalho do discípulo é a fundação do reino, e a característica fundamental de seus cidadãos é a imortalidade. Eles são membros de uma Raça Imortal, e o último inimigo a vencer é a morte; eles atuam conscientemente, dentro e fora do corpo, indiferentemente; eles têm vida imorredoura porque há neles aquilo que não pode morrer, já que é da natureza de Deus. (22-276)

PARTE VIII

...a morte é apenas um interlúdio numa vida de experiência constantemente acumulada... ela marca uma transição definida de um estado de consciência para outro. (22-242)

1) A MORTE é, na realidade, a inconsciência daquilo que possa estar agindo nessa ou naquela forma, porém numa forma da qual a entidade espiritual absolutamente não tem consciência. (17-445)

2) A morte é, essencialmente, uma questão de consciência. Num dado momento estamos conscientes no plano físico, e no momento seguinte, nos retiramos para outro plano e estamos ativamente conscientes lá. (4-494)

3) No caso dos iniciados, isto é um pouco diferente, porque eles frequentemente permanecem plenamente conscientes através do processo da morte. (17-540)

4) ...a destruição da forma é, para Eles, não morte, no sentido que nós a entendemos, mas, pura e simplesmente, um processo de libertação. (17-432)

5) A alma, através do alinhamento, entra no correto uso do tempo; ou melhor dizendo, o cérebro, que é o único fator consciente do tempo do homem, não é mais o atributo dominante; a mente, como agente da alma (cuja consciência inclui passado, presente e futuro) vê a vida e a experiência como elas realmente são. A morte, portanto, é vista como um episódio, e como um ponto de transição numa vasta série de transições. Quando esta atitude da alma é apreendida, toda a nossa técnica de viver, e, incidentalmente, de morrer, é completamente alterada. (17-351)

6) ...olharemos a morte como apenas mais um outro passo em direção à luz e à vida. (22-233)

7) ...nas últimas etapas da vida, nós temos a cristalização da forma, e a compreensão do homem quanto à inadequabilidade desta. Então chega a feliz libertação a que nós chamamos morte, aquele grande momento quando o "espírito aprisionado" escapa dos muros que o confinavam à sua forma física. (19-64)

8) Aqui refiro-me à morte como a Grande Libertadora, que destrói as formas que trazem morte ao que nelas está incorporado. (16-545)

9) ...a morte é a Grande Libertadora. (18-607)

10) Frequentemente tenho dito que a Hierarquia trabalha somente com a natureza espiritual ou com a alma da humanidade, e que - para o Mestre - a forma é tida como relativamente sem importância. A libertação da tríplice forma é sempre olhada pelo homem espiritual como o maior bem possível, desde que chegue a ele segundo a lei, como resultado de seu destino espiritual e de decisão cármica; não deve chegar como um ato arbitrário, nem como fuga à vida e suas consequências no plano físico, nem autoimposta. (17-661)

11) É interessante notar aqui que a morte é governada pelo Princípio de Libertação, e não pelo da Limitação. A morte é apenas reconhecida como um fator a ser considerado

pelas vidas autoconscientes, e somente é mal compreendida pelo seres humanos, que são os mais fascinados e iludidos de todas as vidas encarnadas. (4-534)

12) A morte... é simplesmente a Portadora de Mudanças. (22-241/2)

13) ...a morte em si é uma parte do processo criativo de síntese. (17-680)

14) Falo sobre a Morte como alguém que conhece o assunto, tanto do ângulo da experiência do mundo exterior, quanto da expressão de vida interior: - não há morte. Há, como sabem, entrada numa vida mais plena. (4-300)

15) A Lei da Morte e do Sacrifício governa a gradual desintegração das formas concretas e seu sacrifício à vida em evolução. (17-414) 16) A Lei do Sacrifício e da Morte é o fator de controle no plano físico. A destruição da forma, para que a vida em evolução possa progredir, é um dos métodos fundamentais na evolução. (17-413) 17) O Mestre aprende o significado de cada forma confinadora; a seguir Ele assume o controle, e depois exerce a lei no plano compatível com a forma. Ele então supera a forma e troca-a por outras formas mais elevadas. Assim, Ele progride sempre por meio do sacrifício e morte da forma. Sempre, ela é reconhecida como aprisionadora, e sempre tem que ser sacrificada e morrer, para que a vida que está no seu interior possa acelerar-se e crescer. O caminho da ressurreição pressupõe crucificação e morte, para então conduzir ao monte de onde a Ascensão pode ser feita. (17- 459/60)

18) O todo tem que ser considerado de importância mais vital do que a parte, e isto não é um sonho, uma visão, uma teoria, um processo de desejosa reflexão, uma hipótese ou um ímpeto. É compreendido como uma necessidade intrínseca e inevitável. Implica morte, mas morte como beleza, como regozijo, como espírito em ação, como consumação de todo o bem. (17-437)

19) ...a morte é apenas um método para refocalizar a energia, que antecede uma atividade que impulsiona para adiante, que leva firme e progressivamente sempre a uma melhoria. (17-297)

20) ...para uma alma livre, a morte e a posse da forma, com a consequente imersão da vida nesta forma, são sinônimos. (17-439) 21) O medo e a morbidez que a questão da morte geralmente provoca, e a relutância em considerá-la com compreensão, devem-se à ênfase que é dada ao corpo físico, e à facilidade com que as pessoas com ele se identificam; baseia-se também no medo inato da solidão e da perda de tudo que é familiar. Contudo, a solidão que resulta após a morte, quando o homem se encontra sem um veículo físico, nada é comparado à solidão do nascimento. Ao nascer, a alma encontra-se em novo ambiente e imersa num corpo que, no princípio, é totalmente incompetente para cuidar de si próprio ou de estabelecer contato inteligente com as condições ambientais, por longo tempo. O homem vem à encarnação sem nenhuma lembrança de sua identidade ou do significado que possa ter, para ele, o grupo de almas nos corpos com os quais ele agora se relaciona; esta solidão desaparece somente aos poucos, à proporção que ele faz contato com sua própria personalidade, descobre aqueles que lhe são agradáveis, e finalmente, reúne ao seu redor aqueles que considera amigos. Não é assim após a morte, pois o homem encontra do outro lado do véu aqueles que ele conhece e com os quais teve contato no plano da vida física, e ele nunca está só, no sentido em que os seres humanos entendem a solidão, ele está também consciente dos que estão ainda em corpos físicos; pode vê-los e sintonizar-se com suas emoções, e também seus pensamentos, pois, não

havendo o cérebro físico, este não mais serve de freio. Se as pessoas tivessem mais conhecimento, o nascimento seria a experiência que eles temeriam, e não a morte, pois o nascimento coloca a alma em verdadeira prisão, enquanto a morte física é apenas o primeiro passo para a liberdade. (17-392/3)

PARTE IX

A morte chega a cada indivíduo, no sentido comum do termo, quando o desejo de viver num corpo físico desaparece e dá lugar ao desejo do abstrato. A isto chamamos morte. (18-164/5)

1) QUANDO a causa, o desejo, já produziu seu efeito - o aspecto personalidade ou forma do homem - então esta persiste enquanto o desejo de viver existir. A forma é mantida em manifestação através da vitalidade mental. Isto tem sido demonstrado inúmeras vezes nos anais da medicina, pois está provado que, pelo tempo que durar a determinação de viver, assim será a provável duração da vida no plano físico; mas que, no momento em que esta vontade se retira, ou o interesse do habitante no corpo não mais está centrado na manifestação de personalidade, segue-se a morte e a desintegração daquela imagem mental - o corpo - tem lugar. (17-452/3)

2) O intenso desejo pela existência sensível ou apego... é inerente a toda forma, é autopetruante e conhecida até pelos que são muito sábios.

Quando a vida ou espírito se retira, a forma morre, ocultamente. Quando o pensamento do "Self"(1) ou Eu Superior está ocupado com o seu próprio plano, a energia não é dirigida para a matéria dos três mundos, e por essa razão não é possível a construção da forma ou o apego a ela. Isto está de acordo com o truismo ocultista que "a energia segue o pensamento", e também de acordo com o ensinamento que o corpo do princípio crístico (o veículo búdico) só começa a coordenar-se quando os impulsos inferiores se desvanecem... O apego à forma ou atração pela forma em lugar de pelo Espírito é o grande impulso involutivo. Repulsa à forma, e consequente desintegração desta, é o grande ímpeto evolucionário. (17-452)

1 "Self" ou alma (ver glossário)

3) A morte, quando chega, é o resultado de duas coisas:

1. A luta entre as forças, e não entre a energia e as forças. A área de conflito é o corpo etérico e o corpo físico, e nenhuma energia penetra, vinda de fora, porque o homem está gravemente doente.

2. A perda do desejo de viver. O paciente deu-se por vencido; a luta interna é demais para ele; ele não consegue introduzir energia de fora para combater as forças em luta, e chegou ao ponto em que não mais deseja fazê-lo. (17-596)

4) Ser-vos-á óbvio que este Princípio de Conflito está intimamente relacionado à morte. Com esta palavra, morte, refiro-me à extração das condições da forma - física, emocional ou mental; refiro-me à suspensão do contato (temporário ou permanente) com a forma física, com a miragem do astral e com a ilusão do mental; refiro-me à rejeição de Maya, o nome daquele efeito todo-abrangente que domina um homem que está imerso no materialismo de qualquer espécie, e que está, portanto, dominado (do ponto de vista da alma) pela vida nos três mundos. É o Princípio do Conflito, latente em cada átomo da substância, que produz, primeiramente, conflito, a seguir, renúncia e, finalmente,

emancipação; que produz a guerra desta ou daquela forma, depois a rejeição, e finalmente, liberação. Este princípio está, como se pode bem ver, intimamente ligado à Lei do Carma; é a este princípio que a Sra. Besant se refere quando fala, em um de seus livros, do fato de que a substância da qual todas as formas são feitas, já está - desde o momento mesmo do processo criador - colorida pelo carma. Há um profundo significado ocultista no pensamento, muitas vezes verbalizado, de que a morte é o grande Libertador; significa que o Princípio do Conflito conseguiu produzir as condições em que o aspecto do espírito é liberado (temporária ou permanentemente) do aprisionamento de alguma forma de vida, seja individual ou grupal. (18-607)

5) É interessante notar que esta incapacidade para expressar "o verdadeiro" ou "ser a Verdade" é a causa real da morte entre os homens que estão abaixo do estágio do discipulado e que ainda não receberam a primeira iniciação. A alma cansa-se do atrito de resposta de seu instrumento e determina o fim do experimento daquela particular encarnação. A morte, portanto, sobrevém como resultado do atrito produzido. (17-568)

6) É preciso também notar que a morte é, por conseguinte, empreendida sob a direção do ego, não importa quão pouco o ser humano se aperceba disso. O processo trabalha automaticamente na maioria das pessoas, pois quando a alma retira sua atenção, a reação inevitável no plano físico é a morte, seja pela abstração dual dos fios de vida e energia racional, seja pela abstração do fio de energia que é qualificado pela mentalidade, deixando a corrente de vida ainda funcionando através do coração, porém sem consciência inteligente. A alma está absorvida alhures e ocupada no seu próprio plano com seus interesses próprios. (4-497/8)

7) O intento é que os homens morram, como todos os homens têm que morrer, *por exigência de sua própria alma*. Quando o homem tiver alcançado uma etapa mais elevada de evolução, com deliberada e precisa escolha do tempo, ele conscientemente se retirará do corpo físico. Este ficará silente e esvaziado da alma; desprovido de luz, contudo são e intacto; a seguir ele se desintegrará, por um processo natural, e seus átomos constituintes voltarão para esperar, no "reservatório de unidades expectantes", até serem novamente necessários para uso de almas encarnantes. Novamente, no lado subjetivo da vida, o processo é repetido, mas muitos já terão aprendido a retirar-se do corpo astral sem estarem sujeitos àquele "impacto na névoa", que é o modo simbólico de descrever a morte do homem no plano astral. Ele então retira-se para o plano mental, e deixa que a carcaça astral aumente a névoa e intensifique sua densidade. (17-29)

8) A morte, no que diz respeito ao ser humano, é, progressivamente, devida ao propósito *planejado* e à retirada *planejada* da alma, sob a pressão do seu próprio intento formulado. Isto se aplica, até certo ponto, a todos os que morrem, exceto àqueles que têm um grau tão baixo de inteligência que a alma pouco mais é do que um meio obscurecedor. De todos os que morrem, sejam muito ou pouco desenvolvidos, as etapas finais de dissolução, que se efetuam depois da retirada consciente da alma (consciente por parte da alma e tornando-se progressivamente consciente por parte daquele que está morrendo) estão a cargo deste poder da própria vida planetária de outorgar a morte. (17-244)

9) *Com o desenvolvimento da boa vontade*, que é a vontade de bons motivos e intenções, virão a cura de doenças do trato respiratório, pulmões e garganta, a estabilização das células cerebrais, a cura de doenças mentais e obsessões, e a consecução do equilíbrio e do

ritmo. Seguir-se-á a longevidade, pois a morte será o reconhecimento, pela alma, de que o trabalho está consumado e que pralaya foi conquistada. Isso só acontecerá mais tarde, a longos e separados intervalos, e será controlado pela vontade do homem. Este cessará de respirar quando tiver terminado seu trabalho, e então, enviará os átomos de seu corpo para pralaya. Isto é o sono do corpo físico, o fim da manifestação, e o significado oculto disto ainda não é compreendido. (17-108)

10) Pediria que se lembrassem que, nas considerações feitas, estamos tratando de reações e atividades da alma que está, deliberadamente, recordando seu aspecto encarnado porque um ciclo de vida foi concluído. O termo desse ciclo de vida pode ser longo ou curto, de acordo com os propósitos envolvidos; pode cobrir apenas uns poucos anos, ou um século. Antes do sétimo ano, a vitalidade do elemental físico é um fator preponderante. A alma está então focalizada no corpo etérico, porém, não está utilizando plenamente todos os seus centros; tem simplesmente um leve controle de pulsação e uma leve atividade impulsiva - suficientes para preservar a consciência, para vitalizar os vários processos físicos, e para iniciar a demonstração do caráter e do temperamento. Estes acentuam-se progressivamente até os vinte e um anos, quando se estabilizam naquilo que chamamos personalidade. No caso dos discípulos, o controle da alma sobre os centros etéricos será mais poderoso desde o início da existência física. À altura do décimo quarto ano, a qualidade e natureza da alma encarnada e sua idade aproximada ou experiência são determinadas, os elementais físicos, astrais e mentais estão sob controle, e a alma, o habitante interno do homem espiritual, já determina as tendências e escolha da vida. (17-463/4)

11) Na família humana, a morte sobrevém quando a alma recolhe seu fio de consciência e seu fio de vida; este processo de morte, porém, está contido inteiramente dentro dos três mundos. A alma, como bem sabemos, tem seu habitat nos níveis mais altos do plano mental. Em relação às formas de expressão a que me referi acima - ciclos, civilizações, culturas, raças, reinos da natureza, etc. - sua destruição é provocada por fontes ainda mais elevadas do que os três mundos nos quais elas se manifestam. Esta destruição ocorre sob a direção de Shamballa, que invoca a vontade da Hierarquia, ou de algum Ashram em particular ou de algum membro da Hierarquia para produzir um resultado predeterminado nos três mundos, de acordo com o propósito de Deus. Pode-se dizer (com precisão esotérica, até um certo ponto) que a destruição provocada, em obediência a esta quarta palavra na Regra XIV, é a destruição de algum aspecto do plano que estava em funcionamento nos três mundos, e isto sob o propósito e intenção divinos.

Esta destruição não é exteriormente tão conclusiva quanto a morte - no plano físico - de um homem, embora esta não seja, essencialmente, o processo rapidamente consumidor como geralmente se supõe. A forma física pode morrer e desaparecer, mas sobrevém um processo interior de morte dos corpos mais sutis, e o processo de morte não estará completo enquanto os corpos astral e mental não se tenham desintegrado para que o homem esteja livre no seu corpo causal ou corpo da alma. Assim é, em escala muito maior, com a morte, ou destruição, de fases do Plano divino, levada a efeito pela Hierarquia, em conformidade com o divino Propósito. Há uma superposição entre os processos construtivos e destrutivos. Civilizações em extinção estão presentes em suas formas finais, enquanto novas civilizações emergem; ciclos vêm e vão, e neste ir e vir, se

superpõem; o mesmo também é verdade no emergir e desaparecer de raios e raças. A morte, em última análise, e do ponto de vista do ser humano comum, é, simplesmente, o desaparecer do plano físico - o plano das aparências. (18-308/9)

PARTE X

À proporção que a humanidade se tornar consciente da alma... a morte será vista como um processo "encomendado" e executado em plena consciência e com compreensão do propósito cíclico. (17-435/6)

1) Em *Um Tratado sobre Magia Branca* ocupei-me do assunto da morte, ali focalizando principalmente os processos físicos da morte, e isto do ponto de vista do espectador ou observador. Ali, procurei indicar qual a atitude que o espectador devia ter. Aqui, gostaria de apresentar um quadro algo diferente, mostrando o que é conhecido pela alma que parte. Embora isto implique repetir o que já é conhecido, há, contudo, certas repetições e afirmações básicas que desejo fazer. Apresentá-las-ei sucintamente. Vocês as acharão fundamentais e factuais.

1. Chegou a hora de partida de uma alma encarnada. A alma, no passado:

a) Apropriou-se de um corpo físico de determinado calibre, adequado às necessidades e idade daquela alma.

b) Energizou aquele corpo físico por intermédio do corpo etérico, galvanizando-o para a atividade da vida, pelo período da duração do empreendimento físico da alma.

2. Duas correntes principais de energia penetram o corpo físico e produzem sua atividade, sua qualidade e tipo de expressão, além da impressão que ele causa ao seu meio ambiente:

a) *A corrente da vida dinâmica.* Esta está ancorada no coração. Esta corrente de energia dinâmica penetra o corpo pela cabeça e desce para o coração, onde fica focalizada durante o ciclo de vida. Uma corrente menor da energia universal ou prana, distinta da força da vida individualizada, penetra o corpo físico por meio do baço. Depois, eleva-se até o coração para juntar-se à maior e mais importante corrente de vida. A corrente de vida energiza e mantém em coesão o corpo físico integrado. A corrente de energia prânica vitaliza cada átomo e célula de que se compõe o corpo físico.

b) *A corrente da consciência individual.* Esta fica ancorada na cabeça, é um aspecto da alma, revela o tipo de consciência que é por sua vez, indicativa do ponto atingido na evolução. Esta corrente de energia, do mesmo modo, atua em conexão com a corrente de força da personalidade; e esta força é caracterizada pelo desejo (sensibilidade emocional ou astral) e penetra o corpo físico por meio do centro do plexo solar. Isto liga o homem a todo o plano astral, e portanto, ao mundo da miragem. Em pessoas não desenvolvidas e nos homens comuns, o plexo solar é o foco da consciência, e a energia é registrada pelo ponto focal de consciência na cabeça, sem qualquer reconhecimento. É por esta razão que (no momento da morte) a alma deixa o corpo através do plexo solar, e não pela cabeça. No caso do homem desenvolvido, o indivíduo do tipo mental, o aspirante, discípulo ou iniciado, o fio da consciência retira-se do corpo através da cabeça.

3. A alma-grupo de todas as formas no reino animal - sob a Lei da Atração - retira o princípio da vida de qualquer forma física específica por meio do plexo solar, que é o

cérebro do animal comum. Animais altamente desenvolvidos e domesticados estão começando a utilizar o cérebro, em maior ou menor grau, porém o princípio da vida e o aspecto da sensibilidade, ou consciência animal, é ainda retirado através do plexo solar. Temos, portanto, em todas as etapas do processo evolucionário, certos interessantes triângulos de energia.

a) No caso dos animais e dos seres humanos que são pouco mais do que animais, dos imbecis, e de certos homens que parecem ter nascido sem um ponto centralizado de consciência individual, a seguinte triplicidade é de importância:

A alma-grupo

O plexo solar

O baço ou centro prânico.

b) Em grau inferior, porém, ainda assim seres humanos individualizados e do tipo médio de pessoa emocional, deve-se registrar a seguinte triplicidade:

A alma

O centro da cabeça

O plexo solar

c) Para as pessoas altamente desenvolvidas e para aqueles que estão no Caminho do Discipulado, temos o seguinte triângulo ativo no momento da morte:

A alma

O centro da cabeça

O centro ajna

Juntamente com todas estas triplicidades existentes uma relação dual com o princípio da vida:

a) O coração, no qual está focalizada a vida da alma na forma.

b) O baço, através do qual passa, constante e ritmicamente, a essência da vida universal ou prana.

O assunto todo é, de fato, muito obscuro, e, para as pessoas em níveis estritamente humanos, ainda inverificável. Todavia, a aceitação dos três pontos acima, hoje hipotéticos, ajudará a esclarecer a mente sobre todo este tema da restituição com o qual nos temos ocupado.

4. O ponto seguinte não necessita de prova, pois é aceito, de modo geral. É que o desejo governa o processo da morte, assim como governa os processos da experiência de vida. Dizemos constantemente que quando falta a vontade-de-viver, a morte resulta inevitável. Esta vontade-de-viver, seja pela tenacidade do corpo físico, atuando como um ser elemental, ou como a direção intencional da alma, é um aspecto do desejo, ou melhor, é uma reação da vontade espiritual sobre o plano físico. Há, portanto, uma interligada relação entre:

a) A alma no seu próprio plano

b) O corpo astral

c) O centro do plexo solar.

Esta relação tem, até agora, merecido pouca atenção no que diz respeito à Arte de Morrer. No entanto, ela justifica uma cuidadosa reflexão. (17-428/31)

2) O processo da MORTE é, em termos ocultistas, como segue:

a. A primeira etapa é a retirada da força da vida no veículo etérico do corpo físico

denso, e a conseqüente "queda na corrupção" e tornando-se "disperso nos elementos". O homem objetivado desvanece-se e não mais é visto pelo olho físico, embora ainda no seu corpo etérico. Quando a visão etérica está desenvolvida, o pensar na morte assume proporções muito diferentes. Quando um homem puder ser visto atuando no seu corpo físico etérico pela maioria da humanidade, o abandono do corpo denso será considerado simplesmente como uma libertação.

b. A segunda etapa é a retirada da força da vida do corpo etérico, e sua desvitalização...

c. A terceira etapa é a retirada da força da vida da forma astral ou emocional, de modo que ela se desintegra de modo semelhante, e a vida é centralizada noutra parte. Ela ganhou um aumento de vitalidade através da existência no plano físico e adicionou cor através da experiência emocional.

d. A etapa final para o ser humano é a sua retirada do veículo mental. As forças da vida, depois desta quadrupla abstração, são centralizadas inteiramente na alma... (17-414/5)

3) Penso que o melhor que posso fazer, para esclarecer o assunto mais completamente, é descrever a sequência de acontecimentos que se desenrolam no leito de morte, lembrando que são em número de três os pontos da abstração final: a cabeça, para os discípulos e iniciados e também para os tipos mentais avançados; o coração, para os aspirantes, para os homens de boa vontade e para todos aqueles que alcançaram uma certa medida de integridade de personalidade, e estão procurando cumprir, segundo podem, a lei do amor; e o plexo solar, para as pessoas não desenvolvidas e emocionalmente polarizadas. Tudo que posso fazer é enumerar as etapas do processo, deixando para vocês aceitarem-nas como hipótese, interessante e possível, à espera de verificação; acreditar nelas, sem questionamento, porque confiam no meu conhecimento, ou rejeitá-las como fantásticas, inverificáveis e sem importância alguma. Recomendo a primeira das três, pois ela permitirá conservar a integridade mental, indicará uma mente aberta e, ao mesmo tempo, protegerá vocês da credulidade e estreiteza da mente. Essas etapas, portanto, são:

1. Do seu próprio plano a *alma emite uma "ordem de retirada"*, e imediatamente um processo e reação interiores se fazem sentir no homem, no plano físico.

a) *Certos fatos fisiológicos* acontecem no local da doença, com relação ao coração, afetando também os três grandes sistemas que, de forma tão potente, condicionam o homem físico: a corrente sanguínea, o sistema nervoso em suas várias expressões, e o sistema endócrino. Não tratarei destes efeitos. A patologia da morte é bem conhecida e tem sido alvo de muitos estudos exotéricos; muito ainda resta para ser descoberto, e o será mais tarde. Estou interessado, acima de tudo, nas reações subjetivas que (em última análise) provocam a predisposição patológica da morte.

b) *Uma vibração percorre os nadis*. Os nadis são, como sabemos, a contraparte etérica de todo o sistema nervoso e eles subjazem a cada nervo do corpo físico inteiro. São, por excelência, os agentes que direcionam os impulsos da alma, reagindo à atividade vibratória que emana da contraparte etérica do cérebro. Eles respondem à Palavra diretora, reagem ao "chamado" da alma, e então se organizam para a abstração.

c) *A corrente sanguínea é afetada* de maneira peculiarmente ocultista. O "Sangue é vida",

assim nos dizem, e ele é internamente modificado como resultado das duas etapas anteriores, mas primordialmente, como resultado de uma atividade até agora não descoberta pela ciência moderna, pela qual o sistema glandular é responsável. As glândulas, em resposta ao chamado da morte, injetam na corrente sanguínea uma substância que por, sua vez, afeta o coração. Ali, o fio da vida está ancorado, e esta substância no sangue é considerada a "agenciadora da morte", e é uma das causas básicas do coma e da perda da consciência. Isto evoca uma ação reflexa no cérebro. Esta substância e seu efeito serão por enquanto questionadas pela medicina ortodoxa, mas sua presença será posteriormente reconhecida.

d) *Estabelece-se um tremor psíquico* que tem o efeito de afrouxar ou romper a ligação entre os nadis e o sistema nervoso; o corpo etérico é dessa forma separado do envoltório denso, embora ainda interpenetrando todas as suas partes.

2. *Frequentemente há uma pausa*, neste ponto mais ou menos longa. Isto é permitido para que o processo de afrouxamento seja levado avante da maneira mais suave e menos dolorosa possível. Este afrouxamento dos nadis começa nos olhos. Este processo de afastamento manifesta-se no relaxamento e ausência de medo que, com frequência, as pessoas mostram ao morrer; elas evidenciam uma condição de paz e um desejo de partir, além de incapacidade de fazer um esforço mental. É como se o moribundo, ainda preservando a consciência, reunisse todos os recursos para a retirada final. Esta é a etapa na qual - tendo sido removido definitivamente da mente humana o medo da morte - os amigos e parentes da pessoa que está de partida "far-lhe-ão um festival" e com ela se rejubilarão porque está abandonando o corpo. Por enquanto isso ainda não é possível. A dor impera, e a etapa passa sem ser reconhecida nem utilizada, como um dia o será.

3. *A seguir, o corpo etérico organizado*, solto de toda a relação nervosa pela ação dos nadis, *começa a reunir-se* para a partida final. Ele se retira das extremidades em direção à "porta de saída" necessária e focaliza-se na área que circunda essa porta para a "arremetida" final dirigida pela alma. Até este ponto tudo acontece segundo a Lei da Atração - a vontade atrativa e magnética da alma. Agora, outra "arremetida" ou impulso atrativo se faz sentir. O corpo físico denso, a totalidade de órgãos, células e átomos, tudo está sendo liberado da força de integração do corpo vital pela ação dos nadis; começa a responder à força atrativa da própria matéria. Isto tem sido chamado a atração da "terra" e é exercida por essa misteriosa entidade a que chamamos o "espírito da terra"; esta entidade está no arco involutivo, e é para o nosso planeta o que o elemental físico é para o corpo físico do homem. Esta força de vida do plano físico é, essencialmente, a vida e luz da substância atômica - a matéria da qual todas as formas são feitas. É para este reservatório de vida involucionária e material que a substância de todas as formas retoma. A restituição da matéria recrutada da forma ocupada pela alma durante o ciclo de uma vida, consiste em devolver a este "Cesar" do mundo involucionário o que a ele pertence, enquanto a alma retorna ao Deus Que a enviou.

Tornar-se-á, pois, evidente, que, nesta etapa, desenvolve-se um processo dual atrativo:

- a) O corpo vital está sendo preparado para sair.
- b) O corpo físico responde à dissolução.

Poderíamos acrescentar uma terceira atividade, que é a do homem consciente, que

retira sua consciência, firme e gradualmente, para os veículos astral e mental, em preparação para o completo afastamento do corpo etérico, no devido momento. O homem torna-se cada vez menos ligado ao plano físico, e mais voltado para dentro de si mesmo. No caso de uma pessoa adiantada, este processo é levado a efeito conscientemente, e o homem mantém seus interesses vitais, e a percepção de relação com os demais, mesmo enquanto está perdendo o controle sobre a existência física. Na velhice, nota-se mais facilmente este desapego do que na morte através da enfermidade, e com frequência podemos ver a alma, ou o homem interno, vivo, interessado, perdendo o controle sobre a física e, portanto, ilusória realidade.

4. *Novamente se segue uma pausa.* Este é o ponto quando o elemental físico pode, às vezes, recuperar o controle sobre o corpo etérico, se a alma julgar isto necessário, se a morte não é parte do plano interno, ou se o elemental físico for tão forte que possa prolongar o processo da morte. Esta vida elemental, às vezes, travará uma batalha que dura dias e semanas. Quando, porém, a morte é inevitável, esta pausa será extremamente breve, às vezes de apenas alguns segundos. O elemental físico perde o controle, e o corpo etérico espera o "puxão" final da alma, atuando sob a Lei da Atração.

5. *O corpo etérico emerge do corpo físico denso,* em etapas graduais, pelo ponto de saída escolhido. Após emergir totalmente, o corpo vital então assume o vago contorno da forma que ele antes energizara, e isto sob a influência do pensamento-forma que o homem construiu sobre si mesmo no correr dos anos. Este pensamento-forma existe no caso de todo ser humano, e tem que ser destruído antes que a segunda etapa da eliminação se complete finalmente. Tocaremos neste assunto mais tarde. Embora livre das cadeias do corpo físico, o corpo etérico não está, ainda, livre de sua influência. Há ainda uma leve relação entre os dois, o que mantém o homem espiritual ainda próximo ao corpo que acabou de deixar. Eis por que os clarividentes frequentemente afirmam ver o corpo etérico pairando à volta do leito de morte ou do caixão. Ainda interpenetrando o corpo etérico estão as energias integradas que chamamos de corpo astral e veículo mental, e no centro há um ponto de luz que indica a presença da alma.

6. *O corpo etérico é gradualmente dispersado,* quando as energias de que é composto são reorganizadas e retiradas, deixando apenas a substância prânica que é identificada com o veículo etérico do próprio planeta. Este processo de dispersão é, como já disse antes, grandemente ajudado pela cremação. No caso de uma pessoa não-desenvolvida, o corpo etérico pode permanecer por longo tempo nas proximidades de seu envoltório exterior em desintegração, porque o chamado da alma não é potente, enquanto que o aspecto material o é. Quando a pessoa é adiantada e, portanto, tem o pensamento afastado do plano físico, a dissolução do corpo vital pode ser extremamente rápida. Uma vez isto feito, termina o processo de restituição; o homem está livre, ao menos temporariamente, de toda a reação à força atrativa da matéria física; ele permanece nos seus corpos sutis, pronto para o grande ato a que dei o nome de "A Arte da Eliminação".

Um pensamento surge ao concluirmos esta inadequada consideração sobre a morte do corpo físico em seus dois aspectos, e este pensamento é a integridade do homem interior. *Ele continua ele mesmo.* Ele é intocável e desimpedido; ele é um agente livre no que diz respeito ao plano físico, e é capaz de responder apenas a três fatores predisponentes:

1. A qualidade de seu equipamento astral-emocional.

2. A condição mental da qual ele habitualmente vive.

3. A voz da alma, frequentemente não familiar, mas às vezes, bem conhecida e amada.

A individualidade não é perdida; a mesma pessoa ainda está presente no planeta. Desapareceu apenas aquilo que era uma parte integral da aparência tangível do nosso planeta. Aquele que foi amado ou odiado, que foi útil à humanidade ou um risco, que serviu à raça ou foi dela um membro inútil, ainda persiste, está ainda em contato com os processos qualitativo e mental da existência, e permanecerá para sempre - individual, qualificado pelo seu tipo de raio, parte do reino das almas, e, por seu direito próprio, um elevado iniciado. (17-472/8).

4) Antes de abordar o assunto em maiores detalhes, gostaria de falar sobre a "teia na cabeça", que permanece intacta para a maioria, mas que inexiste para o vidente iluminado.

No corpo humano, como sabem, temos um subjacente e interpenetrante corpo vital que é a contraparte do físico, maior do que este, e a que chamamos de corpo ou duplo etérico. E um corpo de energia, composto de centros de força e nadis ou fios de força. Estes subjazem ou são a contraparte do sistema nervoso - os nervos e os gânglios nervosos. Em dois lugares do corpo vital humano há *orifícios de saída* para a força da vida. Uma abertura fica no plexo solar e a outra, no cérebro, no alto da cabeça. Protegendo a ambos, existe uma teia cerrada de matéria etérica, formada por fios de energia que se entrelaçam.

Durante o processo da morte, a pressão da energia da vida pulsando contra a teia provoca, eventualmente, uma ruptura ou abertura. Dela jorra a força da vida, à proporção que a potência da influência extrativa da alma aumenta. No caso de animais, crianças pequenas e de homens e mulheres que estão inteiramente polarizados nos corpos físicos e astral, a porta de saída é o plexo solar, e é esta teia que é rompida, permitindo assim a passagem. No caso de tipos mentais, de seres humanos mais altamente evoluídos, é a teia no alto da cabeça, na região da fontanela, que é rompida, permitindo, assim, a saída do ser pensante racional.

No caso de sensitivos, médiuns e videntes inferiores (pessoas clarividentes e clariaudientes) a teia do plexo solar é rompida permanentemente quando ainda muito jovens, e eles podem, por isso, entrar e sair do corpo facilmente, ao entrar em transe, como isso é chamado, e atuar no plano astral. Mas para esses tipos não há continuidade de consciência, e parece não haver relação entre o seu plano físico de existência e os acontecimentos que relatam, quando em transe, e dos quais não têm noção alguma quando em estado vigil. O desempenho é todo feito abaixo do diafragma e relacionado, primordialmente, com a vida sensorial animal. No caso da clarividência consciente e no trabalho de sensitivos e videntes mais evoluídos, não existe transe, obsessão, ou mediunidade. É a teia da cabeça que é rompida, e a abertura nessa região permite a entrada de luz, informação e inspiração; também confere o poder de passar para o estado de Samadhi, que é a correspondência espiritual à condição do transe da natureza animal.

No processo da morte são estas, pois, as duas principais saídas: o plexo solar, para aqueles seres humanos de inclinações puramente físicas que estão astralmente polarizados e, portanto, a vasta maioria; e o centro da cabeça, para os seres humanos mentalmente polarizados e espiritualmente orientados. Este é o primeiro e mais importante ponto a ser lembrado, e facilmente será visto como a tendência e o foco da atenção da vida determinam o modo de saída, no momento da morte. Pode-se ver, também, que um

esforço para controlar a vida astral e a natureza emocional e para a auto-orientação na direção do mundo mental e das coisas espirituais tem um efeito capital sobre os aspectos fenomênicos do processo da morte.

Se o estudante está pensando com clareza, torna-se evidente para ele que uma saída diz respeito ao homem espiritual e altamente evoluído, enquanto que a outra diz respeito ao ser humano de grau inferior que pouco avançou além do estágio animal. E o que dizer do homem comum? Uma terceira saída está sendo agora usada temporariamente; bem abaixo do ápice do coração encontra-se uma outra teia etérica que cobre um orifício de saída. Temos, portanto, a seguinte situação:

1. A saída na cabeça, usada pelo tipo intelectual, pelos discípulos e iniciados do mundo.
2. A saída no coração, usada pelo homem, ou mulher, bondoso, bem-intencionado, bom cidadão, amigo inteligente e trabalhador filantrópico.
3. A saída na região do plexo solar, usada pelo homem emocional, sem inteligência, irracional, e por aqueles de forte natureza animal.

Este é o primeiro ponto da nova informação que, aos poucos, se tornará do conhecimento geral no Ocidente durante o próximo século. Grande parte já é do conhecimento de pensadores no Oriente, e está na natureza do primeiro passo em direção à compreensão racional do processo da morte. (4- 500/2)

5) Procurei, nas páginas precedentes, dar uma visão da verdadeira natureza daquilo a que chamamos morte. A morte é a retirada, consciente ou inconscientemente, da entidade interior viva, de sua concha exterior, sua correspondência interna vital, e finalmente, o abandono do corpo ou corpos sutis, segundo o ponto na evolução da pessoa. O horror que acompanha a morte no campo de batalha ou por acidente, consiste no choque que tal coisa determina na área do corpo etérico, que necessita um rápido reajustamento de suas forças constituintes e uma reintegração súbita e inesperada de suas partes componentes, em resposta à ação definida que por força tem que ser exercida pelo homem no seu corpo kama-manásico. Esta ação não envolve o recolocar novamente o homem interno dentro do veículo etérico, mas exige a reunião dos aspectos dissipados daquele corpo sob a Lei da Atração, para que a dissolução final possa realizar-se completamente. (17-478/9)

6) Mais uma vez, o processo da morte pode ser visto como uma dupla atividade que se refere, primordialmente, ao corpo etérico. Primeiro que tudo, há a reunião e retirada da substância etérica, de modo que ela não mais interpenetre o organismo físico denso, e sua subsequente *densificação* (uma palavra que escolhi deliberadamente) naquela área do corpo etérico que sempre circunda o veículo denso, mas não o penetra. Isto tem sido, às vezes, erroneamente, chamado a aura de saúde, e pode ser fotografado com mais facilidade e sucesso durante o processo da morte do que em qualquer outra ocasião, devido às forças que, ao retirarem-se, se acumulam externamente por várias polegadas à volta do corpo tangível. É neste ponto da experiência da alma que se retira, que a "palavra de morte" é dita, e é antes dessa palavra ser enunciada que se torna possível um retorno à vida física, e que as forças etéricas retiradas podem, novamente, interpenetrar o corpo. A relação com todas as forças retiradas é mantida, até este ponto, pela cabeça, pelo coração ou pelo plexo solar, assim como pelos dois centros menores do tórax.

Durante todo este tempo a consciência do homem que está morrendo está focalizada

ou no corpo emocional (ou astral) ou no veículo mental, segundo o ponto na evolução. Ele não está inconsciente, como o observador poderia inferir, porém, dentro de si mesmo, totalmente atento ao que está ocorrendo. Se ele é fortemente focalizado na vida do plano físico, e se esse é o desejo dominante do qual mais se apercebe, ele pode então intensificar o conflito; teremos então o elemental físico travando uma batalha furiosa pela existência, a natureza do desejo lutando para retardar os processos da morte, e a alma determinada no trabalho de abstração e restituição. Isto pode ocasionar, o que é frequente, uma luta perfeitamente visível aos observadores. À proporção que a humanidade progredir e se desenvolver, esta tríplice batalha tornar-se-á muito mais rara; o desejo pelo plano físico da existência não parecerá tão atraente, e a atividade do corpo astral desaparecerá. (17-466/7)

7) Há uma grande energia de abstração a que chamamos Morte, cuja influência, num dado momento, mostra-se mais potente do que as influências juntas de átomos e células do corpo. Ela produz uma tendência para retirar, e finalmente abstrair a energia da alma, que se vale destas potências no processo de abandonar um veículo neste ou naquele plano. Pode-se dizer que as sementes da morte (o germe da morte) estão latentes no planeta e nas formas. (17-347)

8) São os centros que mantêm o corpo unido e o tornam coeso, energizado e como um todo ativo. Como sabeis, ao ocorrer a morte, o fio da consciência retira-se do centro da cabeça, enquanto o fio da vida se retira do centro do coração. O que ainda não foi enfatizado é que esta dupla retirada tem um efeito sobre cada centro no corpo. O fio da consciência, ancorado no centro da cabeça, qualifica as pétalas do lótus chamado na literatura oriental de "lótus de mil pétalas", e as pétalas desse lótus têm uma relação e um efeito decisivamente qualificador (de irradiação e magnético) sobre as pétalas em cada um dos centros principais dentro do corpo etérico; o centro da cabeça os mantém em atividade qualificadora, e quando esta qualidade de resposta consciente é retirada do centro da cabeça, imediatamente se faz sentir um efeito em todas as pétalas de todos os centros; a energia qualificadora é retirada, deixando o corpo através do centro da cabeça. A mesma técnica geral é válida para o fio da vida, que está ancorado no coração, depois de passar (em aliança com o fio da consciência) para e através do centro da cabeça. Enquanto o fio da vida está ancorado no coração, ele energiza e preserva em vitalidade todos os centros no corpo, enviando seus fios de vida para um ponto que se encontra exatamente na parte central do lótus, ou no coração do centro. Este é chamado, às vezes, "a joia no lótus", embora esta expressão seja aplicada mais frequentemente ao ponto monádico no coração do lótus egóico no seu próprio plano. Quando ocorre a morte, e o fio da vida é reunido pela alma e retirado do coração para a cabeça, e desta de volta para o corpo da alma, ele leva consigo a vida de cada centro no corpo; em consequência, o corpo morre e se desintegra, e não mais forma um todo vivo, consciente e coeso. (17- 622/3)

9) As forças etéricas são primeiro que tudo retiradas para a extensão circundante do círculo-não-se-passa etérico, antes da dissipação final que deixa o homem livre para permanecer como uma alma humana dentro do círculo-não-se-passa do seu veículo astral. Tendes aqui, de certa forma, um novo aspecto do processo da morte. A retirada do corpo etérico da ocupação do corpo físico denso tem sido muitas vezes situada e apresentada. Mas, mesmo quando isso acaba, ainda assim a morte não foi completa; espera ainda uma

atividade secundária da vontade da alma. Esta atividade secundária levará todas as forças etéricas a se dissolverem numa fonte emanadora que é o reservatório geral de forças. Não nos esqueçamos de que o corpo etérico não tem vida própria diferenciada. Ele é apenas um amálgama de todas as forças e energias que animaram o corpo físico e o galvanizaram para a atividade durante o ciclo de vida exterior. Lembremo-nos, também, que os cinco centros ao longo da coluna vertebral não estão dentro do corpo físico, porém em certos pontos distintos na substância etérica paralela; eles estão (mesmo no caso do homem não-desenvolvido, e ainda mais no caso do homem comum) distantes a pelo menos duas polegadas da coluna vertebral física. Os três centros da cabeça estão também fora do corpo físico denso. Lembrar disto facilitar-vos-á entender a afirmativa de que o corpo físico está, *per se*, vazio, quando a morte é reconhecida pelas autoridades que observam, mas que, não obstante, o homem pode não estar realmente morto. Lembrar-vos-ia, também, que isto é igualmente verdadeiro quanto aos múltiplos centros menores, assim quanto aos principais, com os quais estamos tão familiarizados.

Os últimos dos centros menores a se "desvanecerem no nada" para se reunirem à totalidade da substância etérica, são os dois intimamente relacionados com os pulmões e que se encontram nessa região. É sobre esses dois centros que a alma trabalha, se de novo chamada para o corpo físico denso por alguma razão. É quando eles retornam de novo à atividade que o sopro da vida retoma à forma física esvaziada. É a inconsciente compreensão deste fato que constitui a causa imediata do processo normalmente seguido em todos os casos de afogamento ou asfixia. Quando um homem é presa da doença, e o corpo físico está por conseguinte enfraquecido, tais processos de recuperação não são possíveis, e não devem ser usados. Nos casos de morte súbita por acidente, suicídio, assassinio, inesperados ataques cardíacos ou na guerra, o choque é de tal monta que o processo, normalmente um tanto vagaroso, de retirada da alma, é totalmente transtornado de modo que o esvaziamento do corpo físico e a completa dissolução do corpo etérico são, praticamente, simultâneos. Nos casos normais de morte por doença, a retirada é lenta e (quando a gravidade da doença não causou demasiada deterioração no organismo físico) há a possibilidade de um retorno por um período mais ou menos longo. Isto acontece com frequência, especialmente quando a vontade de viver é forte, ou a tarefa daquela vida não foi realizada totalmente e ainda não corretamente completada. (17-460/2)

10) As mudanças sofridas nos centros quando a morte do corpo físico se processa, jamais foram observadas ou registradas; são, contudo, visíveis ao olho do iniciado e são interessantíssimas e esclarecedoras. É o reconhecimento da condição dos centros que permite ao iniciado saber - quando no processo de se realizarem curas - se a cura do corpo é possível ou não. Ele pode ver se a vontade do princípio de abstração, ao qual me tenho referido, está ativamente presente ou não. Pode-se ver o mesmo processo ocorrendo em organizações e civilizações nas quais o aspecto forma está sendo destruído para que a vida possa ser abstraída, e mais tarde, reconstruir-se numa forma mais adequada. O mesmo se dá nos grandes processos de iniciação, os quais são, não só, processos de expansão da consciência, mas têm suas raízes na morte ou no processo de abstração, que conduzem à ressurreição e ascensão.

Tudo que produz uma mudança é uma descarga (para usar uma expressão totalmente inadequada) de energia-vontade direcionada e focalizada. Esta é de qualidade tão

magnética que atrai para si a vida dos centros, provocando a dissolução da forma e a liberação da vida. A morte vem para o homem, no sentido ordinário do termo, quando o desejo de viver num corpo físico desaparece, e o desejo de abstração toma lugar. A isto chamamos morte. Nos casos de morte na guerra, por exemplo, não há um desejo pessoal de retirada, mas sim uma participação forçada num grande grupo de abstração. Do seu próprio plano, a alma do indivíduo reconhece o fim do ciclo da encarnação, e reclama de volta sua vida. E faz isto por meio de uma descarga de energia-vontade suficientemente forte para produzir a mudança.

1. A Lei exige que a correta direção guie as forças entrantes.

As forças entrantes, trabalhando sob esta lei, são dirigidas, primeiramente, para o centro da cabeça, daí para o centro ajna, e então para o centro que foi governante e mais ativo centro durante a encarnação do princípio de vida. Este varia segundo o ponto alcançado na escala da evolução, e de acordo com o raio da personalidade, com o raio da alma mais tarde promovendo um condicionamento e mudança maiores. No trabalho do iniciado que conscientemente manobra esta lei, o princípio de abstração (ao entrar no corpo) é mantido focalizado na cabeça e tem tal potência magnética que a energia dos demais centros é rapidamente reunida e retirada. O que é verdadeiro para o processo individual de abstração do princípio de vida, sob a Lei dos Sete Suplementares, é igualmente verdadeiro para o processo em todas as formas e em todos os grupos de formas. O Cristo referiu-se a este trabalho de abstração, no que diz respeito ao terceiro grande centro planetário, a Humanidade, quando disse (e Ele falava como Representante da Hierarquia, o segundo centro planetário para o qual todos os seres humanos que alcançam a iniciação são "retirados" esotericamente), "Eu, se for elevado, atrairei a mim todos os homens". Uma palavra diferente da palavra do Cristo será pronunciada no fim da era quando o Senhor do Mundo falará de Shamballa, abstrairá o princípio de vida da Hierarquia, e toda vida e consciência serão então focalizadas no centro da cabeça planetária - a grande Câmara do Conselho em Shamballa. (18-164/5)

11) Retomando mais uma vez o fio de nossa instrução, consideraremos agora a atividade do homem interno espiritual que descartou seus corpos físicos e etéricos e agora se ergue dentro da concha do corpo sutil - um corpo composto de substância astral ou sensorial e de substância mental. Devido à forte polarização emocional e sensorial do homem comum, formou-se a ideia de que o homem se retira, após a verdadeira morte, primeiramente para o corpo astral, e então, mais tarde, para o veículo mental. Mas, em verdade, isto não é assim. Um corpo construído predominantemente de matéria astral é a base desta ideia. Poucas pessoas estão já evoluídas a ponto de se encontrarem, depois da morte, num veículo predominantemente composto de substância mental. Somente discípulos e iniciados que viveram essencialmente em suas mentes, se encontram, depois da morte, imediatamente no plano mental. A maioria das pessoas descobrem-se no plano astral, revestidas por uma concha de matéria astral, e submetidas a um período de eliminação, dentro da área de ilusão do plano astral.

Como já vos disse antes, o plano astral não tem existência fatural, antes é uma criação ilusória da família humana. Daqui para a frente, contudo, (através da derrota das forças do mal, e do desastroso revés sofrido pela Loja Negra), o plano astral, lentamente, se tornará uma agonizante criação, e no período final da história humana (na sétima raça-raiz), deixará

de existir - o que não é o caso hoje. A substância sensorial que constitui o plano astral ainda está sendo reunida em formas de ilusão, e ainda forma uma barreira no caminho da alma que está procurando a libertação. Ele ainda "mantém prisioneiras" as muitas pessoas que morrem enquanto sua maior reação à vida é a do desejo, de pensamentos ilusórios, e de sensibilidade emocional. Estas ainda são a grande maioria. Nos dias de Atlântida, surgiu o plano astral; o estado de consciência mental, praticamente, não existia então, embora os "filhos da mente" tivessem seu lugar no que são hoje os níveis mais altos daquele plano. O átomo mental permanente estava, também praticamente imóvel dentro de cada forma humana, não existindo, por conseguinte, nenhum "puxão" atrativo do plano mental, como existe hoje. Muitas pessoas estão ainda em nível de consciência atlante, e quando fazem a passagem do estado físico de consciência e se descartam do seu corpo físico dual, defrontam-se com o problema da eliminação do corpo astral, porém pouco têm a fazer para se libertarem de qualquer prisão mental da alma. Estas são as pessoas comuns e as sem desenvolvimento que, após a eliminação do corpo kâmico ou de desejo, pouco mais têm a fazer; não há veículo mental para atraí-las para uma integração mental, uma vez que não existe potência mentalmente focalizada; a alma nos níveis mentais mais elevados ainda está "em profunda meditação" e totalmente despercebida de sua sombra nos três mundos. (17-486/7)

PARTE XI

A Obra de Restituição... A Arte de Eliminação... Os Processos de Integração... Estes três processos são a Morte. (17-394/5)

1) OS TRÊS mundos de evolução humana - o mundo físico, o mundo da emoção e desejo, e o plano mental, são o campo de experiência (no qual está a morte, como a média das pessoas a conhece). Este mundo é, em última análise, duplo sob o ponto de vista da morte, e daí a expressão "a segunda morte". Esta expressão eu já apliquei anteriormente à morte ou destruição do corpo causal, no qual a alma espiritual até então funcionava. Pode ser aplicada contudo no sentido mais literal e pode ser considerada como correspondente à segunda fase do processo de morte nos três mundos. Concerne apenas à forma, e está relacionada àqueles veículos de expressão que são encontrados abaixo dos níveis desprovidos de forma do plano cósmico físico. Estes níveis de forma (como vocês bem sabem, pois o conhecimento constitui o a, b, c, da teoria ocultista) são os níveis nos quais a mente inferior, concreta, funciona, a natureza emocional reage ao assim-chamado plano astral, e o plano físico dual. O corpo físico constitui-se do corpo físico denso e do veículo etérico. Consequentemente, ao considerar a morte de um ser humano, temos que empregar a palavra morte em relação às duas fases em que ela se processa:

Fase Um: a morte do corpo físico-etérico. Esta fase divide-se em duas etapas:

a) Aquela em que os átomos que constituem o corpo físico são restituídos à fonte de onde vieram. Esta fonte é a soma total da matéria do planeta, que constitui o corpo físico denso da Vida planetária.

b) Aquela em que o veículo etérico, composto de um agregado de forças, devolve essas forças ao reservatório geral de energia.

Esta fase dual abrange o Processo de Restituição.

Fase Dois: A "rejeição" (como é, às vezes, chamada) dos veículos mental-emocional. Estes formam, na realidade, um único corpo; a ele os antigos teósofos (corretamente) deram o nome de "corpo kama-manásico" ou o veículo da mente-desejo. Já disse algures que não existe tal coisa como o plano astral ou corpo astral. Assim como o corpo físico é formado de matéria que não é considerada um princípio, também o corpo astral - no que concerne à natureza da mente - está na mesma categoria. Este é um assunto, para vocês, difícil de entender, porque desejo e emoção são muito reais e devastadoramente importantes. Mas -- falando literalmente - do ângulo do plano mental, o corpo astral é "uma invenção da imaginação", *não* é um princípio. Contudo o uso maciço da imaginação a serviço do desejo, construiu um mundo de ilusória miragem, o mundo do plano astral. Durante a encarnação física, e quando um homem não está no Caminho do Discipulado, o plano astral é muito real, com vitalidade e vida toda sua. Depois da primeira morte (a morte do corpo físico) ele ainda permanece igualmente real. Sua potência, porém, lentamente se esvai; o homem mental vem a compreender o seu próprio verdadeiro estado de consciência (desenvolvida ou não), e a segunda morte torna-se possível e se processa. *Esta*

fase abrange o Processo de Eliminação. Quando estas duas fases da Arte de Morrer se completam, a alma desencarnada está livre do controle da matéria; está purificada (temporariamente, pelas fases de Restituição e Eliminação) de toda contaminação pela substância. Isto é alcançado, não através de qualquer atividade da alma na forma, a alma humana, mas como resultado da atividade da alma em seu próprio plano, abstraindo a fração de si mesma a que chamamos a alma humana. É primordialmente o trabalho da alma dominante que leva isso a cabo; não é efetuado pela alma na personalidade. A alma humana, durante esta etapa, apenas responde à ação da força atrativa da alma espiritual enquanto esta - com determinado propósito - extrai a alma humana dos envoltórios que a aprisionam. Mais tarde, à proporção que os processos evolucionários progredam, e a alma assuma de forma crescente o controle da personalidade, ela realizará - consciente e intencionalmente - as fases da morte. Nos estágios iniciais, esta liberação será realizada com o auxílio da alma espiritual dominante. Mais tarde, quando o homem estiver vivendo no plano físico como alma, ele próprio - com perfeita continuidade de consciência - levará a cabo o processo de abstração, e então, com propósito direcionado, "ascenderá ao lugar de onde veio". Este é o reflexo nos três mundos da divina ascensão do Filho de Deus tornado perfeito. (17-408/10)

2) Você notarão que as várias palavras que eu usei ao considerar os requisitos básicos, foram escolhidas devido aos seus significados específicos:

1. *A Obra de Restituição* significa o retorno da forma ao reservatório básico da substância; ou o retorno da alma, a energia espiritual divina, à sua fonte - quer no nível da alma, quer no nível monádico, de acordo com o ponto alcançado na evolução. Esta restituição é, predominantemente, o trabalho da alma humana no corpo físico e envolve os centros do coração e da cabeça.

2. *A Arte de Eliminação* refere-se a duas atividades do homem espiritual interno, isto é, a eliminação de todo controle do homem inferior tríplice, o processo de refocalizar-se nos níveis concretos do plano mental como um ponto de radiante luz. Isto diz respeito, primariamente, à alma humana.

3. *Os Processos de Integração* dizem respeito ao trabalho do homem espiritual liberto quando ele se mescla com a alma (a superalma) nos níveis superiores do plano mental. A parte volta ao todo, e o homem compreende o verdadeiro significado das palavras de Krishna, "Tendo permeado este universo inteiro com um fragmento de mim mesmo, Eu permaneço". Também ele, o fragmento experimentador consciente que permeou o pequeno universo da forma nos três mundos, ainda permanece. Ele se reconhece como uma parte do todo.

Estes três processos são a Morte. (17-394/5)

3) Toda esta parte com que nos ocupamos agora, chamada de Os Requisitos Básicos, refere-se na realidade aos processos da morte, às condições do mundo material ou aos três mundos de serviço encarnado. A *restituição* do corpo ao reservatório geral da substância, ou ao serviço no mundo exterior da vida física diária, a restauração da alma à sua fonte, a alma no seu próprio plano ou - ao contrário - a plena responsabilidade no corpo, são tratadas neste primeiro ponto. A *eliminação* do princípio da vida e o aspecto da consciência são tratados no segundo ponto, e o tema não é o da formação do caráter, como alguns possam supor. Toquei no caráter e nas qualidades pessoais nos comentários iniciais desta parte

porque toda a verdadeira compreensão dos princípios básicos da morte e da vida é facilitada pela correta ação, baseada no correto pensar, que resulta na correta formação do caráter. Não procuro, contudo, estender-me sobre estes pré-requisitos elementares. Os processos de integração, tais como procuro considerá-los aqui, dizem respeito à integração da alma no corpo tríptico, se o carma assim decidir, ou no reino das almas, se o carma decreta que o que nós chamamos morte está à espera do homem. (17-391)

4) Consideraremos, pois, os três principais processos a que antes me referi; eles cobrem três períodos e leva, finalmente, a outros processos sob a Lei do Renascimento. São eles:

1. O *Processo de Restituição*, que governa o período de retirada da alma do plano físico e dos seus dois aspectos fenomênicos, o corpo físico denso e corpo etérico. Diz respeito à Arte de Morrer. 2. O *Processo de Eliminação*. Este governa aquele período da vida da alma humana após a morte e nos dois outros mundos da evolução humana. Diz respeito à eliminação do corpo kama-manásico pela alma, para que esta fique "pronta para erguer-se livre no seu lugar próprio".

3. O *Processo de Integração*, que se ocupa do período quando a alma liberta se torna novamente consciente de si mesma como o Anjo da Presença e é reabsorvida no mundo das almas, entrando assim num estado de reflexão. Mais tarde, sob o impacto da Lei da Dívida ou Necessidade Cármica, a alma prepara-se, novamente, para outra descida à forma. (17- 407/8)

5) A Lei de Atração governa o processo da morte, como governa tudo o mais em manifestação. É o princípio de coesão que, sob a integração equilibrada de todo o corpo, o preserva intacto, estabiliza seu ritmo e os processos cíclicos da vida e relaciona suas várias partes uma às outras. É o principal princípio coordenador em todas as formas, uma vez que é a expressão primeira (na alma) do primeiro aspecto da divindade, o aspecto vontade. Esta afirmação poderá surpreender aos leitores, acostumados que estão a considerar a Lei da Atração como expressão do segundo aspecto, o amor-sabedoria. Este princípio atrativo é encontrado em todas as formas, desde a pequenina forma do átomo até aquela forma, o planeta Terra, através da qual o nosso Logos Planetário expressa a Si Mesmo. Se, porém, ela é o princípio de coesão e a causa da integração, é também o meio pelo qual se processa a "restituição" e pelo qual a alma humana é, periodicamente, reabsorvida na alma dominante. Este aspecto da Lei de Atração recebeu, até agora, pouca atenção. A razão disto é que este aspecto relaciona-se com a mais elevada expressão desta Lei, e está portanto ligado ao aspecto vontade da Divindade, assim como ao aspecto vontade da Mônada. Esta distinção somente virá quando a força de Shamballa prosseguir com seu trabalho mais direto no próximo ciclo, e os homens começarem a discriminar (como devem fazê-lo e o farão) entre a vontade da personalidade e a vontade espiritual, entre determinação, intenção, plano, propósito e polarização fixa. A Lei da Atração tem (como tudo mais em manifestação) três fases ou aspectos, cada um relacionado com os três aspectos divinos:

1. Ela relaciona vida e forma, espírito e matéria - o terceiro aspecto.
2. Ela governa o processo integrante de coesão que produz as formas - o segundo aspecto.
3. Ela provoca o desequilíbrio que resulta no ato de desintegração, assim superando a

forma - no que concerne ao ser humano - e isto é feito em três fases às quais damos os nomes de:

a. *Restituição*, que resulta na dissolução do corpo e o retorno dos seus elementos, átomos e células, à sua fonte de origem.

b. *Eliminação*, que envolve o mesmo processo básico em relação às forças que constituíram o corpo astral e o veículo mental.

c. *Absorção*, o modo pelo qual a alma humana é integrada à sua fonte de origem, a alma dominante, a alma universal. Esta é uma expressão do primeiro aspecto.

Todas estas fases, corretamente entendidas, ilustram ou demonstram a excepcional potência da Lei da Atração e sua relação com a Lei de Síntese, que governa o primeiro aspecto divino. A integração produz, por fim, a síntese. As muitas integrações cíclicas que são levadas adiante no grande ciclo da vida de uma alma encarnante conduzem à síntese final de espírito e alma, que é a meta do processo evolucionário no que diz respeito à humanidade. Depois da terceira iniciação, isto resulta na completa liberação do homem da "atração" da substância nos três mundos e na sua consequente habilidade em controlar, com total compreensão, a Lei da Atração em suas várias fases, no que tange ao processo criativo. Mais tarde outras fases serão dominadas. (17-433/5)

6) A Lei de Desintegração é um aspecto da Lei da Morte. Esta é a lei que governa a destruição da forma para que a vida que a habitava possa brilhar em plenitude... esta lei pulveriza as formas, e a Lei da Atração atrai de volta às fontes originais a matéria de todas as formas. (17-413)

7) Como sabemos, sangue é vida. Esta atividade da vida é o fator que reúne e mantém na forma todos os átomos vivos e células do corpo. Quando o fio da vida é retirado pela alma por ocasião da morte, os átomos vivos separam-se, o corpo é deixado à parte e segue-se a desintegração, com as vidas atômicas retomando ao reservatório de força, ao seio da matéria viva de onde vieram. (17-332)

8) O medo que o homem tem da morte é primordialmente causado porque a orientação do reino das almas, o quinto reino na natureza, tem sido (até época relativamente recente no ciclo mundial) voltada para a expressão da forma e para a necessidade de procurar experiência através da matéria, para afinal, controlá-la livremente. A percentagem de almas daqueles que são orientados para além da expressão nos três mundos é relativamente tão pequena, em proporção ao número total de almas buscando experiência nos três mundos, que, até o ciclo ou era a que chamamos cristã, poderia dizer-se que a morte reinava triunfante. Hoje, todavia, estamos às vésperas de ver uma completa mudança nesta condição, devido ao fato de que a humanidade - numa escala muito maior jamais vista antes - está alcançando uma reorientação necessária; os valores mais altos e a vida da alma, quando penetrada através da insistência da mente em seus aspectos inferior e superior, está começando a tomar o controle. Isto forçosamente trará uma nova atitude face à morte; esta será olhada como um processo natural e desejável, efetuado ciclicamente. Os homens enfim compreenderão o significado das palavras do Cristo quando Ele disse: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". No incidente em que estas palavras foram proferidas, ele se referia ao grande ato de restituição a que chamamos morte. Ponderem sobre esta história e vejam o simbolismo da alma, contida dentro da alma universal, assim como o peixe dentro da água e segurando uma moeda de metal, o

símbolo matéria.

Numa das antigas escrituras, aparecem estas palavras simbólicas

Disse o Pai ao filho: Vai e toma para ti aquilo que não é tu mesmo, e aquilo que não é teu mesmo, mas que é Meu. Considera-o como teu próprio e procura a causa de sua aparência. Deixa que ele pareça tu mesmo. Descobre, assim, o mundo da miragem, o mundo da profunda ilusão, o mundo de falsidade. Depois aprende que tu tomaste aquilo que não é a meta procurada pela alma.

E quando esse momento chegar, em cada ciclo, e a aparência de engano e de roubo, uma voz será ouvida. Obedece a essa voz. É a voz daquilo que, dentro de ti mesmo, ouve a Minha voz, uma voz que não é ouvida por aqueles que amam fraudar. A ordem será dada mais uma vez e ainda outra vez:

"Restitui os *bens roubados*. Aprende que eles não são para ti". A intervalos maiores, novamente voltará aquela voz: "Restitui os bens tomados emprestados; salda tua dívida".

E depois, quando todas as lições tiverem sido aprendidas, a voz falará uma vez mais: "Restaura com júbilo aquilo que era Meu, foi teu e agora, novamente é nosso. Tu não mais precisas da forma. Estás livre". (17-425/6)

9) Os ideais que o Cristo expôs permanecem ainda como os mais elevados já oferecidos na continuidade da revelação, e Ele Próprio nos preparou para o surgimento dessas verdades que marcarão o momento do fim e a conquista do último inimigo, aquele cujo nome é Morte. (22-243)

10) E a Morte - a que isso se refere? Não à morte do corpo ou forma, pois esta é relativamente sem importância; mas ao "poder de renunciar", que ao seu devido tempo, se torna a característica do discípulo aceito. Aproxima-se a nova era; os novos ideais, a nova civilização, os novos modos de vida, de educação, de apresentação religiosa e governamental estão lentamente em precipitação e nada os pode deter. Podem, todavia, ser retardados pelas pessoas do tipo reacionário, pelos ultraconservadores e de mente tacanha, e pelos que se apegam, com inflexível determinação, às suas amadas teorias, seus sonhos e visões, suas interpretações e sua forma peculiar, quase sempre estreita, de entender os ideais apresentados. Esses são os que podem retardar - e realmente retardam - a hora da libertação. Fluidez espiritual, disposição para abandonar todas as ideias e ideais preconcebidos, assim como todas as amadas tendências e velhos hábitos de pensamento e cada esforço levado a cabo para fazer o mundo em conformidade com um modelo que, ao indivíduo, parece melhor porque é, para ele, o mais atraente - tudo isto deve ser submetido ao poder da morte. Podem ser abandonados com tranquilidade e segurança e sem temer os resultados, se o motivo da vida é um amor verdadeiro e duradouro pela humanidade. Amor, o verdadeiro amor espiritual, tal como a alma o conhece, pode sempre ser creditado com poder e oportunidade e jamais trairá essa confiança. Ele alinhará todas as coisas com a visão da alma. (13-278/9)

11) Imaginem o que ocorrerá na consciência humana quando a morte vier a ser considerada como um ato simples e consciente de renúncia à forma. (17-427)

12) A arte da eliminação situa-se, pois, em três categorias:

1. Tal como praticada pelas pessoas que são puramente astrais em qualidade e constituição. A estas chamamos de pessoas "kâmicas".

2. Tal como praticada pelas pessoas equilibradas, de personalidades integradas,

chamadas indivíduos "kama-manásicos".

3. Tal como praticada pelas pessoas adiantadas e discípulos de todos os graus, que são primordialmente mentais em seu "foco de vida". São os indivíduos "manásicos".

As mesmas regras básicas controla-os a todos, porém a ênfase difere em cada caso. Lembrai-vos que onde não há cérebro físico, e onde a mente não está desenvolvida, o homem interno encontra-se praticamente asfixiado num envoltório de matéria astral, e permanece por longo período imerso no que chamamos de plano astral. O indivíduo kama-manásico tem o que é chamado de "liberdade de vida dual ", e encontra-se dotado de uma forma dual que lhe permite estabelecer contato, à sua vontade, com os níveis mais altos do plano astral, e os níveis inferiores do plano mental. Lembro, novamente, que não há cérebro físico para registrar estes contatos. A percepção deste contato depende da atividade inata do homem interno e do seu peculiar estado de captação e apreciação. A pessoa manásica é possuidora de um veículo mental translúcido, de leve densidade, que está em proporção com a sua libertação de desejo e da emoção.

Todos estes três tipos de pessoas usam um processo eliminativo de natureza semelhante, porém empregam uma técnica diferente no processo. Para maior clareza pode dizer-se que:

1. A pessoa kâmica elimina seu corpo astral por meio do atrito e o esvazia por intermédio da correspondência astral com o centro do plexo solar. Este atrito é provocado porque todo o desejo inato, e a emoção inerente, estão, nesta etapa, relacionados com a natureza animal e o corpo físico - ambos, agora, inexistentes.

2. O indivíduo kama-manásico usa duas técnicas. E isto é naturalmente assim porque ele, primeiro de tudo, elimina seu corpo astral e, depois, o veículo mental.

a) Ele elimina o corpo astral por meio do seu crescente anseio pela vida mental. Ele se retira firme e gradualmente para o corpo mental, e o corpo astral, esotericamente, "vai caindo" até finalmente desaparecer. Isto acontece, geralmente, de maneira inconsciente e pode levar longo tempo. Onde, todavia, o homem está acima da média e próximo a tornar-se manásico, esse desaparecimento pode ser súbito e dinâmico e o homem fica livre no seu corpo mental. Isto acontece rápida e conscientemente.

b) Ele destrói o corpo mental por um ato da vontade humana, e também porque a alma começa, lentamente a tomar consciência de sua sombra. O homem interno é, por isso, atraído para a alma, ainda que de modo um tanto tímido. Este processo é relativamente rápido, e dependente do grau de extensão da influência manásica.

3.O *homem manásico*, agora focalizado no seu corpo mental, tem também duas coisas a realizar:

a) Dissolver e desembaraçar-se de qualquer sedimento astral que possa estar descolorindo seu corpo mental translúcido. O chamado corpo astral é agora praticamente inexistente como fator de expressão. Isto ele faz, recolhendo da alma cada vez mais luz. É a luz da alma, que nesta etapa, dissolve a substância astral, do mesmo modo que será a luz combinada da alma da humanidade (como um todo) que dissolverá, finalmente, o plano astral - assim chamado.

b) Destruir o corpo mental pelo uso de certas Palavras de Poder. Estas Palavras são comunicadas ao discípulo por intermédio do Ashram do seu Mestre. Elas introduzem em grande extensão o poder da alma, e conseqüentemente, provocam tal expansão de

consciência no corpo mental que este se desfaz, e não mais constitui uma barreira para o homem interno. Ele pode agora permanecer um liberto filho da mente, no interior do Ashram de seu Mestre e "não mais sairá". (17-487/90)

13) Afinal de contas, a morte é, em si mesma, um trabalho de restituição. Envolve o trabalho de devolução de substância aos três mundos da substância, e fazê-lo de bom grado e com alegria; envolve, também, a restauração da alma humana à alma de onde aquela emanou, e fazê-lo no júbilo da reabsorção. Todos vocês têm que aprender a considerar a morte como um ato de restituição. (17-389) 14) Uma das coisas a serem aqui lembradas é que, uma vez que a restituição do físico em seus dois aspectos tenha sido completada, o homem interno fica, como já disse antes, plenamente consciente. O cérebro físico e o torvelinho das forças etéricas (a maior parte um tanto desorganizadas no caso da maioria dos homens) não mais estão presentes. Estes são os dois fatores que têm levado os estudantes a crer que as experiências do homem nos planos internos dos três mundos sejam aquelas de vaga, fugidia, semiconsciente experiência, ou indicam uma vida repetitiva, salvo no caso de pessoas muito adiantadas, ou discípulos e iniciados. Mas não é este o caso. Nos planos internos, um homem não está apenas consciente de si mesmo como indivíduo - com seus próprios projetos, vida e interesses - como acontecia no plano físico, mas está também igualmente perceptivo dos estados de consciência circundantes. Ele pode ser fascinado pela existência astral, ou sujeito às impressões telepáticas das variadas correntes de pensamento que emanam do plano mental porém, está também consciente de si próprio e de sua mente (ou da medida de desenvolvimento da vida manásica) de forma muito mais poderosa do que quando tinha que trabalhar por meio do cérebro físico, quando, o foco de sua consciência era o do aspirante, porém ancorado no cérebro. Sua experiência é muito mais rica e profunda do que jamais o fora quando encarnado. Se meditarem um pouco sobre isto, dar-se-ão conta de que, necessariamente, isto teria de ser assim. (17-494/5)

15) Um ponto deve ser lembrado. As palavras "a terra voltará à terra, e o pó, ao pó", tão familiares nos rituais fúnebres do Ocidente referem-se a este ato de restituição e ao retomo dos elementos do corpo físico ao reservatório original da matéria, e da substância da força vital ao reservatório etérico geral; as palavras "o espírito voltara ao Deus que o deu" são uma distorcida referência à absorção da alma pela alma universal. Contudo, os rituais comuns deixam de enfatizar o fato de que é a alma individualizada, no processo de reabsorção, que decide e comanda, por um ato da vontade espiritual, essa restituição. No Ocidente esquece-se que esta "ordem para restaurar" tem sido dada com grande frequência através das eras por toda a alma sob forma física; fazendo isto, firme e inevitavelmente, o primeiro aspecto divino - a Mônada no seu próprio plano -, está estreitando sua ligação com o seu corpo de manifestação, por meio de seu reflexo, a alma. Assim o aspecto vontade entra em ação progressivamente, até que, no Caminho do Discipulado, a determinação espiritual alcança o seu ponto mais alto de desenvolvimento e, no Caminho da Iniciação, a vontade começa a atuar conscientemente. Vale pois lembrar que é no deliberado envio de comando pela alma sobre seu próprio plano à sua sombra nos três mundos, que a alma aprende a expressar o primeiro e mais elevado aspecto da divindade, e isto, a princípio e por um tempo mais longo, somente através do processo da morte. A dificuldade atualmente é que relativamente poucas pessoas estão conscientes de

suas almas, e conseqüentemente a maioria dos homens permanecem alheios aos "comandos ocultos" de suas próprias almas. À proporção que a humanidade se conscientizar da alma (e isto será um dos resultados da agonia da guerra atual), a morte será vista como um processo "ordenado", levado a efeito com total consciência e entendimento do propósito cíclico. Isto naturalmente porá fim ao medo atualmente desenfreado, e também deterá a tendência ao suicídio, cada vez mais em evidência nestes tempos difíceis. O pecado do assassinio baseia-se, na realidade, no fato de que ele interfere no propósito da alma, e não realmente no fato de se matar um corpo físico humano. Eis também porque a guerra não é assassinio, como muitos fanáticos bem intencionados a consideram; é a destruição de formas, com a benéfica intenção (se pudéssemos penetrar no propósito divino) do Logos Planetário. Todavia, são os motivos que dão origem às guerras no plano físico que as tornam más. Se as guerras não existissem, a vida planetária, através do que chamamos "atos de Deus", chamaria de volta, em grande número, as almas dos homens, de acordo com Sua amorosa intenção. Quando os homens perversos precipitam uma guerra, Ele tira o bem do mal.

Portanto, podem ver porque as ciências ocultas dão ênfase à lei cíclica, e por que há um interesse crescente na Ciência da Manifestação Cíclica. A morte aparece com demasiada frequência para que possa ser considerada sem propósito; isso ocorre porque a intenção da alma não é conhecida; o passado desenvolvimento, por meio do processo da encarnação, permanece um assunto desconhecido; antigas heranças e condições de meio ambiente são ignoradas, e o reconhecimento da voz da alma, de modo geral, ainda não foi desenvolvido. Estes assuntos, contudo, estão muito próximos de serem reconhecidos; a revelação está a caminho e para isso estou lançando as bases. (17-435/6)

16) Na morte física, pois, e no ato de restituição, a retirada da alma tem que lidar com os seguintes fatores:

1. O elemental físico, a vida integrada e coordenada do corpo físico, o qual está sempre procurando manter-se unido sob as forças atrativas de todas as suas partes componentes e sua interação mútua. Esta força é exercida por meio de vários centros menores.

2. O veículo etérico, o qual tem uma possante e coordenada vida própria, que se expressa através dos sete centros maiores, os quais reagem sob a energia impulsionadora astral, mental e anímica. Também trabalha através de certos centros menores que não se dedicam a responder àquele aspecto do equipamento humano que H.P.B. diz que não é um princípio - o mecanismo físico denso. (17-464/5)

17) Gostaria, pois, que ficasse bem gravado o fato elementar de que, qualquer grupo curador que pretenda trabalhar dentro dos novos conceitos, deve (como esforço preliminar) procurar entender alguma coisa sobre o fator da morte a que é dado o nome de "o grande processo restaurador", ou "a grande restituição". Ele diz respeito à arte de, sábia e corretamente, e no momento preciso, devolver-se o corpo à fonte de seus elementos constitutivos, e de restituir a alma à fonte do seu ser essencial. Estou escolhendo as palavras cuidadosamente porque procuro levar vocês a meditar, com o máximo de cuidado e inteligentemente, sobre o assim chamado enigma da morte. É um enigma para o homem, mas não um enigma para os discípulos e os conhecedores da sabedoria. (17-390)

18) O tema da morte, que estamos agora considerando, deve ser abordado por nós com o máximo de espírito de normalidade e de investigação científica de que sejamos capazes. O complexo do medo da humanidade encontra o seu ponto de entrada para a consciência do homem através do ato de morrer; não conseguir sobreviver é o medo básico; e todavia, é este o fenômeno mais comum ao planeta. Lembrem-se disso. O ato de morrer é o grande ritual universal que governa a totalidade da vida planetária, porém somente na família humana e pouco, muito pouco, no reino animal, é a reação ao medo, encontrada. Pudessem vocês ver o mundo etérico do modo como Aqueles que estão no lado interno da vida o experimentam e o veem, (em processo contínuo e ininterrupto) o grande ato planetário de restituição. Veriam uma grande atividade desenvolvendo-se no interior do mundo etérico, no qual a alma mundií, a alma animal e a alma humana estão constantemente restaurando a substância de todas as formas físicas para o grande reservatório da substância essencial. Esta substância essencial é tanto uma unidade dirigida e vital quanto a alma do mundo da qual tanto ouvimos falar. Esta interação do princípio da morte com o princípio da vida produz a atividade básica da criação. A força impulsionadora e diretiva é a mente de Deus, do Logos planetário, ao prosseguir Ele nos Seus divinos propósitos, levando com Ele, neste processo, todos os agentes através dos quais Ele Se manifesta. (17-424/5)

19) Através da morte, um grande processo de unificação é levado avante; no "cair de uma folha" e sua conseqüente identificação com o solo onde cai, temos uma pequenina ilustração deste grande e eterno processo de unificação, através do vir-a-ser e de morrer como resultado do vir-a-ser. (17-445/6)

20) ... é à destruição do ciclo de separatividade enquanto um indivíduo no plano físico que nós chamamos morte, no seu sentido usual; conseqüentemente, a morte é um processo de reconciliação. (17-432/3)

PARTE XII

A morte é um ato de intuição, transmitido pela alma à personalidade e depois executado em conformidade à vontade divina, pela vontade individual. (16-599)

1) NO HOMEM comum ou não desenvolvido, além da contribuição de uma simples determinação de encerrar o ciclo de vida encarnada, a alma desempenha um papel muito pequeno no processo da morte, antes de novo retorno ao plano físico. As "sementes da morte" são inerentes à natureza da forma, e revelam-se como doença e senilidade (usando esta palavra no sentido técnico, não no sentido coloquial), e a alma persegue seus próprios interesses no seu próprio plano, até o momento em que o processo evolutivo alcance uma situação onde a integração ou estreita relação entre a alma e a forma se apresente tão real que a alma esteja íntima e profundamente identificada com a sua expressão manifestada. Poder-se-ia dizer que, quando este estado é atingido, a alma está, pela primeira vez, realmente encarnada; está verdadeiramente "descendo à manifestação" e a total natureza da alma está assim envolvida. Este é um ponto pouco enfatizado ou compreendido.

Nas primeiras vidas da alma encarnante, e durante a maior parte dos ciclos de experiência da vida, a alma se ocupa pouquíssimo com o que se está passando. A redenção da substância da qual todas as formas são feitas tem prioridade nos processos naturais, e o "carma da matéria" é a força governante inicial; no devido tempo, esta é seguida pelo carma originado pela fusão da alma e da forma, embora (nas etapas iniciais) a alma assuma pouquíssima responsabilidade. O que ocorre no interior do tríplice envoltório da alma é, necessariamente, o resultado das tendências inerentes à própria substância. Contudo, com o correr do tempo e de sucessivas encarnações, o efeito da qualidade da alma encarnada gradualmente desperta a consciência, e - por meio da consciência, que é o exercício do sentido discriminativo, desenvolvido à proporção que a mente faz sentir seu crescente controle - um despertar e finalmente uma consciência desperta são evocados. Isto se revela, em primeiro lugar, como senso de responsabilidade; é este que, gradualmente, estabelece uma crescente identificação da alma com seus veículos, o triplo homem inferior. Os corpos tornam-se, então, cada vez mais refinados; as sementes da morte e da doença não são tão potentes; a sensibilidade de responder à alma interior aumenta, até que chega o momento quando o discípulo -- iniciado morre *por um ato de sua vontade espiritual, ou em resposta ao carma do grupo, ou ao carma nacional ou planetário.* (17-500/1)

2) No caso do homem comum onde a morte é esperada, a batalha entre o elemental físico e a alma é um fator característico; é chamada, no ocultismo, de "partida lemuriana"; no caso do cidadão comum, onde o foco da vida está na natureza do desejo, o conflito é travado entre o elemental astral e a alma, e a isso dá-se o nome de "morte de um atlante"; no caso de discípulos, o conflito será mais puramente mental, e está, frequentemente, focalizado no desejo-de-servir, e na determinação de cumprir um determinado aspecto do

Plano, e no desejo-de-retornar com força total ao centro ashramico. No caso de iniciados, não há conflitos, mas simplesmente a retirada consciente e deliberada. Bastante curioso é que, se parece haver um conflito, será entre as duas forças elementais ainda existentes na personalidade; o elemental físico e a vida mental. Não existe elemental astral no equipamento de um alto iniciado. O desejo foi completamente transcendido, no que diz respeito à própria natureza do indivíduo. (17-464)

3) Há um outro ponto que desejo abordar, e que tem relação com o eterno conflito que se trava entre as dualidades do corpo físico denso e o veículo etérico. O elemental físico (que é o nome dado à vida integrada do corpo físico) e a alma, quando esta procura retirar-se e dissolver a totalidade das energias combinadas do corpo etérico, estão em violento conflito e o processo é, com frequência, feroz e demorado; esta é a batalha que se trava durante os períodos, longos ou breves, do coma que caracteriza tantos leitos de morte. O coma, esotericamente falando, é de duas espécies: há o "coma da batalha", que precede à morte real; há também o "coma da restauração", que acontece quando a alma retirou o fio, ou aspecto, da consciência, porém, não o fio da vida, num esforço de dar tempo ao elemental físico para recuperar o domínio do organismo e assim restaurar a saúde. Até agora, a ciência moderna não reconhece a distinção entre estes dois aspectos do coma. Mais tarde, quando a visão etérica ou clarividência for mais comum, a qualidade do coma prevalecente será conhecida, e os elementos de esperança e desespero não mais serão os senhores. Amigos e parentes da pessoa inconsciente saberão, exatamente, se são espectadores de uma grande e final retirada da presente encarnação, ou estão simplesmente observando um processo restaurador. Neste último caso, a alma ainda mantém controle do corpo físico, por meio dos centros, porém está reforçando temporariamente todos os processos energizadores, à exceção do centro cardíaco, do baço, e de dois centros menores relacionados ao aparelho respiratório. Estes permanecerão normalmente energizados embora um pouco enfraquecidos em sua atividade; e através deles o controle é mantido. Quando a intenção da alma é a verdadeira morte, primeiro que tudo ocorre o controle sobre o baço; segue-se o controle sobre os dois centros menores; finalmente sobrevém o controle sobre o coração e homem morre. (17-462/3)

4) Todos estes fatores produzem violento conflito no Caminho Probatório, que aumenta à proporção que o homem trilha o Caminho do Discipulado. A potência da personalidade, dominando e sendo dominada, é o que induz a uma intensa atividade cármica. Acontecimentos e circunstâncias amontoam-se, rápida e furiosamente, na experiência do discípulo. Ele se vê cercado das mais altas qualidades encontradas nos três mundos; sua experiência flutua entre os extremos; ele termina o trabalho de suas obrigações cármicas e resgata a penalidade de erros passados, com grande rapidez.

Durante todo este tempo, as encarnações se sucedem, e o familiar processo da morte, que intervém entre os ciclos de experiência, continua. Todavia, todas as três mortes - física, astral e mental- são efetuadas com um despertar progressivo de percepção, quando a mente inferior se desenvolve; o homem não mais é levado de arrastão - dormindo e sem conhecimento - dos veículos etérico, astral e mental, mas cada um deles se torna um acontecimento como o é a morte física.

Finalmente chega o momento em que o discípulo morre deliberadamente e em plena consciência e, com verdadeiro conhecimento, abandona seus vários veículos. Com firmeza a alma assume o controle, e então o discípulo provoca a morte por um ato de vontade da alma, e sabe exatamente o que está fazendo. (17- 514)

5) No caso de seres humanos altamente desenvolvidos, com frequência encontramos um sentido de antevisão quanto ao período da morte; isto é incidente no contato egóico e na plena consciência dos desejos do ego. Isto envolve, às vezes, o conhecimento do dia exato da morte, aliado à preservação da autodeterminação até o momento final da retirada. No caso de iniciados, há muito mais do que isto. Há a compreensão inteligente das leis de abstração, o que permite àquele que está efetuando a transição retirar-se, conscientemente e em plena vigília, do corpo físico, e assim atuar no astral. Isto requer a preservação da continuidade de consciência para que não haja um hiato entre o sentido de percepção no mundo físico e no que se segue ao estado de morte. O homem sabe que ele é como era antes, embora sem o aparelho pelo qual podia fazer contato com o plano físico. Ele permanece cômico dos estados de sentimentos e pensamentos daqueles que ele ama, embora não possa perceber ou estabelecer contato com o veículo físico denso. Ele pode comunicar-se com eles no plano astral, ou telepaticamente, por meio da mente, se os outros e ele estiverem em sintonia, porém, qualquer comunicação que envolva o uso dos cinco sentidos físicos de percepção está, forçosamente, fora do seu alcance. E útil lembrar, contudo, que astral e mentalmente o intercâmbio pode ser mais profundo e sensível do que jamais o fora antes, pois ele está liberto das desvantagens do corpo físico. Duas coisas, porém, militam contra esta interação: uma é a dor e o violento transtorno emocional dos que ficaram para trás, a outra é a própria ignorância do homem e o seu atordoamento ao ver-se cercado - pensa ele - por novas condições, embora elas sejam realmente velhas condições, pudesse ele compreender isso. Uma vez que os homens tenham perdido o medo da morte e tenham estabelecido uma compreensão do mundo após a morte que não esteja baseada em alucinação e histeria nem em conclusões (frequentemente despidas de inteligência) do médium comum que fala sob o controle de seus próprios pensamentos-forma (criados por ele próprio e pelos assistentes), teremos o processo da morte adequadamente controlado. As condições dos que foram deixados para trás serão cuidadosamente manipuladas, de modo a não haver perda de relacionamento ou falso gasto de energia. (4-498/9)

6) Deve ser lembrado que o propósito e vontade da alma, a determinação espiritual de ser e fazer, utiliza o fio da alma, o sutratma, a corrente de vida, como meio de sua expressão na forma. Esta corrente de vida se diferencia em duas correntes, ou dois fios, quando alcança o corpo, e é "ancorada", se assim me posso expressar, em dois locais no corpo. Isto representa o simbolismo das diferenciações de Atma, ou Espírito, nos seus dois reflexos: corpo e alma. A alma, ou aspecto da consciência, aquilo que faz do homem um ser racional, uma entidade pensante, é "ancorada" por um aspecto deste fio da alma a uma "sede" no cérebro, que se encontra na região da glândula pineal. O outro aspecto da vida que anima cada átomo do corpo e que constitui o princípio de coesão ou integração, encontra seu caminho para o coração e lá fica focalizado, ou "ancorado". Desses dois

pontos, o homem espiritual procura controlar o mecanismo. Assim o funcionamento no plano físico torna-se possível, e a existência objetiva torna-se um modo temporário de expressão. A alma, ancorada no cérebro, torna o homem uma entidade racional, inteligente, autoconsciente e autodirigida; em graus variados, ele apercebe-se do mundo em que vive, de acordo com o ponto de evolução e consequente desenvolvimento do mecanismo. Esse mecanismo é tríplice em expressão. Há, primeiro que tudo, os nadis e os sete centros de força; depois o sistema nervoso nas suas três divisões: cérebro-espinhal, medular e autônomo; e a seguir o sistema endócrino, que pode ser considerado como o aspecto mais denso ou exteriorização dos outros dois.

A alma, ancorada no coração, é o princípio da vida, o princípio da autodeterminação, o núcleo central da energia positiva, por meio da qual todos os átomos do corpo são mantidos em seus lugares, e subordinados à "vontade de ser" da alma. Este princípio da vida utiliza a corrente sanguínea como modo de expressão e agência controladora, e através da estreita relação entre o sistema endócrino e a corrente sanguínea, temos reunidos os dois aspectos da atividade da alma que tornam o homem uma entidade viva, atuando conscientemente, governada pela alma e expressando o propósito da alma em todas as atividades da vida diária.

A morte, portanto, é literalmente a retirada do coração e da cabeça, destas duas correntes de energia, produzindo, consequentemente, completa perda de consciência e a desintegração do corpo. A morte difere do sono, no sentido em que *ambas* as correntes de energia são retiradas. No sono, somente o fio de energia que está ancorado no cérebro é retirado, e quando isto acontece, o homem fica inconsciente. Quer isto dizer que sua consciência está focalizada alhures. Sua atenção não mais está dirigida às coisas tangíveis e físicas, mas sim voltada para um outro mundo de ser, e centralizada num outro aparelho ou mecanismo. Na morte, ambos os fios são retirados ou unificados no fio da vida. A vitalidade deixa de penetrar por intermédio da corrente sanguínea e o coração para de funcionar, assim como o cérebro deixa de registrar, e então estabelece-se o silêncio. A casa está vazia. A atividade cessa, exceto aquela espantosa e imediata atividade que é prerrogativa da própria matéria e que se expressa no processo de decomposição. (4-495/7)

7) Quando o discípulo ou iniciado está se identificando com a alma, e quando o antahkarana é construído por meio do princípio da vida, então o discípulo transcende o controle desta lei natural e universal, e usa ou abandona seu corpo à vontade - pela solicitação da vontade espiritual, ou através do reconhecimento das necessidades da Hierarquia, ou dos propósitos de Shamballa. (17-501)

8) No que diz respeito à morte, este livre arbítrio tem, em última análise, uma definida relação com a alma; a vontade da alma é, consciente ou inconscientemente, seguida, no que concerne à decisão da morte, e esta ideia traz consigo implicações sobre as quais o estudante faria bem em refletir. (17-248)

9) ...é bastante dizer que os três maiores males da humanidade a que já fizemos referência cobram seu tributo aos discípulos, principalmente provocando a liberação da alma do seu veículo. Eles são, todavia - embora mal se perceba - controlados nestes casos,

dos níveis da alma, e a partida é planejada para ocorrer como resultado da decisão da alma, e não como resultado da eficiência do mal. (17- 121)

10) Os processos de abstração são (como podem assim ver) ligados ao aspecto vida, movimentados por um ato da vontade espiritual, e constituem o "princípio de ressurreição que jaz escondido no trabalho do Destruidor", como está expresso num velho aforismo esotérico. A mais baixa manifestação deste princípio é vista no processo a que chamamos Morte - o qual é, na realidade, um meio de abstração do princípio da vida, informado pela consciência, da forma ou dos corpos nos três mundos.

Assim emerge a grande síntese, e a destruição, a morte e a dissolução nada mais são que processos da vida. A abstração indica processo, progresso e desenvolvimento. (18-163)

11) Dois importantes pensamentos servirão para tornar claro o assunto da morte com o qual estamos nos ocupando agora.

Primeiro: o grande dualismo eternamente presente na manifestação. Cada uma das dualidades tem sua própria expressão, é governada por suas próprias leis, e procura seus próprios objetivos. Porém - no tempo e espaço - elas mesclam seus interesses para benefício de ambas, e juntas produzem o aparecimento de uma unidade. Espírito-matéria, vida-aparência, energia-força - cada uma tem seu próprio aspecto emanente; cada uma tem relação com a outra; cada uma tem um mútuo objetivo temporário, e assim, em uníssono, produzem o eterno fluir, o fluxo e refluxo cíclicos da vida na manifestação. Neste processo de relacionamento entre Pai-Espírito e Mãe-Matéria, o filho nasce, e durante a fase infantil leva adiante os processos da vida, envolto pela aura de sua mãe, identificado ainda com ela, porém procurando, incessantemente, escapar ao seu domínio. Ao alcançar a maturidade, o problema se intensifica e a "atração" do Pai lentamente começa a contrabalançar a atitude possessiva da mãe, até que afinal o domínio da matéria, ou da mãe, sobre seu filho (a alma) chega ao fim. O filho, a criança Cristo, liberto da guarda e das ávidas mãos da mãe, vem a conhecer o Pai. Falo-vos por símbolos.

Segundo: todos os processos de encarnação, de vida na forma, e de restituição (pela atividade do princípio da morte), de matéria a matéria, e de alma a alma, são levados adiante sob a grande, universal Lei da Atração. Pergunto: Poderia você imaginar o dia em que o processo da morte, claramente reconhecido e bem-vindo pelo homem, pudesse ser descrito por ele nesta simples frase: "chegou a hora em que a força atrativa da minha alma pede que eu abandone o meu corpo, e o restitua ao lugar de onde veio"? Imaginem a transformação na consciência humana quando a morte vier a ser considerada um ato simples e consciente de abandono da forma, temporariamente emprestada para servir a dois objetivos específicos:

a) Obter controle nos três mundos.

b) Dar oportunidade à substância da forma - assim "roubada, ou tomada emprestada, ou corretamente apropriada", segundo o grau de evolução - para alcançar um ponto mais elevado de perfeição, pelo impacto da vida sobre ela, por intermédio da alma.

Estes pensamentos são significativos. Já foram expressos antes, mas foram considerados simbólicos, confortadores, ilusórios, e por isso descartados. Eu os apresento a vocês como sendo de natureza fatural, inevitáveis na prática, e de técnica e processo tão

familiares quanto as atividades (rítmicas e cíclicas na natureza) que governam a vida do homem comum - levantar-se, deitar-se, comer e beber, e todas as ocupações periódicas que ele costuma exercer. (17-426/8)

12) É importante notar que é sob a básica e fundamental Lei da Atração que a Arte de Morrer é exercida, e que é o aspecto do amor, o segundo aspecto da divindade, que exerce a atração, excluídos os casos de morte súbita, quando a atividade resulta do primeiro aspecto divino, ou destruidor. A condição aqui é diferente; a necessidade cármica individual poderá não estar envolvida e razões de condicionamento grupal e grandemente obscuras poderão estar por trás de tal acontecimento. Por enquanto o assunto é tão obscuro que não tentarei elucidá-lo. Vocês não sabem o suficiente sobre a Lei do Carma, sobre o envolvimento cármico grupal, ou sobre as relações e obrigações estabelecidas em vidas passadas. Quando digo, por exemplo, que, ocasionalmente, “a alma pode deixar aberta a porta de proteção para que as forças da morte possam, elas próprias, entrar de novo, não havendo ponto focal atrás da porta” para “mais rapidamente obliterar passadas penalidades devidas”, poderão ver quão obscuro é todo este assunto.

Em tudo que aqui estou escrevendo, trato apenas dos processos normais de morte - a morte que resulta da doença, da idade avançada, ou imposta pela vontade da alma que completou um ciclo determinado de experiência e usa os canais normais para alcançar os fins projetados. A morte nestes casos é *normal*, e isto a humanidade precisa apreender com maior paciência, compreensão e esperança.

Pela Lei da Atração, a alma, no final do ciclo da vida, e com total intento, exerce seu poder atrativo de modo a contrabalançar o poder atrativo inerente à própria matéria. Esta é uma definição clara da causa básica da morte. Onde a alma não estabeleceu contato conscientemente, como é o caso da maioria das pessoas nesta época, a morte chega como um acontecimento inesperado, ou antecipado com tristeza. Ainda assim, *ela é uma atividade real da alma*. Este é o primeiro grande conceito espiritual a ser proclamado quando o medo da morte for combatido. A morte é levada a efeito pela Lei da Atração, e consiste na firme e científica abstração do corpo vital do corpo físico, que conduz, eventualmente, à eliminação de todos os contatos da alma nos três mundos. (17-471/2)

13) A Lei da Atração desfaz as formas e leva de volta o material dessas formas às fontes originárias, antes de novamente reconstruí-las. No caminho da evolução os efeitos desta lei são bem conhecidos, não apenas na destruição dos veículos descartados, como também na destruição das formas nas quais grandes ideias estavam corporificadas... Tudo, finalmente, é desfeito por obra desta lei.

Seus efeitos são mais aparentes, à mente do homem comum, em suas manifestações neste momento no plano físico. Podemos traçar a conexão entre o plano átmico (espiritual) e o físico - demonstrando-se no plano inferior como a Lei do Sacrifício e Morte - porém seu efeito pode ser visto também em todos os cinco planos. É a lei que destrói o último envoltório que separa a alma tornada perfeita. (17-415)

14) A vida é abordada pelo ângulo do Observador e não pelo do participante em efetivo experimento e experiência nos três mundos (físico - emocional - mental) se eles são

discípulos iniciados, tornam-se progressivamente despercebidos das atividades e reações de suas personalidades, porque certos aspectos da natureza inferior estão agora tão controlados e purificados que eles desceram abaixo do portal da consciência e penetraram no mundo do instinto; portanto, não há mais consciência deles próprios do que a consciência que um homem tem do funcionamento rítmico de seu aparelho físico enquanto está adormecido. Esta é uma verdade profunda ainda não compreendida. Estará relacionada com todo o processo da morte, e pode-se considerá-la como uma das definições da morte; possui a chave para as misteriosas palavras "o reservatório da vida". A morte é, na realidade, inconsciência daquilo que pode estar funcionando em uma outra forma, porém numa forma da qual a entidade espiritual absolutamente não se apercebe. O reservatório da vida é o lugar da morte, e isto é a primeira lição que o discípulo aprende... (17-445)

15) Isto - até onde poderão por enquanto apreender - diz respeito primordialmente à vontade criativa, uma vez que esta:

1. Dá início à manifestação e condiciona tudo aquilo que é criado.
2. Ocasiona a realização final.
3. Sobrepuja a morte ou diferenciação.

Todos os iniciados têm que, e finalmente o fazem, expressar vontade dinâmica e criativa, um propósito focalizado que expressa apenas a vontade-para-o-bem, e também aquele esforço permanente que produz a realização. Lembro aqui, que *o esforço permanente é a semente da síntese, a causa da conquista espiritual e aquilo que finalmente sobrepuja a morte*. A morte, realmente, é a deteriorização no tempo e no espaço, devido à tendência da matéria-espírito a se isolar enquanto em manifestação (do ponto de vista da consciência). Este esforço sustentado do Logos é o que mantém todas as formas em manifestação e preserva até o aspecto da vida, como fator integrador na construção da forma e - o que é igualmente um ato da vontade sustentada - pode abstrair ou retirar intacta a consciência da vida ao terminar o ciclo de manifestação. (16-614/5)

16) Já tereis compreendido que temos discutido a morte no que ela afeta o corpo físico (fato mais que familiar) e também os envoltórios astral e mental - estes, agregados de energia condicionada com os quais não estamos tão objetivamente familiarizados, mas que até a psicologia admite existirem, e que nós acreditamos devem desintegrar-se ou desaparecer com a morte do corpo físico. Todavia, já vos ocorreu que o principal aspecto da morte com o qual o ser humano está, em última análise, preocupado, é a morte da personalidade? Não estou aqui falando em termos abstratos, como fazem todos os esoteristas quando trabalham na negação da qualidade ou qualidades que caracterizam o eu-pessoal. Eles falam em "eliminar" esta ou aquela qualidade, em suprimir completamente o "eu-inferior", e expressões semelhantes. Aqui estou eu falando, literalmente, em destruição, dissolução, dissipação ou dispersão final desse bem-amado e familiar eu-pessoal.

Tenhamos em mente que a vida da personalidade apresenta as seguintes etapas:

1. Sua construção lenta e gradual durante um longo período de tempo. Por muitos ciclos de encarnações o homem não é uma personalidade. Ele é, simplesmente, um

membro da massa.

2. A identificação consciente da alma com a personalidade durante esta etapa, praticamente não existe. O aspecto da alma que se acha oculto no interior dos envoltórios, é por um período longo, muito longo, dominado pela vida desses envoltórios, apenas fazendo sentir sua presença através daquilo que é chamado "a voz da consciência". Contudo, com o passar do tempo, a vida inteligente ativa da pessoa é gradualmente intensificada e coordenada pela energia que flui das pétalas do conhecimento do lótus egóico, ou da natureza inteligente perceptiva da alma no seu próprio plano. Isto finalmente produz a integração dos três envoltórios inferiores em um todo funcionante. O homem é, então, uma personalidade.

3. A vida da personalidade do indivíduo agora coordenado persiste por um grande número de vidas, e também apresenta três fases:

a) A fase de uma vida de personalidade dominante e agressiva, basicamente condicionada pelo tipo do seu raio, egoísta por natureza e muito individualista.

b) Uma fase de transição, em que se trava violenta luta entre a personalidade e a alma. A alma começa a procurar libertar-se da vida da forma e, contudo, - em última análise - a personalidade depende do princípio da vida, conferido pela alma. Em outras palavras, o conflito entre o raio da alma e o raio da personalidade tem início, e a guerra prossegue entre dois aspectos de energia focalizada. Este conflito termina na terceira iniciação.

c) O controle, pela alma, é a fase final, que conduz à morte e destruição da personalidade. Esta morte começa quando a personalidade, o Morador do Umbral, se apresenta diante do Anjo da Presença. A luz do Anjo solar então ofusca a luz da matéria. (17-505/7)

17) A Eliminação do Pensamento-forma da Personalidade

Ao tratar deste assunto (e isto só pode ser feito muito brevemente) temos que ter em mente duas coisas:

1. Que estamos considerando apenas uma ideia na mente da alma, e lidando com o fato básico da ilusão, que controlou todo o ciclo da encarnação, e assim manteve a alma prisioneira da forma. Para a alma, a personalidade tem duas conotações:

a) A capacidade da alma para identificar-se com a forma; isto é antes de tudo percebido pela alma quando a personalidade começa a reagir a uma medida de real integração.

b) Uma oportunidade para a iniciação.

2. Que a eliminação do pensamento-forma da personalidade, que é consumada na terceira iniciação, é a grande iniciação para a alma no seu próprio plano. Por esta razão, a terceira iniciação é considerada a primeira grande iniciação, uma vez que as duas iniciações anteriores muito pouco efeito produzem na alma, e apenas afetam a alma encarnada, o "fragmento" do todo.

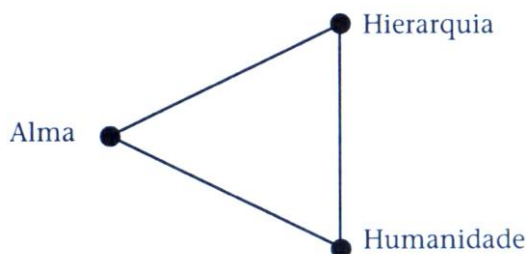
Estes são fatos pouco compreendidos e raramente enfatizados em qualquer literatura até agora publicada. A ênfase, até agora, tem sido sobre as iniciações no que elas afetam o discípulo nos três mundos. Porém, eu estou lidando, especificamente, com as iniciações no que elas possam ou não afetar a alma sobrepondo-se ao seu reflexo, a personalidade, nos três mundos. O que eu disse, portanto, terá pouco significado para o leitor comum. Do

ponto de vista do eu-pessoal, considerando-se como Morador do Umbral, a atitude ou estado da mente tem sido inadequadamente descrita como de completa obliteração na luz da alma; a glória da Presença, transmutada pelo Anjo, é tal que a personalidade desaparece totalmente, com suas exigências e aspirações. Nada resta senão a concha, o envoltório, e o instrumento pelo qual a luz solar pode jorrar para ajudar a humanidade. Isto é verdade até certo ponto, porém é somente - em última análise - a tentativa do homem para traduzir em palavras o efeito de transmutação e transfiguração da terceira iniciação, o que não pode ser feito.

Infinitamente mais difícil é a tentativa que estou aqui fazendo para descrever a atitude e as reações da alma, o único eu, o Mestre no coração, quando ela reconhece o fato estupendo de sua própria essencial libertação e se conscientiza, de uma vez por todas, de que é agora incapaz de responder às vibrações inferiores dos três mundos, quando transmitidas à alma pelo seu instrumento de contato, a forma da personalidade. Essa forma, agora, é incapaz de tal transmissão.

A segunda reação da alma, uma vez que esta compreensão tenha sido focalizada e admitida, é que - tendo conquistado a liberdade, essa liberdade agora expressa suas próprias exigências:

1. Por uma vida de serviço nos três mundos, tão familiares, e agora, tão completamente transcendidos.
2. Um avassalador sentido de amor que se dirige àqueles que estão ainda em busca de libertação.
3. Um reconhecimento do triângulo essencial, que agora se tornou o centro da vida conceitual da alma:



A alma agora vibra entre os dois pontos ou pares de opostos, e age como um invocador e centro evocativo.

Nenhuma das realizações acima pode ser registrada na consciência do cérebro ou na mente da personalidade iluminada. Teoricamente, um vislumbre das possibilidades inerentes pode ser percebido, mas a consciência não é mais aquela do discípulo que serve nos três mundos, que usa a mente, emoções e o corpo físico para executar mandados e intenções hierárquicas, até onde possível. Isto desapareceu com a morte da consciência da personalidade. A consciência agora é a da própria alma, plenamente consciente da não separação, instintivamente ativa, espiritualmente obsecada pelos planos do Reino de Deus, e completamente livre da fascinação ou do mais leve controle da forma material; contudo, a alma ainda é capaz de responder à substância-energia, na qual está imersa, e sua correspondência superior ainda funciona nos níveis do plano físico cósmico - os planos búdico, átmico, monádico e logóico.

Então, o que tem que acontecer para que a vida da alma seja plena e completa, e tão

completamente inclusiva, de modo que os três mundos formem parte de sua área de percepção consciente e seu campo de serviço? O único modo pelo qual posso tornar claro o que a alma deve fazer depois da terceira iniciação é resumir isto de dois modos:

Primeiro: A alma, agora, se torna um criador consciente, porque o terceiro aspecto - desenvolvido e dominado através da experiência nos três mundos durante o longo ciclo de encarnações - alcançou um ponto de atividade perfeita. Tecnicamente falando: a energia das pétalas do conhecimento e a energia das pétalas do amor estão agora tão ativamente unidas, e fundidas uma na outra, que duas das pétalas internas que circundam a joia do lótus, não mais escondem essa joia. Falo aqui simbolicamente. Devido a este fato, a morte ou eliminação da personalidade é a primeira atividade no drama da criação consciente, e a primeira forma criada pela alma é um substituto para a personalidade. Então, é criado um instrumento para o serviço nos três mundos. Nesta vez, porém, é um instrumento que não possui vida, desejo, ambição ou poder de pensamento próprios. É apenas um envoltório de substância, animado pela vida da alma, porém, ao mesmo tempo, responsivo e adequado ao período, raça e condições ambientais, dentro das quais a alma-criadora escolhe trabalhar. Meditai sobre isto, com ênfase na expressão "adequado ao".

Segundo: A alma, então, prepara-se para a quarta iniciação que se aproxima. Esta é, basicamente, uma experiência monádica e resulta - como sabem - no desaparecimento ou destruição do veículo da alma, ou corpo causal, e no estabelecimento de uma relação direta entre a mônada no seu próprio plano e a recém-criada personalidade, por meio do antahkarana.

Estes dois pontos são dados pela primeira vez na sequência de revelações do ensinamento ocultista; contudo, algumas alusões já prepararam o caminho para estes dois fatos. Informação tem sido dada acerca do mayavirupa, através do qual o Mestre trabalha e faz contato com os três mundos, e que Ele deliberadamente cria para servir aos Seus propósitos e planos. É um substituto definido para a personalidade e só pode ser criado quando a velha personalidade (construída e desenvolvida durante o ciclo da encarnação) tiver sido eliminada. Eu prefiro a palavra "eliminada" à palavra "destruída". A *estrutura* - quando da eliminação - persiste, mas sua vida separativa desaparece.

Se pensarem com clareza sobre esta afirmação, verão que uma completa e total integração é agora possível. A vida da personalidade foi absorvida; a forma da personalidade é ainda sentida, porém, ela persiste sem qualquer real vida própria, isto significa que ela agora pode ser recipiente de energias e forças necessárias ao trabalho do iniciado ou Mestre, para levar a efeito o trabalho de salvar a humanidade. Será valioso para o estudante meditar sobre as três "aparições de Cristo" segundo os Evangelhos:

1. Sua aparência transfigurada no Monte da Transfiguração. Esse episódio descreve, simbolicamente, a alma radiante, e também os três corpos, vazios, da personalidade, assim como insinua a futura construção de um veículo de manifestação. São Pedro diz, "Senhor, deixai-nos construir aqui três cabanas" ou tabernáculos.

2. Sua aparição como a própria verdade (silenciosa, mas presente) diante da barra do tribunal de Pilatos - repudiado pelo mundo dos homens, mas reconhecido pela Hierarquia.

3. Suas radiantes aparições após a iniciação da ressurreição:

- a) À mulher no sepulcro - simbolizando Seu contato com a humanidade.

b) Aos dois discípulos a caminho de Emaús - simbolizando Seu contato com a Hierarquia.

c) Aos doze discípulos no aposento superior - simbolizando Seu contato com a Câmara do Conselho do Senhor do Mundo em Shamballa.

Podeis ver, assim, a natureza factual dos resultados a que antes me referi nesta instrução. O discípulo que tenha eliminado (tanto no sentido técnico quanto no sentido místico) o controle da personalidade, tem agora a "liberdade do Ashram" como é chamada; ele pode circular à vontade entre os demais discípulos e iniciados. Nada haverá na sua vida vibratória ou na sua qualidade que possa perturbar o ritmo do Ashram; nada haverá que exija a "intervenção calmante" do Mestre, o que acontece frequentemente durante os primeiros estágios do discipulado; nada pode agora interferir com aqueles contatos mais elevados e esferas de influência que estavam até então selados para o discípulo por causa da intrusão de sua própria personalidade. (17-515/20)

18) Podeis ver, portanto, porque é que aqueles que conseguem construir o antahkarana, a ponte do arco-íris entre a Mônada e a personalidade, estabelecem um contato (inexistente para o homem comum) entre a Mônada, a Fonte da Vida, e a personalidade - a expressão daquela Vida no plano objetivo. A Mônada, então, e não a alma, controla os ciclos de expressão externa, e o iniciado morre segundo sua vontade e de acordo com o plano e as necessidades do trabalho. Isto, naturalmente, refere-se somente aos iniciados de alto grau. (17-642)

PARTE XIII

E então soa uma Palavra. O radiante ponto de luz que descera, ascende, em resposta ao chamado do som fracamente ouvido, atraído de volta à fonte de sua emanção. A isto o homem chama morte e a isto a alma chama vida. (17-469)

1) Gostaria que pudessem visualizar (de forma simbólica) um homem que está em plena encarnação e enraizado na sua fase de experiência, e um outro homem que se está retirando dessa experiência. Isto representa, numa escala muito pequena, uma réplica dos grandes processos planetários de involução e evolução; envolve aquelas atividades que produzem uma focalização ou polarização em uma das duas direções; assemelha-se ao que poderíamos considerar um processo de verter vida e luz num recipiente no plano físico, ou uma intensificação de irradiação dessa vida e luz, de natureza tão potente que, sob o poder evocativo da alma, ambas são retiradas e reunidas no centro de vida e luz de onde originalmente vieram. Acabei de dar a vocês (quisera que pudessem assim entender) uma definição de iniciação, mas numa linguagem um tanto incomum. Talvez algumas linhas no *Manual da Morte* que se encontra nos arquivos hierárquicos se mostrassem mais explícitas e pudessem ajudá-los a ganhar uma nova perspectiva sobre a morte. Este manual possui o que chamamos de "Fórmulas que precedem Pralaya". Estas fórmulas tratam, todas, dos processos da morte ou da abstração, cobrindo todas as formas de morte, seja a morte de uma formiga, de um homem ou de um planeta. As fórmulas referem-se apenas aos dois aspectos da vida e luz - o primeiro condicionado pelo Som e o segundo, pela Palavra. O trecho que tenho em mente diz respeito à luz e à Palavra que se abstrai da forma ou a focaliza no interior da forma.

"Atentai, Oh Chela, que dentro das esferas conhecidas nada existe senão luz que responde à PALAVRA. Sabei que essa luz desce e concentra-se; sabei que desse ponto de focalização escolhido, ela ilumina a sua própria esfera; sabei também que a luz ascende e deixa na escuridão tudo aquilo que - no tempo e espaço - iluminou. A esta descida e ascensão os homens chamam vida, existência e morte; a isto nós Que trilhamos o Caminho Iluminado chamamos morte, experiência e vida. A luz que desce ancora-se no plano da aparência temporária. Sete fios lança ela, e sete raios de luz pulsam ao longo desses fios. Vinte e um fios menores são daí irradiados, fazendo quarenta e nove fogos brilharem e arderem. No plano da vida manifestada, espalha-se a palavra: Atentai! Nasceu um homem.

Com o desenrolar da vida, a qualidade da luz se revela: pode ser indistinta e sombria, ou brilhante, vívida e reluzente. Assim os pontos de luz no interior da Chama passam e repassam; vêm e vão. A isto chamam os homens, vida; chamam-na a verdadeira existência. Assim enganam-se a si próprios, contudo, servem ao propósito de suas almas e ajustam-se ao Plano maior.

E, então, soa uma Palavra. O radiante ponto de luz que descera, ascende, em resposta

ao chamado do som fracamente ouvido, atraído de volta à fonte de sua emanção. A isto o homem chama morte e a isto a alma chama vida.

A Palavra mantém a luz na vida; a Palavra abstrai a luz, e somente permanece *Aquilo* que é a própria Palavra. Essa Palavra é Luz. Essa Luz é Vida, e Vida é Deus".

A manifestação do corpo etérico, no tempo e espaço, possui em si o que, esotericamente, tem sido chamado de "dois momentos de brilho". São eles, primeiro, o momento anterior à encarnação física, quando a luz descendente (portadora da vida) está focalizada com toda a intensidade ao redor do corpo físico e estabelece uma relação com a luz da própria matéria, que se encontra em cada átomo da substância. Esta luz focalizada vai concentrar-se em sete áreas do seu círculo-não-se-passa, criando assim, sete centros maiores, que controlarão sua expressão e existência no plano externo, esotericamente falando. Este é um momento de grande irradiação; é quase como se um ponto de luz pulsante explodisse em chamas e como se, dentro dessa chama, sete planos de luz intensificada se formassem. Isto é um ponto alto na experiência de tomar a encarnação, e precede, de apenas alguns momentos, o nascimento físico. E isso que provoca a hora do nascimento. A fase seguinte do processo, como é vista pelo clarividente, é o estágio da interpenetração, durante o qual "os sete se tornam vinte e um e a seguir, muitos"; a substância da luz, o aspecto energia da alma, começa a permear o corpo físico, e o trabalho criativo do corpo etérico ou vital é completado. O primeiro reconhecimento disto, no plano físico, é o "som" emitido pela criança que nasce. É o clímax do processo. O ato da criação pela alma está agora completo; uma nova luz brilha num lugar escuro.

O segundo momento de brilho acontece como o reverso deste processo, e proclama o período de restituição e a abstração final da sua própria energia intrínseca pela alma. A morada aprisionada de carne é dissolvida com a retirada da luz e vida. Os quarenta e nove fogos no interior do organismo físico se extinguem; seu calor e luz são absorvidos pelos vinte e um pontos menores de luz; estes, por sua vez são absorvidos pelos sete centros maiores de energia. Então a "Palavra de Retorno" é pronunciada, e o aspecto-consciência, a natureza da qualidade, a luz e energia do homem encarnado, são retiradas para o corpo etérico. Da mesma forma o princípio da vida retira-se do coração. Segue-se uma brilhante fulguração de pura luz elétrica, e o "corpo de luz" finalmente extingue todo o contato com o veículo físico denso, focaliza-se por um curto período no corpo vital, e a seguir desaparece. O ato de restituição foi completado. Todo este processo de focalização dos elementos espirituais no corpo etérico, com a subsequente abstração e consequente dissipação do corpo etérico, seria grandemente acelerado pela substituição do sepultamento pela cremação. (17-467/70)

2) Foi perguntado: Qual é a atitude do Tibetano a respeito da cremação, e sob que condições deve ser seguida? E auspicioso o fato de que a cremação esteja se tornando regra geral. Dentro em breve, o sepultamento na terra será contra a lei, e a cremação será obrigatória, o que é uma medida saudável e sanitária. Aqueles insalubres locais psíquicos chamados cemitérios, finalmente desaparecerão, assim como a adoração aos antepassados está desaparecendo, tanto no Oriente - com seu culto aos ancestrais - como no Ocidente, com seu tolo culto de posição hereditária.

Pelo uso do fogo todas as formas são dissolvidas; quanto mais rápido o veículo físico humano for destruído, mais depressa ele perde seu controle sobre a alma que está se

retirando. Muitas tolices têm sido ditas na literatura teosófica existente sobre a equação do tempo em relação à destruição sequencial dos corpos sutis. Deve-se dizer-se, contudo, que no momento em que a *verdadeira* morte foi estabelecida (pelo médico ortodoxo encarregado do caso) e assegurado que nenhuma centelha de vida permanece no corpo físico, a cremação é então possível. A morte completa ou verdadeira ocorre quando o fio da consciência e o fio da vida são completamente retirados da cabeça e do coração. Ao mesmo tempo, a reverência e uma atitude tranquila têm seu lugar próprio neste processo. Os familiares do morto precisam de algumas horas para se ajustarem ao fato do iminente desaparecimento da forma exterior e habitualmente amada; o devido cuidado deve ser dado às formalidades exigidas pelo estado ou municipalidade. O elemento tempo tem referência, principalmente, para os que ficam, e não para os mortos. Dizer que o corpo etérico não deve ser levado apressadamente para as chamas do crematório, ou a crença de que se deve permitir que ele perambule por um período de vários dias, não têm absolutamente base na verdade. Não há necessidade etérica para a demora. Quando o homem interno se retira do seu veículo físico retira-se simultaneamente do corpo etérico. É verdade que o corpo etérico pode permanecer por muito tempo no "campo da emanção" quando o corpo físico é enterrado, e frequentemente perdura até a completa desintegração do corpo físico denso. O processo de mumificação como era praticado no Egito, e o embalsamamento, no Ocidente, foram responsáveis pela perpetuação do corpo etérico, às vezes por séculos. Este é particularmente o caso quando a múmia, ou a pessoa embalsamada, foi de mau caráter enquanto viva; o corpo etérico (flutuante) é então frequentemente "possuído" por uma entidade ou força maligna. Esta é a causa de ataques e acidentes que muitas vezes acontecem àqueles que descobrem túmulos antigos e seus habitantes, velhas múmias, e os trazem à luz juntamente com seus pertences. Quando a cremação é a regra, há, não apenas a imediata destruição do corpo físico e sua restituição à fonte da substância, como também o corpo vital é prontamente dissolvido e suas forças varridas, pela corrente de fogo, para o reservatório das energias vitais, do qual ele sempre foi, e é, parte inerente, esteja ou não ligado à forma. Depois da morte e cremação, estas forças ainda existem, porém são absorvidas no todo *análogo*. Meditai sobre esta afirmação, pois ela lhes dará um indício do trabalho criativo do espírito humano. Se for necessário um retardo por razões familiares ou exigências municipais, a cremação deve seguir a morte dentro de trinta e seis horas; quando não existir razão para delongas, a cremação pode ser corretamente permitida em doze horas. É prudente, contudo, esperar doze horas para se ter certeza de morte *verdadeira*. (17-483/5)

3) Segundo o ocultismo, a cremação é necessária por duas importantes razões. Ela acelera a liberação dos veículos sutis (ainda envolvendo a alma) do corpo etérico, ocasionando, assim, a liberação em poucas horas em vez de alguns dias; é também um meio muito necessário para purificar o plano astral e para impedir a tendência do desejo de "mover-se para baixo", o que tanto dificulta a alma que encarna. Esta tendência fica sem encontrar ponto de focalização, porque o fogo essencialmente repele o aspecto-forma do desejo, e é uma importante expressão da divindade com a qual o plano astral não tem verdadeira relação, sendo como é, inteiramente criado pela alma humana, e não pela alma divina. "Nosso Deus é um fogo consumidor" é a frase na Bíblia que se refere ao primeiro aspecto divino, o aspecto do destruidor, que liberta a vida. "Deus é Amor" refere-se ao

segundo aspecto e mostra Deus como existência encarnada. "Deus é um Deus ciumento" é uma expressão indicando Deus como forma, circunscrita e limitada, autocentrada, não expansiva. O Som destruidor; a Palavra de atração; o Discurso individualizado!

Na hora da morte, o discurso se extingue quando soa a Palavra e a restituição é imposta; depois a Palavra não mais é ouvida quando o Som a apaga e absorve, e há, então, completa eliminação de tudo que interfere com o Som. Então o Silêncio superpõe-se e o próprio Som não mais se ouve; ao ato de integração final segue-se completa paz. Aqui, em fraseologia esotérica, está descrito todo o processo da morte. (17-470/1)

4) Seria talvez aconselhável detalharmos, onde possível, esta décima Lei, para chegarmos à síntese que desejo expor: assim ganharíamos um pouco de compreensão de que a morte, em si mesma, é uma parte do processo criativo de sintetização. É essencial que novas ideias e uma nova abordagem da totalidade do problema da morte comecem a aparecer.

Atentai, Oh Discípulo, para o chamado que vem do Filho para a Mãe, e então obedecei.

Mesmo quando compreendermos, pelo contexto, que isto se refere ao abandono do corpo físico, é útil lembrar que este conjunto de palavras pode significar muito mais do que isso. Poder ser interpretado como sendo a total relação de alma e personalidade e envolva a pronta obediência da Mãe (a personalidade) ao Filho (a alma). Sem esta pronta obediência, que implica o reconhecimento da Voz que dá forma, a personalidade permanecerá surda ao chamado da alma para abandonar o corpo. Ainda não foi desenvolvida uma resposta automática. Peço que reflitam sobre as implicações.

Estou, eu sei, recapitulando, quando assinalo que o aspecto-Mãe é o aspecto material, e a alma - no seu próprio plano - é o Filho. Esta injunção, pois, diz respeito à relação entre matéria e alma, e portanto lança as bases para todas as relações que o discípulo tem que aprender a reconhecer. Aqui não se impõe obediência; ela é contingente do ouvir; então a obediência acontece como um passo seguinte no desenvolvimento. Este é um processo mais fácil, embora possam considerá-lo ainda pouco. Esta distinção, relativa ao processo da obediência, é interessante porque o processo de *aprender ouvindo* é sempre lento e é uma das qualidades ou aspectos do estágio de orientação. Aprender pela visão está definitivamente relacionado com o Caminho do Discipulado, e qualquer um que deseje tornar-se um verdadeiro e sábio trabalhador tem que aprender a distinguir entre aqueles que ouvem e aqueles que veem. A compreensão desta diferença levará a mudanças básicas na técnica. Num caso, vocês estarão trabalhando com aqueles que estão definitivamente sob a influência e controle da Mãe, e que precisam ser treinados para ver. No outro, estamos lidando com aqueles que já ouviram e que estão desenvolvendo a contraparte espiritual da vista. Estes são, por isso, receptivos à visão.

Soa a Palavra de que a forma já serviu a seu propósito.

Esta palavra, ou "proclamação espiritual" da alma, pode ter duplo propósito: pode causar a morte ou pode simplesmente levar a alma a retirar-se de seu instrumento, a tríplice personalidade. Isto poderia consequentemente deixar a forma sem informação e sem qualquer morador no corpo. Quando isto acontece, a personalidade (e com isto quero dizer o homem físico, astral e mental) continuará a funcionar. Se é uma personalidade refinada, poucas pessoas perceberão que a alma está ausente. Isto frequentemente acontece na idade avançada ou quando há doença grave, e pode persistir durante anos. As

vezes acontece com crianças pequenas e então elas morrem ou tornam-se imbecis, pois houve pouco tempo para treinar os veículos da personalidade inferior. Pensar um pouco sobre o "soar da Palavra" lançará bastante luz sobre circunstâncias consideradas desconcertantes, assim como estados de consciência que até agora constituem problemas quase insolúveis.

O princípio mental então organiza-se e a seguir repete a Palavra. A forma, que estava à espera, responde e deixa-se levar.

No aspecto da morte que aqui estamos considerando é a mente que exerce o papel de agente de autoridade, transmitindo ao cérebro (onde o fio da consciência está localizado) a instrução para o esvaziamento. Esta é então passada adiante, pelo homem no corpo, ao coração (onde o fio da vida está ancorado), e então - como já sabemos - começa o processo de retirada. O que transpira nesses momentos anteriores à morte ainda não sabemos, pois jamais alguém voltou para nos contar. Se alguém tivesse voltado, a pergunta seria: acreditariam nele? Provavelmente não.

O primeiro parágrafo da Lei X trata do abandono do corpo (isto é, do tríplice aspecto forma do homem inferior) do comum dos aspirantes inteligentes, que olham esta lei por uma de suas correspondências inferiores; todavia, sob esta mesma Lei das Correspondências, a morte de todos os homens, desde o mais inferior até, e inclusive, o aspirante, é basicamente caracterizada pelo mesmo e idêntico processo; a diferença está no grau de consciência que se evidencia - a consciência do processo e da intenção. O resultado é o mesmo em todos os casos:

A alma fica livre

Este momento de verdadeira liberdade pode ser breve e fugaz, como no homem não desenvolvido, ou pode ter longa duração, de acordo com a utilidade do aspirante nos planos internos: disto já falei antes e não há necessidade de me repetir. Progressivamente, à proporção que os apelos e influências dos três níveis inferiores da consciência decrescem, o período de dissociação torna-se cada vez mais longo, e caracteriza-se por uma crescente clareza de pensamento e por um reconhecimento do ser essencial, isto em etapas progressivas. Esta clareza e progresso podem não ser totalmente compreendidas ou expressas por ocasião de um novo renascimento, devido às excessivas limitações impostas pelo corpo físico denso; não obstante, cada nova vida vê um contínuo crescimento na sensibilidade e também armazena informação esotérica, o uso da palavra "esotérica" significando tudo o que não diz respeito à vida da forma, ou à consciência comum do homem nos três mundos. (17-680/3)

5) Qual é o resultado desta retirada, ou antes, o que ocasiona esta coisa a que chamamos morte ou pralaya? Uma vez que estamos seguindo estritamente o estilo de livro-texto neste tratado, continuaremos com nosso método de tabulação. A retirada do duplo etérico de um homem, de um planeta e de um sistema é provocada pelas seguintes causas:

a) *A cessação do desejo.* Isto deveria ser o resultado de todo processo evolutivo. A verdadeira morte, sob esta lei, é provocada quando o objetivo é alcançado, e daí, pelo cessar da aspiração. Isto, à proporção que o ciclo de aperfeiçoamento se aproxima do seu fecho, será uma verdade para o indivíduo, para o Homem Divino, e para o Próprio Logos.

b) *A desaceleração e gradual cessação do ritmo cíclico: por ela, vibração adequada é*

alcançada, e o trabalho, realizado. Quando a vibração ou nota é perfeitamente sentida ou soada, ela provoca (ao alcançar o ponto de síntese com outras vibrações) a total desagregação das formas.

O movimento se caracteriza, como sabemos, por três qualidades:

1. Inércia
2. Mobilidade
3. Ritmo

As três são vivenciadas exatamente como na sequência acima, e pressupõem um período de lenta atividade, seguido de um período de extremo movimento. Este período intermediário produz, incidentalmente, (quando se procura a verdadeira nota e frequência), os ciclos de caos, de experimento, de experiência e de compreensão. Seguindo estes dois graus de movimento (que são característicos do átomo, do Homem, do Homem Divino ou grupo, ou do Logos ou da Totalidade) vem um período de ritmo e estabilização no qual o ponto de equilíbrio é alcançado. Pela força de balanceamento dos pares de opostos, e assim produzindo o equilíbrio, pralaya é a sequência inevitável.

c) *A separação da forma física do corpo mais sutil* nos planos internos, através do rompimento da teia. Isto tem um efeito triplo:

Primeiro. A vida que animava a forma física (densa e etérica) e que tinha como ponto de partida o átomo permanente, e daí "permeava o que se move e o que é imóvel" (em Deus, no Homem Divino e no ser humano, assim como no átomo da matéria) é retirada inteiramente de dentro do átomo para o plano de abstração. Este "plano de abstração" é diferente segundo as entidades envolvidas:

- a) Para o átomo físico permanente, é o nível atômico.
- b) Para o homem, é o veículo causal.
- c) Para o Homem Divino, é o segundo plano da vida monádica, Seu habitat.
- d) Para o Logos, é o plano Adi.

Todos estes marcam os pontos de desaparecimento da unidade em pralaya. Devemos lembrar aqui que é sempre pralaya quando olhada de *baixo* para cima. De uma visão mais alta, que vê o mais sutil continuamente sobrepujando o denso quando não está em manifestação objetiva, pralaya é simplesmente uma subjetividade e não "aquilo que não é", mas apenas aquilo que é esotérico.

Segundo. O duplo etérico de um homem, de um Logos planetário e de um Logos solar, ao ser desintegrado, torna-se não-polarizado no que diz respeito ao seu morador, o que lhe permite escapar. E (em outras palavras) não mais uma fonte de atração, nem um ponto focal magnético. Torna-se não-magnético, e a grande Lei de Atração deixa de controlá-lo; daí, ser a desintegração a condição seguinte da forma. O Ego não mais é atraído pela forma no plano físico, e, inalando, retira sua vida do envoltório. O ciclo termina, o experimento foi realizado, o objetivo (relativo para cada vida e a cada encarnação) foi alcançado, e nada mais há o que desejar; o Ego, ou entidade pensante, perde, portanto, o interesse pela forma e volta a atenção para o interior. Sua polarização muda, e o físico é finalmente abandonado.

Da mesma forma, o Logos planetário no Seu ciclo maior (a síntese ou agregado dos pequenos ciclos das células de Seu corpo) segue o mesmo curso; Ele deixa de ser atraído para baixo ou para fora, e volta Seu olhar para o interior; reúne internamente o agregado

das vidas menores no Seu corpo, o planeta, e corta a conexão. A atração externa cessa e tudo gravita em direção ao centro, em vez de se espalhar na periferia de Seu corpo.

No sistema, o mesmo processo é seguido pelo Logos solar; do Seu elevado lugar de abstração, Ele deixa de ser atraído pelo Seu corpo de manifestação. Ele retira Seu interesse, e os dois pares de opostos, o espírito e a matéria do veículo, se dissociam. Com esta dissociação, o sistema solar, esse "Filho da necessidade", ou do desejo, deixa de existir e morre para a existência objetiva.

Terceiro. Isto leva, finalmente, a espalhar os átomos do corpo etérico de volta à sua condição primordial. A vida subjetiva, a síntese da vontade e do amor, tomando forma ativa, é retirada. A sociedade foi dissolvida. A forma, então, desintegra-se; o magnetismo que a mantinha coesa não mais existe, e a dissipação é total. A matéria persiste, mas a *forma*, não mais.

O trabalho do segundo Logos termina e a encarnação divina do Filho está concluída. Porém a faculdade ou qualidade inerente à matéria também persiste e, ao fim de cada período de manifestação, a matéria (embora distribuída de volta à sua forma original) é matéria ativa inteligente mais o ganho de objetividade e a atividade latente, irradiante, aumentada, obtidos durante a experiência. Ilustremos: a matéria do sistema solar, quando indiferenciada, era matéria inteligente ativa, e esta era sua única qualidade. Esta matéria ativa inteligente foi qualificada por uma experiência anterior, e colorida por uma encarnação anterior. *Agora* esta matéria tomou *forma*, o sistema solar não está em pralaya e sim em objetividade, - objetividade esta que tem em vista somar uma outra qualidade ao conteúdo logóico: a qualidade do amor e da sabedoria. Portanto, no próximo pralaya solar, ao término dos cem anos de Brahma, a matéria do sistema solar estará colorida pela inteligência ativa e pelo amor ativo. Isto significa, literalmente, que o agregado de matéria solar atômica vibrará finalmente, em outra nota chave, diferente daquela da primeira aurora da manifestação.

Isto que foi dito em relação ao Logos planetário pode ser, por analogia, trazido para a unidade humana. Há, em pequena escala, uma correspondência no fato de que cada período de vida humana leva o homem a tomar um corpo físico mais evoluído e responsivo, afinado em uma clave mais elevada e de mais adequado refinamento, vibrando em uma dimensão diferente. Nestas três ideias haverá muita informação, se forem cuidadosamente estudadas e desenvolvidas com lógica.

d) *Pela transmutação da cor violeta em azul.* Sobre isto não nos podemos estender. Aos estudantes, cujo carma o permita e cuja intuição seja suficiente, cabe desenvolver esta ideia.

e) *Com a retirada da vida, a forma deve gradualmente dissipar-se.* É interessante notar aqui a ação reflexa, pois os mais importantes Construtores e Devas que são os agentes ativos durante a manifestação, e que mantêm a coesão da forma, transmutando, aplicando e fazendo circular as emanções prânicas, da mesma maneira perdem sua atração pela matéria da forma e desviam sua atenção para outro lado. No caminho da exalação (seja ela humana, planetária ou logóica) estes devas construtores (no mesmo Raio que a unidade desejando manifestar-se ou de raio complementar) são atraídos pela sua vontade e desejo, e exercem sua função construtora. No caminho da inalação (seja ela humana, planetária ou logóica) eles deixam de ser atraídos e a forma começa a dissipar-se. Eles retiram seu

interesse e as forças (também elas entidades) que são os agentes de destruição, desenvolvem seu trabalho de desmembrar a forma; espalham-na - segundo a expressão ocultista - aos "Quatro Ventos do Céu" ou às regiões dos quatro sopros - uma quádrupla separação e distribuição. Esta alusão deve ser estudada cuidadosamente. Embora não se descrevessem cenas passadas à beira do leito de morte, nem da dramática saída do palpitante corpo etérico através do centro coronário, como poderia ser esperado, ainda assim algumas regras e propósitos que governam esta retirada foram mencionadas. Vimos como o objetivo de cada vida (seja ela humana, planetária ou solar) deve ser o de concretizar um propósito definido. Este propósito é o desenvolvimento de uma forma mais adequada para uso do espírito; e quando este propósito é alcançado, o Morador desvia sua atenção, e a forma, tendo suprido sua necessidade, desintegra-se. Não é sempre assim em cada vida humana ou em cada ciclo planetário. O mistério da lua é o mistério do fracasso. Isto, quando compreendido, conduz a uma vida de dignidade e oferece um objetivo digno dos nossos melhores esforços. Quando este ângulo da verdade for universalmente reconhecido - o que acontecerá quando a inteligência da humanidade for suficiente - então a evolução se processará com certeza, e os fracassos serão menos numerosos. (3-129/33)

6) Voltemo-nos agora para outro aspecto do nosso tema. Há, falando em sentido lato, três importantes episódios da morte.

Há, antes de tudo, a constante ocorrência da morte física.

Esta é familiar a todos nós pela sua extrema frequência, se apenas pudéssemos compreender isso, o que rapidamente eliminaria o atual medo da morte. Há, também, a "segunda morte" mencionada na Bíblia, que é, no atual ciclo planetário, associada à morte de todo o controle astral sobre o ser humano. Num sentido mais lato, esta segunda morte é consumada na quarta iniciação, quando até a aspiração espiritual morre, pois não mais é necessária. A Vontade do iniciado é agora fixa e imóvel, e a sensibilidade astral não mais é exigida.

Há uma curiosa contraparte desta experiência num nível muito mais inferior na morte, de toda emoção astral que se realiza para o aspirante por ocasião da segunda iniciação. É, então, um episódio completo e conscientemente registrado. Entre a segunda e terceira iniciações, o discípulo tem que demonstrar contínua não-responsividade ao astralismo e emotividade. A segunda morte, a que me refiro, está ligada à morte ou desaparecimento do corpo causal por ocasião da quarta iniciação, quando é completada a construção do antahkarana e instituída, de forma direta sem empecilhos, a continuidade de relação entre a Mônada e a personalidade.

A terceira morte ocorre quando o iniciado deixa para trás, finalmente, e sem perspectiva de retorno, toda a relação com o plano físico cósmico. Esta morte, necessariamente, está muito distante de todos na Hierarquia e atualmente só é possível e permitida a uns poucos na Câmara do Conselho em Shamballa. Não é, contudo, um processo pelo qual Sanat Kumara passará. Ele sofreu esta "transformação" há muitos aeons, durante o grande cataclismo que deu início à Era Lemuriana, o qual foi induzido por Sua Experiência cósmica e a necessidade de um fluxo de energia emanada de Seres extra-planetários. (17-406/7)

7) Quando todas as unidades ou células no corpo de um Logos planetário o tiverem alcançado, também Ele estará livre da manifestação densa e, fisicamente, morre. (17-414)

8) Eis aqui o segredo da morte e sofrimento planetários. Nosso Logos planetário (vendo a verdade pelo ângulo do macrocosmo) é, como sabemos, um dos "Deuses imperfeitos" de *A Doutrina Secreta*, embora perfeitos além da compreensão humana - a compreensão de uma unidade em um dos reinos que constituem Seu corpo de manifestação. Ainda não há verdadeiro equilíbrio entre espírito e matéria, embora este ponto de equilíbrio esteja prestes a ser alcançado; as forças involucionárias ainda são potentes, e as energias espirituais ainda frustradas, embora muito menos do que já o foram na história humana; a próxima grande raça humana, que se seguirá à nossa, alcançará um ponto de equilíbrio que a levará à, assim chamada, idade de ouro. (17-610)

9) A morte é para o homem exatamente o que a libertação do átomo parece ser; é isto que a grande descoberta científica da liberação do átomo demonstrou. O núcleo do átomo libera uma grande luz e uma grande potência; no plano astral, o fenômeno da morte tem um efeito similar e estreito paralelo com os fenômenos provocados pela liberação da energia atômica. Cada morte, em todos os reinos da natureza, tem o mesmo efeito, até certo ponto; ela estilhaça e destrói a substância da forma e assim serve a um propósito construtivo; este resultado é principalmente astral e psíquico e serve para dissipar um pouco da miragem envolvente.

A destruição, por atacado, de formas, que teve lugar durante os anos da guerra passada, produziu mudanças fenomênicas no plano astral e destruiu uma enorme parte do mundo da miragem mundial existente, o que foi muito, muito bom. Estes acontecimentos devem trazer, como resultado, menor oposição ao influxo de novo tipo de energia; devem facilitar o aparecimento de ideias que incorporam o conhecimento necessário; os novos conceitos serão agora compreendidos, e o fato de emergirem ao reino do pensamento humano dependerá da formulação de novos "canais de impressão", através dos quais as mentes dos homens se tornarão receptivas aos planos da Hierarquia e aos propósitos de Shamballa.

Isto, contudo, é um dito de passagem. Minha proposição servirá para mostrar-lhes algumas das relações entre morte e atividade construtiva, e a sensata utilidade da morte como processo de reconstrução. Darei a vocês a ideia de que esta grande Lei da Morte - que governa a substância nos três mundos - é um acontecimento benéfico e corretivo. Sem me estender sobre ela, quero lembrar que esta Lei da Morte, que governa com tal poder nos três mundos da evolução humana, é um reflexo de um propósito cósmico que governa os planos etéricos cósmicos do nosso sistema solar, o plano astral cósmico e o plano mental cósmico. A energia que lida com a morte emana como uma expressão do princípio da vida daquela VIDA maior que envolve todos os sete sistemas planetários, os quais em Si mesmos expressam a Vida do nosso sistema solar. Quando, em nossos pensamentos e num esforço para compreender isto, nós penetramos neste reino da abstração pura, é hora de fazermos uma pausa e dirigir nossas mentes de volta aos caminhos mais práticos da vida planetária e às leis que governam o quarto reino da natureza, o reino humano. (17-503/4)

10) Pode-se, pois, admitir que a Arte da Eliminação é praticada mais definida e efetivamente do que foi a restituição do veículo físico. Há também, outro ponto a considerar. No seu lado interno, os homens *sabem* que a Lei do Renascimento governa o processo-experiência do plano físico da vida, e compreendem, então, que precedendo à eliminação dos corpos kânicos, kama-manásicos e mental, ou manásicos estão passando

por um interlúdio entre encarnações e que eles, conseqüentemente, enfrentam duas grandes experiências:

1. Um momento (longo ou curto, de acordo com o ponto alcançado na evolução) quando será feito contato com a alma ou com o anjo solar.

2. Após esse contato, ocorre uma violenta reorientação à vida terrena, que conduz ao que é chamado "o processo de descida e chamado", quando o homem:

a) Prepara-se para nova encarnação física.

b) Faz soar sua própria e verdadeira nota na substância dos três mundos.

c) Revitaliza os átomos permanentes, que formam um triângulo de força dentro do corpo causal.

d) Reúne a substância necessária para formar seus futuros corpos de manifestação.

e) Colore-os com as qualidades e características que ele já adquiriu através da experiência da vida.

f) No plano etérico, distribui a substância de seu corpo vital, de modo que os sete centros se formem e possam tornar-se recipientes das forças internas.

g) Faz, deliberadamente, a escolha daqueles que proverão com o necessário envoltório físico denso, e então espera pelo momento da encarnação. Os estudantes de esoterismo deveriam lembrar-se de que os pais apenas dão o corpo físico denso. Em mais nada contribuem, a não ser no fornecimento de um corpo de determinada qualidade e natureza, que proverá o necessário veículo de contato com o meio ambiente exigido pela alma encarnante. Os pais podem também proporcionar um certo relacionamento grupal, quando a experiência da alma é longa e uma verdadeira relação grupal já fora estabelecida.

Estes dois momentos críticos são conscientemente enfrentados pelo homem desencarnado, e ele sabe o que está fazendo, dentro dos limites impostos pelo seu ponto de evolução. (17-495/6)

11) Antes de tudo isso, o Eterno Peregrino, por sua própria vontade, "ocultamente" escolheu morrer, e tomou um corpo ou uma série de corpos para erguer ou elevar as vidas da natureza da forma que ele encarnou; ao fazer assim, ele próprio "morreu", no sentido de que, para uma alma livre, a morte é a tomada de uma forma e conseqüente imersão da vida na forma, são termos sinônimos.

Por outro lado, ao fazer assim, a alma está recapitulando, em pequena escala, o que o Logos solar e o Logos planetário já fizeram, e estão fazendo. As grandes Vidas estão sujeitas a estas leis da alma durante o período de manifestação, embora Elas não sejam governadas nem controladas pelas leis do mundo natural, como o chamamos. Suas consciências permanecem sem identificação com o mundo dos fenômenos, embora a nossa se identifique com ele até chegar o momento em que estivermos sujeitos a leis mais elevadas. Pela "morte" oculta destas grandes Vidas, todas as vidas menores podem viver e lhes é dada oportunidade. (17-439)

12) ...o sinal de elevação indica as possibilidades mais remotas, e o objetivo espiritual e o propósito da encarnação imediata e das encarnações que em seguida se sucederão. Este sinal relaciona-se à luta do homem espiritual para "prosseguir" a partir do ponto alcançado de modo que, quando a energia da vida se esgota, temporariamente, e ocorre a "morte da personalidade", o homem se encontra "mais próximo do centro de sua vida, mais próximo do centro de seu grupo, e aproximando-se do centro da vida divina", segundo

a Sabedoria Eterna. A expressão "morte da personalidade" tem duas conotações definidas:

a) Pode significar a morte do corpo físico, a qual é inevitavelmente seguida pelos dois estágios da morte do veículo emocional, e a subsequente dissipação da forma temporária e sempre mutante que a quota de energia mental assumiu durante a encarnação.

b) A subjetiva e mística "morte da personalidade". Esta expressão indica a transferência do foco de distribuição de energia da personalidade (um centro definido de força) para a alma (outro centro definido de força). (16-17/8)

13) O mês do nascimento indica o dia da oportunidade. A porta permanece aberta. O mês em que a alma vem à encarnação é indicado àquela alma, pelo mês em que esta *desencarnou* em um ciclo de vida anterior. Se, por exemplo, ela morreu no mês governado pelo signo de Leão, ela voltará à encarnação no mesmo signo, retomando o fio da experiência onde o deixara, e começando com o mesmo tipo de energia e particular equipamento com o qual deixara a vida terrena, mais o que ganhou de pensamento e observação conscientes. A qualidade da energia e a natureza das forças que serão manipuladas durante a vida são indicadas à alma deste modo. (4-436)

14) Portanto, o uso do termo "imortalidade" indica ausência na medida de tempo e ensina que esta eternidade existe para aquilo que não é perecível ou condicionado pelo tempo. Esta afirmação deve ser cuidadosamente considerada. O homem reencarna sem premência de tempo. Ele encarna pelas exigências dos compromissos cármicos, pela atuação daquilo a que ele, como alma, deu início e pela necessidade que sente de cumprir obrigações adquiridas; ele encarna, também, por um senso de responsabilidade e para cumprir exigências que as suas falhas anteriores em obedecer às leis que governam as corretas relações humanas lhe impunham. Quando tais exigências, necessidades da alma, experiências e responsabilidades forem todas satisfeitas, ele penetra para sempre "na fria e clara luz do amor e vida" e não mais necessita (no que diz respeito a ele próprio) do estágio infantil de experiência da alma na Terra. Ele está livre das imposições cármicas nos três mundos, porém ainda sujeito ao impulso da necessidade cármica que extrai dele a última parcela possível de serviço que ele está em posição de prestar àqueles que ainda se encontram sujeitos à Lei da Responsabilidade Cármica. Temos, pois, três aspectos da Lei do Carma, no que ela afeta o princípio do renascimento:

1. *A Lei de Responsabilidade Cármica*, que governa a vida nos três mundos da evolução humana, e que termina completamente na quarta iniciação.

2. *A Lei da Necessidade Cármica*, que governa a vida do discípulo adiantado e do iniciado, desde o momento da segunda iniciação, até uma certa iniciação mais elevada do que a quarta; estas iniciações permitem-no passar para o Caminho da Evolução Superior.

3. *A Lei da Transformação Cármica*, uma expressão misteriosa que governa os processos sofridos no Caminho Superior. Estes habilitam o iniciado a deixar completamente o plano físico cósmico, para passar a trabalhar no plano mental cósmico. Está ligada à liberação daqueles como Sanat Kumara, e Seus associados na Câmara do Conselho de Shamballa, da imposição do desejo cósmico que se demonstra no nosso plano físico cósmico como vontade espiritual. Isto deveria ser para nós um pensamento atraente. É óbvio, contudo, que pouco posso dizer sobre este assunto. O conhecimento envolvido ainda não me pertence. (17-404/5)

15) Pode-se dizer, resumindo minha proposição geral, que o medo, o terror da morte

está fundamentado no amor à forma - a nossa própria, as formas daqueles a que amamos, e a forma que constitui o nosso ambiente familiar e meio circundante. Contudo, este tipo de amor é contrário a todo o nosso ensinamento acerca das realidades espirituais. A esperança do futuro, e a esperança de nossa libertação deste mal fundamentado medo, reside em mudar nossa ênfase para a realidade da alma eterna e para a necessidade dessa alma viver espiritual, construtiva e divinamente no interior dos veículos materiais. Neste conceito entra novamente a ideia da restituição. Conceitos errôneos são, pois, esquecidos, a ideia da eliminação também está incluída quando se alcança o foco certo. Integração requer consideração, para que a absorção na vida da alma ocupe o lugar da absorção na vida do corpo. Tristeza, solidão, infelicidade, decadência, perda - todas são ideias que precisam desaparecer quando a atual reação à morte também se dissipar. Quando os homens aprenderem a viver conscientemente como almas, quando também aprenderem a focalizar-se nos níveis da alma e começarem a olhar a forma, ou formas, como simples modos de expressão, todas as velhas, tristes ideias acerca da morte gradualmente desaparecerão e uma nova e jubilosa expectativa sobre essa grande experiência tomará seu lugar. (17-394)

PARTE XIV

A ressurreição é a nota-chave da natureza; a morte não é. A morte é apenas a antecâmara da ressurreição. (13-469)

1) A ressurreição é a chave para o mundo dos significados, e é o tema fundamental de todas as religiões do mundo - passadas, presentes e futuras. A ressurreição do espírito do homem, em todas as formas, em todos os reinos, é o objetivo de todo o processo evolutivo e isto envolve libertarmo-nos do materialismo e egoísmo. Nessa ressurreição, a evolução e a morte são apenas estágios preparatórios e familiares. A nota e a mensagem que o Cristo fez soar quando esteve por último na Terra foi a da ressurreição, porém a humanidade tem sido tão mórbida e tão envolvida pela miragem e ilusão que permitiu que Sua morte escapasse à compreensão; em consequência disso, por séculos, tem-se enfatizado a morte, e somente no Dia da Páscoa ou nos cemitérios se aclama a ressurreição. Isto precisa mudar. (1) A perpetuação desta situação não favorece a uma compreensão progressiva das verdades eternas. A Hierarquia hoje dedica-se a provocar esta mudança, e assim, a alterar o modo da humanidade olhar o mundo invisível e as realidades espirituais. (13-469/70)

1. desde 1957, quando essa afirmação foi publicada pela primeira vez, muitos progressos se fizeram nesta direção. - N do T.

2) Todo o conceito da ressurreição é a nova e mais importante revelação que chega à humanidade e que lançará as bases da nova religião mundial.

No passado próximo, a nota chave da religião cristã foi a morte, simbolizada na morte do Cristo e bastante distorcida por São Paulo no seu esforço para fundir a nova religião dada por Cristo com a antiga sangrenta religião dos judeus. No próximo ciclo, este distorcido ensinamento sobre a morte assumirá seu devido lugar e será conhecido como o impulso disciplinador para o abandono do corpo, e para que a morte termine como o controlador da matéria sobre a alma. O grande objetivo de todos os ensinamentos religiosos será a ressurreição do espírito no homem e finalmente, em todas as formas de vida, do ponto mais íntimo na evolução à mais elevada experiência monádica. No futuro, a ênfase será sobre "a vitalidade da natureza do Cristo" - a prova do que será o Cristo Elevado - e sobre o uso da vontade invocando esta "demonstração de vida". (18-318)

3) A maravilha da Ressurreição do Cristo, no que diz respeito à Sua Personalidade, consistiu no fato de que, após morrer e erguer-se novamente, Ele foi essencialmente a mesma Pessoa, só que com maiores poderes. Não poderá ser assim também conosco? Não poderá a morte simplesmente remover as limitações, no sentido físico, deixando-nos com sensibilidade mais desperta e um mais claro senso de valores? (22-244)

4) O medo da morte é uma das grandes anormalidades ou distorções da verdade divina pela qual os Senhores do Mal Cósmico são responsáveis. Quando nos primórdios da época atlante eles emergiram do local onde haviam sido confinados, e temporariamente forçaram a Grande Loja Branca a retirar-se para níveis subjetivos, seu primeiro ato de distorção foi implantar o medo nos seres humanos, a começar pelo medo da morte. Desde

então, os homens têm enfatizado a morte e não a vida, e têm sido sempre oprimidos pelo medo.

Um dos atos iniciais do Cristo ao reaparecer, e da Hierarquia, será erradicar este medo em particular e confirmar na mente dos homens a ideia de que a encarnação, com a tomada de uma forma, é, para esse divino espírito que é o homem, o verdadeiro lugar de escuridão; para o espírito, é temporariamente, morte e prisão. Será ensinado aos homens que a evolução em si mesma é um processo iniciático que conduz de uma experiência de vida à outra, e que culmina na quinta Iniciação da Revelação e na sétima Iniciação da Ressurreição. (18-732)

5) Tem havido muitas mortes dentro dos muitos eons dos ciclos da vida do iniciado:

1. A familiar e constantemente repetida morte do corpo físico, encarnação após encarnação.

2. As mortes dos veículos astral e mental, quando a alma imortal deles se descarta, vida após vida - apenas para criá-los novamente até alcançar a maestria.

3. Então - como resultado do processo de encarnação e seus efeitos evolucionários - chega a vez da morte do desejo e sua substituição por uma crescente aspiração espiritual.

4. A seguir, através do correto uso da mente, vem a "morte" da personalidade, ou melhor, seu repúdio e renúncia a tudo que é material.

5. Isto é seguido pela morte ou destruição do corpo causal ou da alma, na grande Iniciação da Renúncia. Este processo de morte e ressurreição continua sem cessar em todos os reinos da natureza; cada morte prepara o caminho para maior amor e vida maior; e cada morte (se a analisarmos cuidadosamente) é um prelúdio à ressurreição, de uma forma ou de outra, até que chegamos a esta ressurreição final e à posição final da conquista espiritual.

Não me alongarei aqui sobre este processo de constantes mortes, seguidas de constante ressurreição, porém este processo é a chave e técnica da evolução, e é somente porque os homens amam indevidamente tudo o que é material e odeiam perder contato com o aspecto forma da natureza, que eles temem a morte. É sábio lembrar que a imortalidade é um aspecto do ser vivo espiritual, e não um fim em si mesma, como os homens procuram fazer crer. Para os Conhecedores da Vida, uma frase como "Eu sou uma Alma imortal" não é sequer verdadeira. Dizer "Eu sou a Própria Vida e, portanto, sou imortal" aproxima-se mais da verdade, porém esta frase (vista do ângulo do iniciado) é apenas uma parte de uma verdade maior. (18-731)

6) Gostaria de aqui novamente fazer uma pausa e ressaltar que os conceitos de morte, de substituição, de expiação reparadora, e de sacrifício, serão - na Nova Era - ultrapassados pelos conceitos de ressurreição ou de vida, de unidade espiritual, de transferência e de serviço, de modo que uma nova nota-chave penetrará na vida humana, trazendo esperança, alegria, poder e libertação. (15-437)

7) A vida dentro da forma elevar-se-á em triunfo até o seio do "Pai no Céu ", do mesmo modo que a vida dentro do corpo físico, no momento da morte, procura sua fonte, o Ego, e isto se faz igualmente em quatro etapas:

1. Pela retirada do corpo físico denso.

2. Pela retirada do corpo etérico.

3. Ao deixar mais tarde o corpo astral.

4. Ao deixar por fim o corpo mental. (1-137)

8) Ocultamente falando, qualquer processo de elevação ou “de ascensão” está automaticamente relacionado com a *morte*. Esta afeta os átomos nos órgãos envolvidos e provoca os estágios preliminares de má saúde, doença e ruptura, uma vez que a *morte nada mais é do que a ruptura e a retirada da energia*. Quando for compreendida a ciência da transferência de energia de um centro inferior para um superior, a luz estará então lançada sobre toda a problemática da morte e a verdadeira Ciência da Morte nascerá, libertando os homens do medo. (15-549)

9) “Cristo ergueu-se”, exclamam eles, e porque Ele Se ergueu o reino de Deus pode continuar na Terra, e Sua mensagem de amor pode ser largamente difundida. Eles sabem agora, além de qualquer controvérsia, que Ele venceu a morte, e que, em anos vindouros, eles verão a morte desaparecer. Que eles esperavam um reino imediato, e que esperavam ver o fato da imortalidade universalmente reconhecido, é evidente nos seus escritos e em seu entusiasmo. Que se enganaram, tem sido provado por quase dois milênios de cristandade. Nós ainda não somos cidadãos de um reino divino definitivamente manifestando-se na Terra; o medo da morte é tão intenso quanto antes, e o fato da imortalidade é ainda, para milhões de pessoas, uma fonte de especulação. Porém, foi o sentido do fator *tempo* que os enganou, como falharam em compreender os lentos processos da natureza. A evolução processa-se lentamente, e só agora estamos realmente a ponto de demonstrar o reino de Deus na Terra. Porque este é o fim de uma era, sabemos que dentro em pouco desaparecerão o domínio da morte sobre o ser humano, e o terror que o anjo da morte inspira. E isto por que nós passaremos a olhar a morte apenas como um outro passo no caminho em direção à luz e à vida, e compreenderemos que, assim como a vida cristônica se expressa nos homens e através deles, eles demonstrarão para si mesmos, e no mundo, a realidade da imortalidade.

A chave para a conquista da morte e para os processos de compreensão do significado e natureza da eternidade e continuidade da vida poderá ser revelada, com segurança, somente quando o amor governar a consciência humana, e quando o bem do todo, e não o bem egoísta do indivíduo, vier a ser a suprema consideração. Somente através do amor (e o serviço como a expressão do amor) pode a verdadeira mensagem de Cristo ser compreendida e poderão os homens caminhar em direção a uma alegre ressurreição. (22-233) 10) Ele erigiu Sua Cruz como um marco, um símbolo, e exemplo de método, entre o mundo dos valores tangíveis e o mundo dos valores espirituais, e chamou-nos para a morte da natureza inferior para que o Espírito de Deus pudesse ter total controle.

Ele nos ensinou que a morte tem que acabar, e que o destino da humanidade é a ressurreição de entre os mortos. A imortalidade tomará o lugar da mortalidade. Por nós, pois, Ele ergueu-se de entre os mortos e provou que as cadeias da morte não podem prender qualquer ser humano que possa funcionar como um Filho de Deus. (22-261)

11) Possa a energia do divino Ser inspirar e a luz da Alma dirigir; possamos nós ser conduzidos da escuridão à luz, “do irreal ao real, da morte à imortalidade”. (5-548)

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

A constituição do homem, tal como considerada nas páginas seguintes, é basicamente tríplice, tal como exposto a seguir:

I. A Mônada, ou Espírito puro, o Pai no Céu.

Este aspecto reflete os três aspectos da Cabeça de Deus

1. Vontade ou Poder. O Pai
2. Amor-Sabedoria O Filho
3. Inteligência Ativa O Espírito Santo

e só é contatado nas iniciações finais, quando o homem se aproxima do fim de sua jornada e manifesta a perfeição. A Mônada se reflete outra vez no

II. Ego, Eu Superior ou Individualidade

Este aspecto é potencialmente

1. Vontade Espiritual... Atma
2. Intuição Budi

Amor-Sabedoria, o princípio do Cristo

3. Mente superior ou abstrata Manas Superior

O Ego começa a fazer sentir sua força no homem avançado, e de maneira crescente no Caminho Probacionário até que, pela terceira iniciação, o controle do eu inferior pelo superior chega à perfeição, e o aspecto mais elevado começa a fazer sentir sua energia. O Ego reflete-se na

III. Personalidade, ou eu inferior, o homem no plano físico.

Este aspecto também é tríplice:

1. Um corpo mental manas inferior
2. Um corpo emocional corpo astral
3. Um corpo físico o físico denso

e o corpo etérico.

O objetivo da evolução é portanto trazer o homem à conscientização do aspecto egóico e sujeitar a natureza inferior ao seu controle.

Os Sete Planos de Nosso Sistema Solar

O PLANO CÓSMICO FÍSICO

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

GLOSSÁRIO

Adepto	Um Mestre ou ser humano que, tendo percorrido o caminho da evolução e alcançado o estágio final desse caminho - o Caminho da Iniciação - já recebeu cinco das Iniciações; portanto, já passou para o Quinto Reino ou Reino do Espírito, restando-lhe apenas receber mais duas iniciações.
Adi	O Primeiro; primevo; o plano atômico do sistema solar; o mais elevado dos sete planos.
Alma	Ego ou Alma, os dois termos que nós usamos como sinônimos têm significados ligeiramente diferentes e a diferença revela dois aspectos da mesma Entidade espiritual de igual nome: como Ego, ele é o Filho da Mente em relação ao seu reflexo, o homem em encarnação física, e é portanto individualista; como Alma, ele é o Filho da Mente em relação aos outros Filhos da Mente em níveis da alma e é, por conseguinte, consciente do grupo e universalista. É perfeitamente adequado usar as duas palavras como sinônimos porque a Entidade espiritual pode manifestar ambos os aspectos simultaneamente - individualista e universalista - e é tanto Ego quanto Alma; mas o estudante precisa ter uma ideia clara do significado implícito nessas expressões.
Antahkarna	O caminho, ou ponte, entre a mente superior e a mente inferior, que serve de meio de comunicação às duas. É construído pelo próprio aspirante, na matéria mental.
Ashram	O centro no qual o Mestre reúne os discípulos e aspirantes para instrução individual.
Astral	...identifica-se com Kama ou desejo, e assim... usado para o plano de ação emocional. (4-221)
Atlântida	O continente que submergiu no Oceano Atlântico, segundo os ensinamentos ocultistas e de Platão. Atlântida fica onde viveu a Quarta Raça-Raiz, à qual agora chamamos de Atlantes.
Atma	O Espírito Universal; a Mônada divina; o sétimo Princípio; assim chamado na setenária constituição do homem.
Átomo permanente	Os cinco átomos, com a unidade mental; um átomo em cada um dos cinco planos da evolução humana (a unidade mental encontrando-se também no plano mental), dos quais a mônada se apropria para fins de manifestação. Eles formam um centro estável e são relativamente permanentes. À volta deles, os vários envoltórios ou corpos são construídos. São, literalmente, pequenos centros de força.
Aura	Essência invisível ou fluído sutil, que emana dos corpos humano e animal, e até das coisas. É, um eflúvio psíquico, no qual corpo e mente tomam parte. É eletrovital e também eletromental.
Bodhisattva	Literalmente, aquele cuja consciência se tornou inteligência, ou budi. Aqueles que precisam de apenas mais uma encarnação para se tornarem perfeitos budas. Do modo como é empregado nestas cartas, o Bodhisattva é o nome da

posição que é atualmente ocupada pelo Senhor Maitreya, o Qual é conhecido no Ocidente como o Cristo. Esta posição deve ser transladada para o Senhor do Mundo. O Bodhisattva é o Primeiro, o Diretor de todas as religiões do mundo, o Mestre dos Mestres e o Instrutor de anjos e homens.

Buda	(O) Nome dado a Gautama. Nascido na Índia por volta de 621 a.c., ele tornou-se um buda perfeito em 592 a.c.. Buda é um dos "Iluminados", e já atingiu o mais elevado grau de conhecimento possível ao homem neste sistema solar.
Budi	A Alma ou Mente Universal. É a alma espiritual no homem (o Sexto Princípio) e por isso, o veículo de Atman, o Espírito, que é o Sétimo Princípio.
Carma	Ação física. Em sentido metafísico, a lei da retribuição; a lei de causa e efeito, ou a causalidade ética. Há o carma de mérito e o carma de demérito. É o poder que controla todas as coisas, a resultante da ação moral, ou o efeito moral de um ato cometido com o fim de obter alguma coisa que gratifique um desejo pessoal.
Circulo-não-se-passa	Este acompanha a circunferência da manifestação do sistema solar, e é a periferia da influência do sol, entendida tanto esotérica quanto exotericamente. É o limite do campo de atividade da força central da vida.
Corpo Causal	Este corpo, do ponto de vista do corpo físico, não é propriamente um corpo, seja subjetiva ou objetivamente. É, contudo, o centro da consciência egóica, e é formado pela conjunção de budi e manas. É relativamente permanente e dura por todo o longo ciclo de encarnações; dissipa-se somente após a quarta iniciação, quando a necessidade de um novo renascimento, por parte do ser humano, não mais existe.
Corpo Etérico	(Duplo Etérico) O corpo físico de um ser humano é, segundo o ensinamento ocultista, formado de duas partes: o corpo físico denso, e o corpo etérico. O corpo físico denso é formado de matéria dos três subplanos mais baixos do plano físico. O corpo etérico é formado dos quatro subplanos mais elevados, ou subplanos etéricos, do plano físico.
Deva (ou Anjo)	Um deus. Em sânscrito, uma deidade resplandecente. Um Deva é um ser celestial, seja ele bom, mau, ou indiferente. Os devas estão divididos em muitos grupos, e são chamados não apenas anjos e arcanjos, mas também construtores menores e maiores.
Devachan	Aquele estado de consciência no plano mental para o qual a alma passa quando despojada de seu corpo astral, e funcionando no seu corpo mental, ou por ele limitada. É de uma ordem superior ao céu convencional, e a bem-aventurança de que se goza é mais mental do que o sentido da palavra normalmente expressa; e contudo, está ainda dentro dos limites do mundo inferior da forma, e será transcendido quando o desapego for conhecido. (23-30/1)
Grupos Egóicos	No terceiro subplano do quinto plano, o plano mental, encontram-se os corpos causais individuais de homens e mulheres. Estes corpos, que são a expressão do Ego, ou da autoconsciência individualizada, são reunidos em grupos de acordo com o raio ou qualidade do Ego particularmente envolvido.
Hierarquia	Aquele grupo de seres espirituais nos planos internos do sistema solar que

são inteligentes forças da natureza, e que controlam os processos evolucionários. Eles próprios estão divididos em doze Hierarquias. Dentro do nosso esquema planetário, o esquema terrestre, há um reflexo desta Hierarquia que é chamada pelos ocultistas de Hierarquia Oculta. Esta Hierarquia é formada de chohans, adeptos e iniciados que trabalham através de seus discípulos, e por seu intermédio, no mundo.

Iniciado	Da raiz latina que significa os primeiros princípios de qualquer ciência. Aquele que está penetrando nos mistérios da ciência do Ser e do ser em todos os seres. O Caminho da Iniciação é a etapa final do caminho da evolução palmilhado pelo homem, e está dividido em cinco estágios, chamados as Cinco Iniciações.
Lemúria	Um termo moderno que foi primeiramente usado por alguns naturalistas e agora adotado pelos teosofistas para indicar um continente que, de acordo com a Doutrina Secreta do Oriente, precedeu a Atlântida. Nele viveu a terceira raça-raiz.
Logos	A deidade manifestada através de cada nação e povo. A expressão exterior, ou o efeito da causa que é sempre oculta.
Logos Planetário	Este termo é geralmente aplicado aos sete mais elevados espíritos que correspondem aos sete arcanjos dos cristãos. Todos eles já passaram pelo estágio humano, e agora manifestam-se através de um planeta e suas evoluções, do mesmo modo que o homem se manifesta através de seu corpo físico. O mais elevado espírito planetário trabalhando através de um determinado globo é, na realidade, o deus particular desse planeta.
Manas, ou Princípio Manásico	Literalmente, a Mente, a faculdade mental; aquilo que distingue o homem do mero animal. É o princípio de individualização; aquilo que habilita o homem a saber que ele existe, sente e conhece. Em algumas escolas, é dividida em duas partes: mente superior ou abstrata, e mente inferior ou concreta.
Mantras dos Versos	ou Vedas No sentido exotérico um mantra (ou aquela faculdade psíquica ou força que transmite percepção ou pensamento) é a porção mais antiga dos Vedas, dos quais a segunda parte é composta dos Brahmanas. Na fraseologia esotérica mantra é a palavra feita carne, ou tomada objetiva através da magia divina. Uma forma de palavras ou sílabas ritmicamente harmonizadas, de modo que, quando entoados, provocam determinadas vibrações.
Maya	Sânscrito, "Ilusão". Do princípio de forma ou limitação. O resultado da manifestação. Geralmente usado em sentido relativo para fenômenos ou aparências objetivas que são criadas pela mente.
Mayavirupa	Sânscrito, "Forma ilusiva". É o corpo de manifestação criado pelo adepto por um ato de vontade para o uso nos três mundos. Não tem relação material com o corpo físico. É espiritual e etérea e perpassa tudo sem qualquer impedimento. É construída pela força da mente inferior, com o mais elevado tipo de matéria astral.
Mônada	O Uno. O tríplice espírito no seu próprio plano. Em ocultismo frequentemente significa a tríade unificada - Atma, Budi, Manas: Vontade Espiritual, Intuição e Mente Superior - ou a parte imortal do homem que reencarna nos reinos

inferiores e gradualmente progride através deles até o homem, e daí, para o objetivo final.

Prana	O Princípio de Vida, o sopro de Vida. O ocultista acredita na seguinte afirmação: "Nós consideramos a Vida como a única forma de existência, que se manifesta naquilo que é chamado matéria, ou que, numa separação incorreta, chamamos Espírito, Alma e Matéria no homem. A matéria é o veículo para a manifestação da Alma neste plano da existência, a Alma é o veículo para a manifestação do espírito, e estes três, como uma trindade, são sintetizados pela Vida, a qual impregna todos eles".
Raça Raiz	Uma das sete raças do homem que evolui sobre um planeta durante o grande ciclo da existência planetária. Este ciclo é chamado um período mundial. A Raça-Raiz ariana, à qual pertencem os indianos, os europeus, e as raças americanas atuais, é a quinta raça-raiz; os chineses e japoneses pertencem à quarta raça.
"Self"	vide Alma
Shamballa	A Cidade dos Deuses, que fica a oeste de algumas nações, a leste de outras, ao norte ou sul de outras ainda. É a ilha sagrada no deserto de Gobi. É o lar do misticismo e da Doutrina Secreta.
Subplanos atômicos	A matéria do sistema solar é dividida pelos ocultistas em sete planos ou estados, sendo o superior o plano atômico. Similarmente, cada um dos sete planos é dividido em sete subplanos, chamando-se ao superior de subplano atômico. Há portanto quarenta e nove subplanos, e destes, sete são atômicos.
Tríade	O Homem Espiritual; a expressão da Mônada. É o espírito germinal que contém as potencialidades da divindade. Estas potencialidades serão desdobradas durante o curso da evolução. Esta Tríade forma a individualidade ou eu separado, ou Ego.